

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
do Estranho
Leque Rosa



NANCY SPRINGER

novo século®



NANCY SPRINGER

**O CASO DO
ESTRANHO LEQUE ROSA**



The case of the Peculiar Pink Fan an Enola Holmes Mystery

Copyright © 2008 by Nancy Springer

First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006

Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007

All rights reserved

Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século

Editoração Eletrônica: Fama Editora

Capa: Rodrigo Valpassos

Tradução: Paulo Ferro Junior

Preparação de Texto: Ana Cristina Teixeira

Revisão: Cátia de Almeida

Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy

O caso do estranho leque rosa / Nancy Springer ;

[tradução Paulo Ferro Jr]. -- Osasco, SP :

Novo Século Editora, 2012.-- Osasco, SP : Novo Século Editora, 2012.

Título original:

1. The Case of the Peculiar Pink Fan

11-00346

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2012

Proibida a reprodução total ou parcial.

Os infratores serão processados na forma da lei.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à

Novo Século Editora Ltda.

Alameda Araguaia, 2190 – 11º andar – CJ 1111

Barueri – SP – CEP 06455-000

Tel. (11) 2321-5080

www.novoseculo.com.br

atendimento@novoseculo.com.br

ISBN: 978-85-7679-684-8

Maio, 1899

– Faz mais de oito meses que a garota desapareceu...

– A garota tem nome, meu caro Mycroft – interrompeu Sherlock, com uma ligeira alteração na voz, ciente de que era o convidado de seu irmão para o jantar.

Mycroft era um excelente anfitrião, apesar de seus modos reclusos, e aguardou até que a torta de pombo-torçaz com molho de groselha estivesse assada para mencionar o desagradável problema de sua irmã mais jovem, Enola Holmes.

– Enola. Que, infelizmente, não continua desaparecida no sentido literal da palavra – acrescentou Sherlock em um tom tranquilo, quase sobrenatural. – Ela se rebelou, se libertou e efetivamente nos iludiu.

– Mas isso não é tudo o que efetivamente fez. – Grunhindo como se seu tamanho atrapalhasse seus movimentos, Mycroft se inclinou para a frente e esticou o braço para pegar a jarra de vidro lapidado.

Pressentindo que Mycroft tinha algo importante para dizer, Sherlock esperou em silêncio, enquanto seu irmão mais velho enchia seus copos com uma excelente bebida que tornava tal conversa palatável. Os dois homens haviam afrouxado seus colarinhos altos e engomados e as gravatas negras.

Mycroft bebericou de seu copo antes de continuar a falar com seu jeito ponderado e irritante:

– Durante esse período de oito meses, ela foi fundamental no resgate de três pessoas desaparecidas e em levar três criminosos perigosos à justiça.

– Eu reparei – Sherlock confirmou. – E o que tem isso?

– Você não detectou um padrão por demais alarmante nas atividades dela?

– Nem um pouco. As mais puras obras do acaso. Ela tropeçou no caso do marquês de Basilwether. Encontrou a Srta. Cecily Alistair quando fazia caridade pelas ruas disfarçada de freira. E...

– E simplesmente *aconteceu* de ter sido capaz de identificar o sequestrador?

Sherlock encarou Mycroft pelo comentário ácido.

– E, como eu ia dizendo, a respeito do desaparecimento de Watson, se ele não estivesse tão publicamente ligado a mim, teria ela se envolvido?

– Você não sabe como ou por que ela se envolveu. Você ainda não sabe como ela o encontrou.

– Não – admitiu Sherlock Holmes. – Não sei.

Devido à suave influência do vinho do porto bem envelhecido de seu irmão e à passagem do tempo de certos eventos ocorridos, os pensamentos a respeito de sua irmã fugitiva não mais lhe causavam nem um agudo desgosto nem uma penetrante ansiedade.

– E não foi a primeira vez que ela me passou a perna – ele disse, quase orgulhoso.

– Mas que benefícios ela terá de tais truques e ousadias quando se tornar uma mulher?

– Muito pouco, suponho. Ela é realmente filha de nossa mãe sufragista. Mas, pelo menos por enquanto, não temo mais por sua segurança. Sem dúvida, ela é bem capaz de cuidar de si mesma.

Mycroft gesticulou como se espantasse um inseto.

– Essa não é a questão. É o futuro da garota que está em risco, não sua sobrevivência imediata. O que será dela em alguns anos? Nenhum cavalheiro vai querer desposar uma jovem tão independente que se interessa por atividades criminais!

– Ela só tem quatorze anos, Mycroft – Sherlock pontuou calmamente. – Quando atingir a idade de ser cortejada, duvido que

continue carregando uma adaga em seu peito.

Mycroft arqueou sua sobrancelha farpada.

– Você acha que ela se adequará às expectativas da sociedade? Você, que se recusa a se formar em qualquer campo reconhecido e que inventou sua própria vocação e modo de ganhar a vida?

O primeiro e único detetive e consultor particular gesticulou com desprezo.

– Ela é uma *mulher*, meu caro Mycroft. Os imperativos biológicos de seu sexo a farão ter desejos de procriar e de ter um lar. As primeiras agitações da maturidade feminina a impelirão a...

– Besteira! – Mycroft não conseguia mais conter sua aspereza. – Você realmente acha que nossa irmã renegada irá sossegar para encontrar um marido...

– Por quê? O que você acha que ela irá fazer? – retorquiu Sherlock, aferroando-o um pouco; o grande detetive não estava acostumado com a palavra *besteira* em resposta a seus pronunciamentos.

– Talvez ela queira construir uma longa carreira procurando pessoas e prendendo malfeitores! – É possível.

– O quê? Você acredita que ela possa se estabelecer nesse negócio? Como minha concorrente? – A irritação de Sherlock dava lugar à diversão; ele começou a rir.

Mycroft disse calmamente:

– Não duvidaria dela.

– E a próxima coisa é vê-la fumando charutos! – Sherlock Holmes ria com vontade agora. – Você esqueceu que nossa irmã é apenas uma criança desobediente? Não é possível que ela possua fixação em tal propósito. Absurdo, meu caro Mycroft, um completo absurdo!

Capítulo primeiro

Até agora, meus únicos clientes como “Dr. Ragostin, vidente científico” haviam sido um homem robusto; uma viúva idosa ansiosa em encontrar seu cãozinho de estimação; uma senhora assustada que não conseguia encontrar um valioso rubi em forma de coração, que havia sido presente de seu marido; e um general do exército cuja mais querida lembrança da Guerra da Crimeia havia desaparecido, em outras palavras, o osso da sua perna, que, devido a um ferimento feito por uma bala, havia sido amputada pelo médico no campo de batalha.

Todos passatempos. Minhas energias deveriam ser direcionadas para objetivos bem mais importantes: encontrar minha mãe. Eu sabia que ela estava perambulando com os ciganos e havia prometido a mim mesma que na primavera a procuraria, não para acusá-la ou coagi-la, mas para me reunir com meu membro familiar amputado, posso dizer.

E já estávamos em maio e não havia feito nenhum esforço para procurá-la mãe. Não sabia por que motivo, com exceção de que os negócios me prendiam em Londres.

Negócios? Um cachorrinho de estimação, uma pedra preciosa e um osso da perna?

Mas clientes são clientes, disse a mim mesma. E não havia sido, é claro, necessário (ou possível) que qualquer um deles conhecesse o ilustre (e ficcional) Dr. Ragostin em pessoa. Em vez disso, a “Srta. Ivy Meshle”, sua assistente de confiança, havia devolvido o animal de estimação, um adorável cocker spaniel de pelos cacheados, para a agradecida dona, depois de pegá-lo de um comerciante de

Whitechapel conhecido por roubar cães de raça. A “Srta. Meshle” também resolveu o caso da joia perdida, simplesmente pedindo para que um garoto subisse na tília que havia do lado de fora da janela e desse uma olhada no ninho de pega¹ que havia ali. (Como eu teria escalado aquela árvore facilmente, e como sentia saudades de fazer isso! Mas não seria apropriado.) E quanto à perna encaixotada do general, eu já estava a meio caminho de encontrá-la, quando me envolvi em um caso mais intrigante e que acabou se tornando mais urgente.

Fico vermelha em confessar que o encontro inicial ocorreu dentro de um estabelecimento recém-aberto em Oxford Street, que, enquanto era reconhecidamente patroneado pelas mulheres ricas que faziam compra naquele distrito caro, não era mencionado nas sociedades mistas: o primeiro banheiro feminino de Londres.

Essa esplêndida inovação tacitamente reconhecia que as mulheres bem-criadas não precisavam mais passar seus dias em casa, a apenas alguns passos de seus próprios lavabos. Custava apenas um centavo para entrar – e valia isso, quando se precisava, mesmo que esse valor significasse, para uma criança do Distrito Leste, pão, leite e um dia de aula de gramática. O custo assegurava que a instalação fosse usada, em grande porte, por mulheres de classes mais altas, apesar de que ocasionalmente garotas que trabalhavam, como Ivy Meshle, com seus cachos falsos e roupas baratas feitas em casa, também pudessem se aventurar por ali.

Naquele dia, entretanto, eu não estava disfarçada como a levemente vulgar Ivy Meshle. Em vez disso, minhas investigações haviam me levado para os arredores do Museu Britânico – que, para meu embaraço, meus dois irmãos frequentavam. Eu me vestia como uma acadêmica, com meu nada atraente cabelo preso em um coque e meu rosto comprido e pálido disfarçado com óculos de aros de ébano. Estes, enquanto minimizavam meu nariz saliente, também

me transformavam em um objeto que não despertava muita atenção, já que nenhuma mulher moderna usaria óculos. Com um vestido de sarja de boa qualidade, ainda que apertado, escuro e sem corte, e um chapéu também escuro e simples, me sentei no confortável salão de “couro marrom e mármore falso” para relaxar alguns minutos, com a grata certeza de que provavelmente nem Sherlock e nem Mycroft entrariam ali atrás de mim.

Havia sido um dia cheio até então – acadêmicas não são muito admiradas pela população masculina de Londres –, mas aqui eu não atraía atenção. Era comum que uma freguesa cansada das compras descansasse no salão sombreado e fresco, antes de se aventurar novamente nas ruas quentes e empoeiradas.

Uma campainha tocou, a servente atravessou o salão do banheiro para abrir a porta e três senhoras entraram. Elas passaram perto de mim, pois eu ocupava um sofá de veludo amarronzado ao lado da porta. É claro que não tiraria os olhos do meu jornal e nem as notaria no momento em que entraram, se não sentisse que algo estava errado, terrivelmente errado. Uma certa tensão entre elas.

Ouvi as anáguas de seda farfalhando enquanto elas passavam, e nenhum outro som. Elas não se falavam.

Imaginando qual seria o problema, levantei os olhos sem mover a cabeça (teria sido falta de educação olhar para elas abertamente) levantei os olhos, apesar de não poder ver muito além das costas delas.

Duas senhoras bem-vestidas, com suas volumosas saias rastejando, estavam lado a lado de uma mulher jovem, magra, vestida de acordo com a última moda em Paris – de fato, era a primeira vez que via uma saia-sino em uma pessoa de verdade, sem ser uma manequim da loja de departamentos. Enormes laços amarelo-

-esverdeados e bufantes alinhados fazendo às vezes de anquinha, mas a saia em si, de uma cor amarelo-esverdeada mais escura, era

apertada por fitas escondidas, como se simulasse uma segunda cintura perto dos joelhos. E embaixo deles, ela se alargava novamente para formar um “sino” cheio de babados, por onde os pés da garota nunca apareciam; de fato, mal movimentavam o franzido enquanto ela andava, pois a saia limitava seus passos a uns vinte e cinco centímetros. Eu me encolhi, observando-a atravessar com dificuldade o salão, pois – embora sua forma fina não alcançasse o formato ideal de ampolheta – aos meus olhos ela era uma criatura adorável; era como se alguém houvesse colocado algemas em um cervo. O bom-senso sempre era sacrificado em nome da moda, claro – saias-argola, ancas... – mas essa garota, pensei, devia ser uma completa idiota da moda, usando um vestido com o qual ela mal conseguia andar!

Quando o trio se aproximava da entrada do toalete, a garota parou.

– Ande, criança – ordenou uma das mulheres mais velhas.

Mas, em vez de andar, sem dizer nada, a garota de saia-sino se sentou nada graciosamente. Na verdade, ela se atirou, quase caindo em uma das poltronas de couro escuro do outro lado do salão.

E quando seu rosto se voltou para mim, cheguei perto de engasgar de choque e surpresa, pois eu a conhecia! Não podia estar enganada. Por nossas aventuras, o carinho de irmã que sentia por ela, meu terror quando o estrangulador a atacou, tudo permanecia indelével em minha memória; a visão de seu rosto sensível, culto, me magnetizou. Era a filha da baronesa, a senhorita canhota que certa vez encontrei e resgatei – aquela era a honorável Cecily Alistair.

Mas não reconheci as mulheres que estavam com ela. Onde estava a mãe de Cecily, a adorável Lady Theodora?

E quanto à Lady Cecily... No inverno anterior eu a havia encontrado com frio, faminta e coberta de trapos, todo o resplendor

havia sumido de seus olhos brilhantes, mas nada poderia ter me preparado para a preocupação que senti com sua aparência atual. Seu rosto parecia até mais cansado do que quando a vi pela última vez, e sua expressão estava ainda mais angustiada. Com o maxilar travado, os lábios carnudos apertados de desconfiança e com um olhar de rebeldia louca, desesperada, ela encarou as duas matronas que pairavam como duas torres sobre ela.

– Não, francamente, juvenzinha – disse uma delas em tom autoritário que demonstrava que era mais do que uma acompanhante, avó, talvez, ou tia? – Você vai vir conosco. – E agarrou a garota pelo cotovelo, enquanto a segunda mulher segurou o outro.

Naquele momento eu já tinha levantado a cabeça, olhando abertamente. Por sorte, as duas matronas estavam viradas para o outro lado, todas as atenções estavam voltadas para a garota de dezesseis anos na poltrona.

Com a voz baixa, a Srta. Cecily respondeu:

– Você não pode me obrigar – e afundou ainda mais na poltrona, esmagando os laços amarelo-esverdeados, deixando sua cabeça cair de tal maneira que, se as duas mulheres quisessem levantá-la, teriam que pegá-la pelos pés. E isso não seria um esforço pequeno, embora acredite que teriam feito isso se eu não estivesse ali. Elas olharam ao redor. Rapidamente olhei para baixo novamente, para meu jornal, mas elas não eram idiotas.

– Bem – ouvi uma delas dizer em tom delicado. – Suponho que devemos ir em turnos.

– Vá primeiro – respondeu a outra. – Eu fico com ela.

Uma entrou no banheiro, ao ouvir a porta se fechando com uma batida, levantei o olhar novamente. A segunda matrona estava sentada em outra poltrona, e sua atenção estava, no momento, fixada em arrumar seu vestido de seda. Naquele instante, a Srta.

Cecily levantou sua cabeça e, como uma prisioneira, pensando nas possíveis opções para escapar, olhou diretamente para mim.

Ela me reconheceu. Mesmo que tenhamos nos visto apenas uma vez, na noite em que seu sequestrador quase a matou, ela me reconheceu. *Snap*, foi como se um chicote estralasse, tal a força e a rapidez com que nossos olhares se encontraram, pois instantaneamente ela olhou para baixo, sem dúvida para esconder de sua acompanhante a maneira como seus olhos se abriram.

Fazendo a mesma coisa, me perguntei se ela se lembraria de meu nome, o qual eu tão impulsiva e imprudentemente havia dito: Enola Holmes. Senti uma espécie de solidariedade por seu gênio infeliz, filha de uma baronesa com dupla personalidade: a artista canhota que sentia os infortúnios dos pobres e os transformava nos mais extraordinários desenhos em carvão, e ainda era obrigada a ser a doce e destra Srta. Cecily para a sociedade.

Mas eu sabia muito mais dela do que ela de mim. Podia imaginar o quão inacreditável eu, uma garota misteriosa de manto negro, naquela noite terrível, devo ter parecido para essa garota, e imagino sua incredulidade ao me ver novamente, agora à luz do dia. E sua esperança de que, talvez, eu a ajude novamente seja lá qual for sua agonia.

Qual seria o problema? Colocando o jornal de lado, como se estivesse cansada dele, considerei o desespero que havia visto nos olhos negros da Srta. Cecily, a palidez de seu rosto delicado, a severidade de seus cabelos castanho-dourados puxados para trás e presos embaixo de um chapéu simples, feito de palha e com abas lisas.

Quando, um momento depois, me aventurei a olhar novamente, ela segurava um leque.

Um leque muito peculiar, pois era todo rosa-choque – extremamente comum – e não combinava em nada com seus laços e saia verde-limão e com as luvas e botas em tom creme. E mais

ainda: enquanto sua saia era feita do melhor e mais macio surah amarelo-

-esverdeado, seu leque era de um papel comum dobrado e colado a varetas retas, com penas comuns tingidas de rosa nas bordas.

Sua pesada acompanhante, sentada próxima a ela e em um ângulo que pudesse vigiá-la, disse com raiva:

– Tenho certeza de que nunca vou entender porque você insiste em carregar essa coisa horrível, quando tem aqueles leques bons que te dei. Seda creme com varetas entalhadas em marfim e revestimento de crochê, você se esqueceu?

Ignorando-a, Cecily abriu o leque rosa e começou a abaná-lo para refrescar seu rosto. Notei que ela usava sua mão esquerda – algo significativo; ela escolhera ser ela mesma a ter de obedecer às exigências de etiqueta e às regras de boa conduta. Também notei que ela posicionou o leque como uma frágil barreira entre ela e sua guardiã. Por trás desse sutil esconderijo seu olhar encontrou o meu e, nesse momento, o leque quase como por acidente tocou-lhe a testa.

Entendi o sinal na hora: *Cuidado. Estamos sendo vigiadas.* A linguagem dos leques havia sido inventada por jovens amantes, que tentavam fazer a corte na presença das acompanhantes, e como eu certamente nunca tivera um amante – e nem esperava ter –, nos meus inocentes dias de infância em Ferndell Hall e sob a tutela distorcida de minha mãe, me divertia observando.

Sem dar nenhum outro sinal, suspirei como se estivesse com calor e cansada. Enfieei a mão em um grande bolso sob a parte da frente do meu vestido e dali tirei meu próprio leque, que carregava não pela elegância ou para flertar, mas simplesmente para refrescar meu rosto. Meu leque era de cambraia marrom, simples, mas gostoso, e o abri o suficiente – um pouco mais do que a metade – para indicar amizade.

Enquanto isso, a matrona que havia entrado no banheiro surgiu e a outra se levantou para entrar. A Srta. Cecily aproveitou o momento, quando as duas distraíram sua atenção, para abanar freneticamente o leque, sinal de agitação e preocupação.

Deixei meu leque parado por um momento sobre minha bochecha direita. *Sim*, dizendo a ela que entendi que havia algo errado.

– Use sua mão direita – disse rapidamente a acompanhante, que se preparava para se sentar. E guarde esse brinquedo tolo.

Apesar de congelar, Cecily não obedeceu.

– Guarde isso, eu disse – ordenou a sua... raptora? Parecia ser esse o papel da acompanhante.

A Srta. Cecily respondeu:

– Não. Ele me distrai.

– Não? – o tom de voz da velha e enorme mulher se tornou ameaçador... e, então, mudou. – Ah, muito bem, me desafiando... mas apenas nisso.

Diminuindo a voz em vez de aumentá-la, ela disse algo de modo tão amedrontador que não consegui ouvi-la. Sentada rígida – seu vigoroso corpete apertado ao máximo dentro de seu elaborado vestido –, a matrona mantinha-se de perfil para mim; e enquanto por fora eu permanecia sentada me abanando, internamente cada sentido meu estava alerta como um cão de caça apontando a presa. Estudando a mulher à minha frente, para reconhecê-la caso a encontrasse novamente, me dei conta de que seria difícil diferenciá-la da outra: as duas estranhamente tinham rostos carnudos e grandes, porém com expressões delicadas, sobrancelhas bem delineadas, arqueadas, narizes pequenos, lábios finos. De fato, as duas eram tão parecidas que provavelmente deviam ser irmãs, talvez até gêmeas. O cabelo da que estava sentada embranqueceu um pouco mais do que o da outra, o que conseguia ver embaixo de

um magnífico chapéu tão inclinado e enrolado que lilases haviam sido colocados *embaixo* da sua aba.

– ... se isto levar o dia todo... – sua voz aumentou um pouco, enquanto ficava mais veemente. – Você precisa de um enxoval e nós vamos conseguir um enxoval.

A Srta. Cecily disse:

– Você não pode me obrigar a usá-lo.

– Veremos. Venha comigo – disse, e logo a outra matrona emergia do banheiro, sinalizando que estava pronta ao levantar sua sombrinha.

Sem dizer nada, Cecily se levantou, mas enquanto fazia isso segurou o leque aberto na frente do rosto, significando que queria encorajar seu tímido amante, o leque tão visível sinalizava: *Se aproxime de mim*. Mas, sob tais circunstâncias, com seus grandes olhos negros suplicando para mim por sobre a borda cheia de penas do leque, ela sinalizava... o quê?

Não me abandone.

Ajude-me.

Farei o possível, pensei, enquanto batia na bochecha. *Sim* – mas como?

Salve-me.

Do quê?

– Coloque esse brinquedo desprezível no bolso!

Cecily apenas abaixou o leque rosa lateralmente e as duas matronas a cercaram novamente e a acompanharam na direção da porta ao lado de onde eu estava sentada com meu leque languidamente me abanando, mas com minha mente acelerada. Cecily agora segurava o leque pelas fitas amarradas em sua base, girando-o – outro sinal de perigo. *Tome cuidado. Estamos sendo vigiadas*.

Ela desejava discrição. Fingi abstração enquanto passavam por mim, olhando para uma terrível natureza-morta com moldura

dourada na parede da outra extremidade, mas durante todo o tempo planejei segui-las, descobrir onde elas estavam...

Tump, um impacto fez tremer o assento onde estava sentada, e de soslaio vi um borrão amarelo-esverdeado. Srta. Cecily, que havia tropeçado em sua ridícula saia-sino, caindo ao meu lado. Instantaneamente suas duas acompanhantes carrancudas a colocaram de pé e saíram com ela, sem nenhuma palavra de desculpa.

Sequer olharam para mim, mas devem ter visto o que eu vi: no assento, ao meu lado, jazia o leque de papel rosa.

Capítulo segundo

No instante em que a porta se fechou atrás de Cecily e de suas duas assustadoras acompanhantes, coloquei-me rapidamente de pé, jogando o leque rosa junto com o meu dentro da bolsa. Tinha que segui-la e descobrir qual era o problema para poder ajudá-la, porém, se eu as seguisse muito de perto, corria o risco de ser notada pelas acompanhantes. Portanto, primeiro pulei em cima do assento e, ficando na ponta dos pés, podia ver pela janela alta do banheiro. Os vitrais, em formato de diamante, distorciam minha visão limitada, mas consegui ver o trio seguindo para o ponto de táxi.

Ao descer, encontrei a servente me olhando com a boca aberta. Colocando o dedo em riste na frente dos lábios, lhe entreguei um xelim, comprando seu silêncio. Essa transação me atrasou um pouco, mas pareceu uma eternidade; com grande afobação coloquei as luvas e saí do banheiro. Para meu alívio, cheguei a tempo de ver a figura magra vestindo uma saia-sino sendo ajudada a entrar em uma carruagem de quatro rodas junto com suas duas guardiãs. Tomando nota mentalmente do número do táxi, a passos largos segui em frente para conseguir um para mim...

Mas nunca fui longe.

Naquele desatento, desafortunado momento, me encontrei cara a cara com meu irmão.

O mais velho, o mais corpulento: Mycroft.

Acabamos nos trombando e ficamos, acho, os dois igualmente assustados. Acredito que gritei. Mas só lembro que ele se lançou para a frente, emitindo uma espécie de silvo, como se alguém

houvesse dado um forte empurrão em seu colete de veludo estampado. E como tudo aconteceu rápido demais, é difícil saber quem se moveu primeiro: se ele me segurou pelo cotovelo antes ou depois de eu chutá-lo rapidamente na tíbia – mas sei que me retorci como uma enguia para me livrar dele. Lembro de ter pisado com força em sua bota de couro muito bem polida, e sem lançar mão de minha adaga, consegui me libertar e corri.

Se ele fosse Sherlock, seria pouco provável que eu alcançasse a liberdade, mas não era difícil correr de Mycroft. Eu o ouvi ofegando atrás de mim, apenas alguns passos antes que ele berrasse para Deus e o mundo:

– Detenha aquela garota!

Simultaneamente, soltei um grito agudo.

– Aquele homem passou as mãos em mim!

Uma acusação tão chocante que os passantes engasgaram ultrajados e se voltaram para Mycroft com gritos e olhares furiosos. Enquanto isso, desviando entre saias e passando por baixo dos cotovelos dos cavalheiros, me refugiei mais uma vez no banheiro feminino, passando voando pela porteira e balbuciando uma história de que havia esquecido alguma coisa. Apressando-me direto para aquela excelente instalação que serviria como santuário, encontrei a servente trabalhando com seu atomizador de perfume, tentando reprimir o inevitável fedor.

– Desapareça – rapidamente disse a ela, e sem murmúrio ela se retirou da sala.

No momento em que Mycroft, supus, havia se explicado e chamado um policial, eu já havia saído pela janela dos fundos e já não era mais uma acadêmica. Sem o chapéu, as luvas e os óculos, não me mais parecia em nada com aquela criatura desmazelada, graças a um lenço colorido de algodão indiano estampado – sempre trago coisas úteis como essa em meu busto para emergências, e também para me conceder a aparência de grandes peitos, que não

posso. Desse modo, parecendo uma boêmia com as mãos nuas, um xale mal amarrado na cabeça e pendurado a meio caminho do chão, entrei no metrô e voltei a salvo para o escritório do “Dr. Ragostin”.

Nenhum dos empregados me viu entrando, pois não entrei com minhas roupas estranhas pela porta da frente. Precisamente, pressionei o centro de determinada espiral entre os ornamentos de madeira, que gotejavam como açúcar de confeitiro por sobre todas as pedras cor de gengibre da fachada, e então dei a volta pela lateral, abri a porta secreta e entrei diretamente em uma sala interna trancada, o escritório particular do “Dr. Ragostin”. Para minha boa sorte, esse santuário havia sido adaptado para uso por um médium (um vilão – mas essa é outra história) que promovia sessões espíritas ali – por isso, há uma porta secreta, atrás da estante de livros, que dá para o exterior da casa, e também uma pequena câmara onde eu guardava meus diversos disfarces.

Coloquei meu xale boêmio de lado, liguei a lâmpada a gás e, então, me joguei no sofá de chita, franzindo a testa.

Estava desapontada comigo. Se eu estivesse alerta e tivesse tomado as devidas precauções, prestando atenção no que estava fazendo, o encontro com Mycroft nunca teria acontecido. Agora, além do embaraço que causei a mim mesma (ainda não estava pronta para me regozijar a ponto de pensar que causei embaraço a e/e), tinha perdido minha chance de seguir a Srta. Cecily e descobrir que misterioso novo infortúnio estava incomodando-a. Inclusive o número do seu táxi evaporou-se em minha mente, que aparentemente havia esquecido durante a confusão. Eu não tinha mais nenhuma pista com exceção do estranho leque caído em meu colo. De fato, se não fosse por aquele artefato rosa, teria achado difícil acreditar no que havia acontecido.

Segurando o leque contra a luz, eu o analisei. E, então, puxando uma lupa do meu busto, o estudei milímetro a milímetro. Esperava encontrar uma nota ou mensagem, mas descobri apenas varetas lisas. Seu tipo de madeira barata não havia sofrido nenhum arranhão ou recebido rabiscos a lápis; o papel rosa, liso, tinha apenas uma leve marca-d'água decorativa com um motivo xadrez, mas bem virginal. Assim também eram as bordas de penas felpudas do leque, sem dúvida, arrancadas de algum pato branco antes de serem tingidas de rosa. Não podia ver marcas nas pontas das penas, nada colocado entre as varetas e o papel, nenhum compartimento escondido, simplesmente nada de interessante.

Para o inferno com tudo isso. Se apenas...

Maldito Mycroft! Malditos irmãos idiotas!

Irritada, fui até a imensa mesa de mogno do Dr. Ragostin, onde, com lápis e papel, rabisquei uma caricatura assustada de Mycroft no momento que ele me reconheceu, suas sobrancelhas peludas se levantando como se tivesse acabado de pisar em um rato. Então, minhas emoções de alguma forma se aliviaram, e mais contemplativamente desenhei um retrato da Srta. Cecily com sua saia-sino. Sempre que fico insegura, chateada, ou perplexa me ponho a desenhar, e geralmente acho que isso me proporciona algum tipo de bem.

Não havia como a Srta. Cecily ser uma idiota da moda. Por que ela estaria usando uma saia-sino?

Rabiscando, me lembrei do chapéu achatado que havia visto em sua cabeça.

Por que tal roupa assustadoramente moderna junto com um chapéu tão fora da moda?

Em seguida, comecei a desenhar seu rosto, primeiro de perfil, e depois de frente.

A maneira como ela estava usando seu cabelo, todo puxado para trás, também não era moderno. Se ela se importasse com a moda,

teria usado uma franja para cobrir a testa alta. Ela se parecia um pouco com Alice no País das Maravilhas. Apesar das maravilhosas ilustrações de John Tenniel, nunca gostei muito dos livros de Lewis Carroll.

Alice nunca sorria.

Eu não gostava de histórias sem sentido; queria narrativas que se desdobravam com algum grau de lógica, assim como a vida deveria ser. Apesar de nem sempre conseguir. Por exemplo, não fazia sentido que uma garota bem-criada como a Srta. Cecily carregasse um leque de papel.

Por que essa coisinha boba e rosa?

Completamente entretida com meus desenhos, rascunhei Cecily novamente, dessa vez colocando o leque em sua mão e tentando capturar o modo como ela olhou para mim...

Com um estremecimento, como se, mais uma vez, um chicote houvesse estalado perto demais, senti novamente o desespero em seu olhar.

Algo estava terrivelmente errado.

Mesmo que não entendesse o que ela queria de mim, sabia que deveria tentar ajudá-la.

Mas como descobrir qual era o problema?

Depois de alguns minutos pensando, me levantei e caminhei a passos largos até uma estante de livros, onde estiquei o braço até colocar os dedos atrás de um grosso volume de ensaios de Pope e tocar uma tranca escondida. Silenciosamente a estante se abriu sobre suas dobradiças bem engraxadas, permitindo que eu passasse para meu “guarda-roupas” muito particular, no qual comecei a efetuar as mudanças necessárias em minha vestimenta e aparência.

Eu havia decidido sair e visitar os Alistair. Entretanto, como Lady Theodora me conhecia apenas como a pequena Sra. Ragostin, eu devia novamente me tornar essa humilde pessoa.

Tímida, remexendo-se e desleixada, embora carregasse um binóculo de ópera e uma sombrinha, a jovem esposa do “Dr. Ragostin” (relembrando de bater devagar) tocou a aldrava de latão da formidável porta de entrada da casa da cidade do baronete. Eu tinha conseguido chegar ao desleixo combinando luvas cinza de algodão e um chapéu de feltro verde-oliva bem mole, com um caro, porém horrível, vestido estampado de marrom. E, mais ainda, havia enfiado onze-horas, um tipo de flor fora de moda, na fita do chapéu e em meu decote. (Espera-se que os decotes da alta classe também sirvam de vasos.) Eu esperava que Lady Theodora pudesse me ver; nas minhas visitas anteriores percebi que ela, uma mulher radiantemente bonita, considerou que a Sra. Ragostin, que era exatamente o oposto, fosse alguém que não afetasse seus nervos.

Mas quando o amedrontador mordomo atendeu a porta, não trazia uma bandeja de prata; ele sequer deu uma olhada no cartão de visita em minha mão enluvada, embora eu tenha certeza de que me reconheceu:

– Lady Theodora não está recebendo visitas.

– Vossa senhoria não está bem? – eu me aventurei, lembrando de manter meu tom como o de um pardal bem-nascido.

– Vossa senhoria não está recebendo *ninguém*.

Hummm. Se este fosse um caso comum de indisposição, ele teria concordado que vossa senhoria não estava bem.

– Amanhã, talvez? – tentei.

– Muito improvável. Vossa senhoria se mantém em isolamento total.

Outro bebê a caminho, talvez? Como se a pobre Theodora não já houvesse dado à luz pequenos Alistair suficientes. Ela devia estar em idade de parar com isso. Seria esse isolamento mera coincidência, ou teria algo a ver com a mais problemática filha de Lady Theodora?

Demonstrando sofrimento e vacuidade da mente, comecei a ficar impaciente.

– Que decepcionante. Já que estou aqui... queria tanto encontrar... poderia dar apenas uma palavra com a Srta. Cecily?

– A honorável Srta. Cecily já não reside aqui.

Isso me surpreendeu por duas razões: onde estaria Cecily se não ali, em sua casa? E por que o mordomo foi tão franco? Eu percebi, por sua expressão amargurada, que ele já havia se arrependido de sua indiscrição; sem dúvida, minha presença marrom e persistente o estava cansando.

Encorajada, não me movi dos degraus.

– Verdade! A Srta. Cecily talvez já tenha ido para o interior?

Mas não conseguiria tirar mais nada dele. Pedindo licença, ele fechou a porta na minha cara.

Já não poderia falar com Lady Theodora.

E agora?

Capítulo terceiro

Naquela tarde, em meu disfarce costumeiro de Ivy Meshle, secretária do Dr. Ragostin, voltei para meu quarto alugado e dividi um não-menos-que-satisfatório jantar com cenouras e fígado com minha senhoria idosa. Como a Sra. Tupper era surda como um portão de ferro, eu tentava não conversar enquanto comíamos. Mas, depois, sinalizei que gostaria de pegar emprestado algum material de leitura. Isso quer dizer, abri e movi as mãos como se abrisse um jornal, e em seguida apontei para cima, na direção de seu quarto. Havia apenas três quartos em sua cabana do Distrito Leste: o meu, o dela e a cozinha/sala de jantar/sala de estar unificada no andar térreo. Apesar disso, a velha alma não me entendeu. Colocando a corneta acústica em seu ouvido, ela se inclinou na minha direção sobre a mesa e berrou:

– O quê? Você disse que há um morcego procriando lá em cima?

Sem dúvida, eu tinha que levá-la até o andar de cima e mostrar a ela o que queria: suas pilhas de jornais e revistas sociais.

Como uma maneira de encontrar e ajudar a Srta. Cecily, eu esperava descobrir a identidade das ostras em cuja duvidosa companhia eu a havia encontrado.

Observação da sociedade era uma ocupação que eu, sendo uma pessoa de convicções democráticas, havia desprezado até agora. Sendo assim, tinha uma boa quantidade de atualizações. Depois de carregar o material acumulado da Sra. Tupper para o meu quarto, com satisfação me liberei não apenas do vestido, mas também do aperfeiçoador de busto, dos reguladores de quadril e corpete, dos enxertos nas bochechas e no nariz, da minha franja cacheada e de

meus cílios falsos, ficando confortavelmente vestida com minha camisola e meus chinelos antes de me ajeitar para ler.

Embora não pudesse dizer que particularmente gostei daquilo. Durante as diversas horas seguintes aprendi que críquete estava muito antiquado, tênis e arco e flecha continuavam na moda, mas o mais moderno esporte para damas era o golfe. Lorde Orelhas-de-Jarro e lady Cara-de-Pastinaca haviam sido vistos treinando no Hyde Park; ela usava um vestido Worth *ciel-*

-bleu blá-blá-blá de moiré francês. Que vergonha o Kensington Palace continuar vazio apesar de sua restauração. Uma das mais distintas reuniões se daria no batizado do bebê Tal-e-Qual, primogênito do lorde Tanto-Quanto Earl de o-que-me-importa. Cetim estava fora de moda; *peau de soie* estava em alta. Uma exibição de pintura a óleo com temas sobre o progresso do Império Britânico podia ser vista na Galeria Sempre-Muito-Exclusiva. O visconde e a viscondessa de uma linhagem antiga anunciaram o noivado de sua filha Nome-Muito-Longo com Grandes-Possibilidades, filho mais jovem de Earl Sangue-Azul. Minha cabeça doía de forma abominável, achei que ficaria louca, e ainda não havia passado por um quarto da pilha. Olhei as fotos da festa no navio da duquesa Pé-de-Pato, do banquete anual do time de críquete do barão Nariz-de-Bolha, o baile de debutante da Cintura-de-

-Vespa e dúzias mais, sem encontrar nenhuma das duas caras desagradáveis que procurava.

Quando o dia se tornou noite, com felicidade me levantei da poltrona, pois acabaria cansando meus olhos se tentasse ler mais um pouco à luz de velas. Do local entre o colchão e o estrado da cama onde estava escondida, puxei a vestimenta negra e decrépita que usava quando saía para vagar pela noite.

Agora que o inverno passara, as pobres pessoas que viviam nas ruas precisavam menos de ajuda. E como meu irmão Sherlock sabia

de meu trabalho como irmã de caridade, eu era obrigada a deixar de lado meu hábito negro com bolsos fundos. Enquanto ainda conseguia jogar centavos para os menos afortunados, tive de encontrar outro disfarce com o qual podia vagar pelas horas mais escuras de Londres: saía como catadora de lixo, ou seja, alguém que vasculha montes de lixo buscando pedaços de trapos (para as fábricas de papel), osso (para adubo), metais (para as fundições) ou comida (definitivamente não era para mim). Eu usava uma saia surrada e um xale, andava demonstrando fraqueza, com dificuldade, carregando uma lamparina amassada em uma mão e um saco de pano velho sobre as costas curvadas.

Alguma inquietação inata me levava a vagar pela noite em qualquer caso, mas, ao arrumar este disfarce em particular, dei a mim mesma um objetivo: queria aprender a andar por Londres inteira, não apenas pelo Distrito Leste. Como catadora de lixo, podia ir a qualquer lugar sem interferências, pois era o exemplo de invisibilidade. Apesar de ser recomendado que um trabalhador faça seus furtos no lixo durante a noite, mesmo assim, apenas as piores e mais mesquinhas famílias tirariam tal representante dos “pobres merecedores”, que trabalha tão duro, de seu território.

Estivesse a Sra. Tupper dormindo ou não, não tinha medo de que aquela alma surda pudesse me ouvir sair. Trancando a porta atrás de mim, tomei o caminho das ruas movimentadas – nos meses quentes, as ruas estreitas dos cortiços ficam cheias até a meia-noite. De braços dados, um grupo de homens bêbados passou balançando, cantando uma canção. Em uma esquina, iluminadas pela luz dos postes, mulheres maltratadas costuravam sacos para farinha e coisas afins, trabalho que lhes rende alguns centavos, até que suas mãos e olhos não possam mais trabalhar. Em outra esquina uma mulher estava parada, mostrando um bom pedaço dos seios e das pernas, também trabalhando, mas não com costura. Por todo lugar crianças vagavam sem destino. Às vezes, parecia-me

que metade da população de Londres era constituída por crianças, e metade dessas crianças era órfã – era muito comum que as garotas dos cortiços tivessem bebês aos quinze anos e morressem aos vinte – enquanto a outra metade era de “Joãos e Marias”, rejeitados pelos pais que não podiam alimentá-los.

Este era o Distrito Leste de Londres. Dez minutos no metrô me levavam à parte oeste de Londres, que era um mundo bem diferente.

Especialmente a vizinhança para onde eu iria naquela noite. Ali, velhas casas repousavam em meio a enormes jardins, cobertas de hera, com seus quintais quadrados e cercados. Ali, as ruas eram largas e terminavam em outros jardins – cobertos de pedras. Esta área era como uma grande colcha, cujos retalhos eram os jardins e suas casas de tijolos ou pedras. Ainda não havia compreendido o suficiente para me dar por satisfeita; que tipos de pessoas viviam ali? Em uma vila de casas altas em estilo italiano, viviam os novos ricos ou a realeza empobrecida? Em um enorme edifício com teto em estilo francês do Segundo Império, viveriam solteironas ou diletantes? Em uma construção triangular estilo Queen Anne, viveria um médico? Um *playboy*?

A luz a gás iluminava algumas casas; outras ficavam no escuro. Caminhando devagar pela rua, não vi ninguém, com exceção de um par de coletores de excremento fazendo sua ronda – embora houvesse banheiros dentro das casas, ainda existiam toaletes nos fundos dos quintais que precisavam ser esvaziados, e esse trabalho desagradável tinha de ser feito no escuro; por isso os homens com o grande contêiner de metal em um carrinho. Depois que o barulho das rodas sumiu (embora o fedor, ah, ainda não), não vi nem ouvi nenhuma outra pessoa – exceto pelos passos mensurados de um guarda em sua ocupação, vindo na minha direção.

– Boa noite, moço – disse enquanto ele se aproximava.

– Muito boa noite para você, minha cara – ele era um irlandês alegre, girando seu cassete, acenando com aprovação para meu saco de pano. – Meu nariz estava me dizendo, antes daqueles fedorentos passarem, que estão jantando sopa de tartaruga falsa no número quarenta e quatro.

– Obrigada pela gentileza – e me afastei, iluminando o caminho com minha lamentável lamparina, com a certeza de que se voltasse ao número quarenta e quatro, encontraria o crânio do bezerro que haviam cozinhado.

Pode-se criar hipóteses sobre as pessoas analisando seus lixos. Por exemplo: talvez os membros dessa família tivessem aspirações que excediam seus meios, como sopa de tartaruga, pois esse item genuíno era desejado por todos os ricos.

Uma vez atrás da casa, com o crânio de bezerro em meu saco e a amizade do guarda me dando nos nervos, andei em zigue-zague pelos quintais dos fundos, entrando na maioria das vezes pela entrada da carruagem; dentro de cada garagem um cão latia de modo superficial, apenas para receber ordem para se calar do garoto ou do cavaleiro que dormia no quarto de cima, depois de dar uma espiada em mim pela janela. E, assim, admitida no submundo da vizinhança, eu começava a escolher os moradores em minha mente.

Às vezes, havia pequenas hortas atrás das garagens que podiam ser facilmente enriquecidas com adubo e palha: essas eram pessoas consistentes e sensatas. Algumas casas pareciam vazias, talvez esperando que o proprietário voltasse do exterior, mas pouquíssimas eram ocupadas por famílias com crianças, e estas ficavam evidentes pelos balanços, bolas listradas brilhantes, brinquedos de puxar etc. que ali eram deixados. E alguém tinha uma costureira em casa, costurando todas as novas roupas de primavera da família, pois escondidos no lixo encontrei linhas, trapos e retalhos

desde sarja até tafetá – e coloquei tudo no saco, iluminada por minha lamparina.

Mas, na casa seguinte, vi enquanto passava pela cerca dos fundos e sequer precisei de lamparina: por alguma razão, estas pessoas mantinham iluminação a gás acesa fora de casa, um tipo de tocha moderna. Que desperdício, e que estranho.

O portão de entrada da carruagem estava trancado com cadeado. Mas, pelos trilhos de ferro da cerca, e pela luz de todas essas tochas a gás, pude ver uma pilha de ossos um pouco além do canto da garagem da carruagem.

Uma vez que alguém começa a recolher algo, por alguma razão, esse ato se transforma em um tipo de mania. Mesmo sabendo que no fim da noite entregaria as coisas que havia encontrado para o primeiro mendigo que cruzasse meu caminho, todavia, quando vi esses ossos, tive de pegá-los. Esquecendo que supostamente deveria ser uma mulher curvada que andava com dificuldade, vinda dos cortiços, saltei a cerca em um segundo; adoro escalar coisas, e raramente tenho a chance, já que esse não é um passatempo apropriado para as mulheres. Com o coração iluminado, assim como meus passos, pulei para dentro do quintal e me virei na direção de meu objetivo.

Mas eu não havia dado três passos quando um rugido digno de um tigre-de-bengala me paralisou. Um enorme animal me atacou, se lançando contra mim como um cavalo a galope.

Deus do céu! Eu não havia visto a casinha de cachorro enfiada atrás da garagem da carruagem, e agora o dono dos ossos – um mastim enorme – desejava rasgar minha garganta.

Sem tempo para voltar até a cerca, entrei em pânico, tateando em busca de minha adaga, quando, inesperadamente, a fera parou, embora continuasse a rosnar e mostrar os dentes para mim do jeito mais assustador possível.

Mas o que estava acontecendo? Por que não estava sendo atacada?

E então eu vi.

Ah, minha deusa!

O mastim havia parado atrás da extremidade de outra cerca interna. Mas não era um tipo habitual de cerca. A não ser que eu estivesse errada...

– O que você encontrou aí, Lúcifer? – perguntou lentamente uma voz insolente. E um homem enorme, semelhante ao mastim, surgiu de trás de algumas faias e andou na direção da cerca interna.

Uma cerca afundada, como era chamada. Também conhecida como ha-ha.

Uma vala funda demarcada com pedras. Tais fossos modernos não eram incomuns nas propriedades do interior, escondidas nos limites das terras para preservar a integridade da vista e para afastar o gado e os intrusos – mas aqui na cidade? Para quê?

– Uma catadora de lixo – o forte homem dizia com desgosto, olhando para mim como se eu fosse uma barata a ser esmagada. – Como você entrou aqui?

Colocando-me em posição de total inferioridade – sem dificuldade, sob as circunstâncias –, não respondi, apenas olhei para a cerca afundada com a boca entreaberta.

– Você não sabe o que é isso, sabe, cérebro de galinha? – eu podia ouvir o desdém do homem em sua voz. – Isso é um ha-ha. E você sabe por que é chamada assim, pessoa insignificante? É chamada assim porque, quando você cai nela, nós nos aproximamos, olhamos para você e rimos, há-há, há-há...

Algo em seu tom de voz me assustou ainda mais do que o latido do mastim. Comecei a me afastar.

– ...há-há, há-há...

Me esquivei entre as sombras atrás da garagem da carruagem, fora da sua vista, decidida seriamente a escalar a cerca de ferro.

– ...há-há, e então vamos embora – ele gritou atrás de mim. – E deixamos você ali até apodrecer!

Nunca estive em perigo, na verdade. Mas, mesmo assim, até que cheguei novamente em casa e me deitei, a salvo em minha cama, não consegui parar de tremer.

Capítulo quarto

Na manhã seguinte, entrando na casa de telhados triangulares e fantasticamente ornamentada, em estilo gótico, onde o “Dr. Ragostin” mantinha seu escritório, eu carregava uma bela carga de “jornais da sociedade” em meus braços.

– Bom dia, Srta. Meshle! – gritou meu irrepreensível menino de recados, segurando a porta aberta para mim.

– Se você diz, Joddy – entrar no escritório me causou um sentimento de amargura, apesar da luz do sol de maio que entrava pelas cortinas de chita. Eu ainda sentia a sombra do estranho encontro da noite passada. Mas isso pouco importava, em comparação ao problema do estranho leque rosa. Assim como meu material de leitura sobrecarregava meus braços, o mistério em torno da Srta. Cecily sobrecarregava minha mente. Por que ela teria, de maneira tão esperta, passado para mim seu “brinquedo” de papel, com o qual eu não poderia fazer nada?

Suspirando, mandei Joddy comprar os jornais, toquei a campainha pedindo chá e, então, me ajeitei em minha mesa com os jornais de Grub Street para enriquecer um pouco mais meus conhecimentos sobre a sociedade. Lorde Gira-Mundo irá discursar para as Damas-da-Idiotice sobre o tópico de sua recente viagem descendo o rio Nilo... A Honorável Senhorita Desaprovação desfez seu compromisso com o Honorável Senhor Desapontamento... Para amaciar e embelezar o cabelo, bata as claras de quatro ovos em neve, esfregue nas raízes, e deixe descansar... Novidade para a primavera, vestido de manhã com viés de corte e costura invisível...

Eu realmente vou ficar louca... Temas coloridos de acordo com seu último desejo; o almoço amarelo, o chá rosa...

Espere um pouco.

O chá rosa, que agora está tão na moda, é um modo bastante caro de entretenimento; mesmo assim é algo que poderia estar morto ou fora de moda! Então, aqui está como um verdadeiro chá rosa deve ser feito: a toalha de mesa deve ser rosa, as louças devem ser de um tom delicado de rosa, que você pode pedir emprestadas para a ocasião. Coloque bolos brancos em porta-bolos altos forrados com um belo papel rosa. A mesa deve ser iluminada por um candelabro com velas rosa; as flores da decoração também devem ser rosa, e as serventes devem usar toucas e aventais rosa. Sirva o creme e o sorvete em recipientes modernos feitos de papel rosa, tais como cestas, caixas de presente, conchas ou pequenos carrinhos de mão. Estes, juntamente com os enfeites para a festa em *designs* muito mais bonitos, podem ser adquiridos em qualquer fornecedor que esteja na moda...

Enfeites de papel para festas.

Rosa.

Incluindo, talvez, leques cor-de-rosa baratos?

Uma conexão, um fio, uma linha bem fina na verdade, mas é melhor do que nada.

Sentando-me ereta, toquei a campainha e, quando na ausência de Joddy a servente da cozinha apareceu, pedi para ela transmitir à Sra. Bailey e à Sra. Fitzsimmons meu pedido para que pudessem favorecer-me com suas gentis presenças.

Devo explicar que, no estabelecimento gótico do “Dr. Ragostin”, não havia somente um escritório para se cuidar, mas sim uma casa cheia de hóspedes (para estabilizar minhas finanças); com tudo isso, a Sra. Fitzsimmons fazia as vezes de governanta e a Sra. Bailey, de cozinheira.

Essas duas valentes mulheres, com suas tocas brancas, apareceram na minha frente com a mesma expressão de dúvida em cada rosto com bochechas carnudas. Eu era algo mais do que uma simples secretária.

Depois de cumprimentá-las de modo agradável o suficiente – embora não as tenha convidado a se sentarem – perguntei:

– Onde alguém pode encontrar algo como um fornecedor para artigos de festas?

A Sra. Bailey inchou como um porco-espinho confuso.

– Para que você quer um fornecedor? Eu posso fazer qualquer coi...

Mas, antes que a ofendida cozinheira pudesse continuar a defender seu direito territorial à sua cozinha, eu a silencieei.

– Eu simplesmente perguntei, onde podem ser encontrados tais fornecedores?

Em qual área de Londres, eu queria dizer. Assim como as aves do mesmo gênero ficam em grupo, também funcionavam os negócios naquela cidade: banqueiros na Threadneedle Street, alfaiates na Savile Row, revistas baratas na Grub Street, médicos na Harley, peixes mortos principalmente no Billings-Gate Market.

Após um intervalo de discussão, a Sra. Fitzsimmons e a Sra. Bailey concordaram que a maioria dos fornecedores podia ser encontrada perto de Gillyglade Court, um desdobramento do moderno distrito de compras perto da Regent Street.

Uma hora e pouco depois, um táxi parou na esquina daquela meca comercial e uma moça muito bem-nascida desceu dele: eu. Para que conseguisse me transformar, tive que fazer uso da minha sala secreta, onde removi o ruço, os enxertos de bochechas e nariz, cílios falsos, apliques de cabelo etc., e coroei meu rosto longo, pálido e aristocrático com uma peruca de penteado mais glorioso, na qual inseri um chapéu que consistia em um tufo de penas e

rendas. Em seguida, toques de perfume e pó de arroz, e então um vestido perfeitamente divino de passeio verde-celadonita, pontilhado com o que havia de mais recente em mangas bufantes, e também botas de couro cinza e luvas, uma sombrinha de organza e *voilà!* Impecavelmente aristocrata, com minha adaga como sempre embainhada no busto de meu corpete, mas agora ocultada por um lindo broche de opala.

A Regent Street e seus arredores podem ser resumidos em três palavras: *vidro*, *gás* e *latão*, ou seja, vitrines arqueadas sempre limpas com artigos finos e iluminação de inúmeras lâmpadas dos mais possíveis e resplandecentes ângulos. E, neste belo dia, as maçanetas polidas das portas pareciam brilhar mais do que o habitual, porque havia menos fuligem. Com anáguas de seda farfalhando por baixo de minha saia, perambulei entrando e saindo das lojas brilhantes, girando minha sombrinha e sorrindo amigável e condescendentemente para os atendentes que surgiam atrás dos balcões. Depois um tempo, muito breve, minhas peregrinações aparentemente sem objetivo me levaram para Gillyglade Court.

Entrei em cada porta, minhas roupas opulentas mais meu sotaque aristocrático extraía o servilismo instantâneo dos atendentes. Eu rapidamente localizei diversos fornecedores de artigos para festas e descobri mais do que queria sobre os serviços. Podia ter alugado cafeteiras persas de prata polida, vasos de samambaias, esplendorosas bandejas ornamentais – sublimemente inúteis – para o centro de cada mesa, ou gaiolas douradas com rouxinóis para pendurar no teto; foram-me oferecidos sete tipos de cardápios, listas de vinhos, uma seleção de “reflexões” incluindo, mas certamente não limitado a, pedacinhos de papéis com motivos engraçados enfiados nos bombons.

De fato, esses fornecedores podem fazer quase tudo com papel.

– Ouvi dizer que um chá com tema rosa é a última moda da primavera – disse, em cada um dos cinco estabelecimentos,

olhando vagamente ao meu redor através dos binóculos de ópera.

E em cada um a resposta foi praticamente a mesma:

– Ah! Sim, de fato, sim – e me era apresentada uma pletora de bugigangas rosa: guardanapinhos rosa, margaridas rosa, embalagens de docinhos em forma de barquinhos cor-de-rosa, bandejas em forma de pétalas de rosa cor-de-rosa, esquilos de papel rosa, cartolas, cogumelos, camelos, pirâmides...

Eu considerava tudo aquilo com uma leve, mas evidente repulsão, enquanto dizia em dúvida:

– Não sei... algo um pouco mais elegante... você tem algum leque?

Não. Não, droga, eles não tinham.

Mas, na sexta loja de artigos para festas, encontrei.

– Ah! Ah, sim, nós os criamos especialmente para a viscondessa de Inglethorpe, e eles foram um grande sucesso; então fizemos mais para ter à disposição. Só um minuto e vou pegar um para lhe mostrar.

E assim veio o leque de papel rosa.

Parecia idêntico, em cada detalhe, àquele que a garota com saia-sino me entregou.

– Deixe-me ver isso – exigi, restringido minhas maneiras imperiais, mas esquecendo minha pose de indiferença enquanto agarrava o leque de papel rosa e o segurava contra a luz, olhando cada detalhe, negando, olhando para ele através do binóculo, pois algo estava errado. Diferente.

– Este é o mesmo papel que você usou para, ah...

– Para a viscondessa de Inglethorpe? Sim, exatamente o mesmo.

Papel grosso de boa qualidade, mas simples. Nenhum tipo de marca-d'água.

Fiquei ali parada por um momento, e tenho certeza de que o infeliz atendente deve ter se perguntado o porquê da minha

expressão de raiva.

– Posso levar este comigo? – ousei dizer que soei autoritária, embora minha exasperação fosse comigo mesma.

– É claro.

– Obrigada – e, de modo descortês, saí às pressas, resmungando enquanto seguia apressada para o ponto de táxi mais próximo.

– Cega. Eu estive *cega*.

Como pude ter passado distraída por um artifício tão simples e óbvio?

Humpf. Eu havia sido idiota. Obtusa. *Estúpida*. Mas, sabendo o que sabia agora, com meu dedo sobre a última pista, finalmente tinha certeza de que em breve descobriria a natureza dos problemas da Srta. Cecily.

Capítulo quinto

A Srta. Meshle voltou para seus aposentos mais cedo do que o normal naquele dia, tentando e não conseguindo sorrir ao cumprimentar a assustada Sra. Tupper e sua igualmente assustada ajudante.

Graças à surdez da primeira e à humildade da segunda, não foi preciso dar nenhuma explicação desnecessária. Eu simplesmente acenei com a cabeça e com a mão e subi para meu quarto. No momento em que fechei e tranquei a porta, me lancei sobre o estranho leque rosa que a Srta. Cecily havia me entregado. Segurando-o contra a janela, estudei um pouco mais as marcas leves sobre o papel rosa.

Marcas que havia tomado por motivos xadrez decorativos, uma marca-d'água.

E confesso que disse algo bem feio, pois devia ter adivinhado da primeira vez que vi.

Mas a irritação não me levaria a lugar nenhum. Colocando mentalmente as emoções de lado, acendi um fósforo, com o qual acendi as velas de um castiçal. E, então, pegando aquele mistério cor-de-rosa mais uma vez nas mãos, eu o abri até formar um semicírculo e comecei gentilmente a abanar as chamas, cuidando para não chamuscar o papel.

Cuidadosamente movimentando cada parte dele sobre o calor, igual e lentamente, observei linhas marrons começando a emergir do fundo rosa.

Sim.

Escrita invisível.

Com aprovação, notei que a Srta. Cecily, com o instinto da verdadeira artista, deve ter usado um pincel bem fino em vez de uma caneta, para não deixar impressões sobre o papel depois que sua “tinta invisível” – provavelmente suco de limão – secasse.

Meu coração acelerou, pois a mensagem secreta escrita no leque estava quase pronta para ser lida.

Aliás, para ser decifrada.

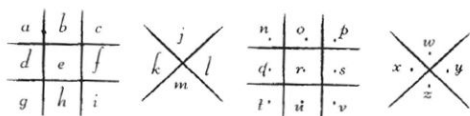
Quando me senti segura de que o papel rosa do leque havia entregado todas as linhas possíveis, me apressei em sentar com a escrivanhinha no colo, peguei algumas folhas de rascunho e comecei a copiar o recado a lápis, para o caso do original sumir. Mesmo agora estava difícil ver claramente. Com algum trabalho de adivinhação transcrevi isto:

□□<L<W<>□□□
□□□^□□□□□□
□□<□□

Várias semanas antes, durante um período de inatividade e, devo confessar, solidão, adquiri e li uma publicação sobre escritas secretas e criptografias. Não é algo que normalmente leria, mas essa “monografia insignificante” (palavras deles) havia sido escrita por Sherlock Holmes, meu irmão. Havia lido e relido aquilo apenas para “ouvir” sua precisa e calma apaixonada voz.

E assim, graças a Sherlock, sabia que diante de mim havia algo chamado criptografia maçom, inventada pelos membros da maçonaria no século passado – mas facilmente teria resolvido isso antes de ler o excelente texto do meu irmão, pois esse “código secreto” não era secreto, sendo comumente usado entre as crianças nas escolas de todos os lugares. De fato, isso poderia ser decodificado tão facilmente que me perguntei o porquê da Srta. Cecily ter se incomodado em usar uma criptografia.

No topo do papel, rabisquei o código:



Para cifrar, é preciso desenhar o formato de cada letra, por assim dizer. Absurdamente simples. Decifrar é tão simples quanto. Voltando à mensagem secreta, rapidamente a traduzi assim:

HELCLOCKEDIA
EBBMFGAEIED
UNLES

Isso era tudo.

– Maldição – resmunguei, olhando para essa mensagem pouco satisfatória à minha frente. As únicas palavras que faziam sentido eram *clock*, “relógio” e, no final, *unless*, “senão”, grafada de forma errada.

“Senão”? Senão o quê? A palavra sugere altercação. Faça isso e aquilo senão vai tomar uma surra, ou não faça isso e aquilo senão...

Senão o quê? Uma sentença não pode acabar com *senão*.

A não ser que a palavra não esteja grafada errada, mas incompleta? A mensagem foi interrompida? Sugerindo coação?

Senti em meus ossos que havia atingido a verdade; a Srta. Cecily havia sido incapaz de terminar sua mensagem. Evidentemente era vigiada de perto. Desejei que ela tivesse escrito em inglês simples e direto, pois teria conseguido terminar mais rápido.

Mas, então, entendi porque ela não o fez. A tinta “invisível”, apesar de secar e ficar limpa, na verdade não se torna impossível de ver; ela deixa um brilho notável em certo tipo de luz. Letra de mão seria detectada. Mas as criptografias de linhas retas se mantinham bem ocultas nas dobras do leque, como se fossem um

tipo de decoração, e ao mesmo tempo simples para que quem as recebesse fosse capaz de decifrar.

Inteligente.

E desesperada. Uma criptografia escrita secretamente em “tinta invisível” em um leque de papel, entre todas as coisas, e então entregue a alguém que ela encontrou acidentalmente, alguém que ela mal conhecia. Certamente tal criptografia deveria ser uma súplica de ajuda, de resgate, de socorro...

É claro.

As primeiras quatro letras não eram *HELC*; era *HELP* – socorro. A criptografia para P parecia com a do C, com exceção de que ela possui um ponto, que evidentemente não havia percebido.

E o *clock* então?

Eureca! A próxima palavra tinha que ser *locked*, “trancada”!

Fervorosamente direcionando meu lápis novamente para a criptografia, ciente dos pontos perdidos, eventualmente cheguei ao seguinte:

□□<└<┘└>□□┐┘
□┘┘┘^□┘┘┘□□
┘┘<□□

Decifrando:

HELPLOCKEDIN
ROOMSTARVED
UNLES

Ou, em português, “Socorro! Estou trancada em meu quarto passando fome... a não ser que...”

Devo admitir que minha primeira reação ao ler foi de imensa gratidão; senti toda a emoção da caça. E da elucidação: Eureca! Eu entendia porque a Srta. Cecily usava uma coisa tão estúpida quanto uma saia-sino. Ela havia sido forçada a usar, para que não pudesse

andar com facilidade e não fosse capaz de fugir de suas acompanhantes dragões de guarda. Agora, com o passeio terminado, ela estava, presumivelmente, trancada novamente. Mas onde? Este é um caso de pessoa desaparecida de fato! Eu previa investigações, aventuras e talvez até mesmo um resgate...

Mas imediatamente meu fervor se tornou horror pela saúde de Cecily. Eu seria capaz de encontrá-la a tempo? Seria capaz de encontrá-la antes...

Do quê? Ela estava sendo mantida trancada e faminta a não ser o quê?

A não ser que ela se rendesse a alguma exigência, obviamente. A não ser que ela obedecesse a alguma ordem que desafiou. A não ser que ela concordasse a...

– Ah, não – sussurrei assim que me lembrei. – Ah, que terrível! Seria isso?

Você precisa de um enxoval e nós vamos conseguir um enxoval, uma das matronas de guarda havia dito.

Eu não tinha uma ideia muito clara de como era ou o que poderia conter em um enxoval; o máximo que sabia era que consistia em rendas caras para algo proibido de se mencionar. Mas sabia para que servia um enxoval.

Elas a trouxeram para Londres para comprar um enxoval.

Isso significava que ainda não estavam preparadas – não haveria tempo de noivado o suficiente para que as fitas e rendas fossem amorosamente costuradas. E não haveria tempo para que um estilista criasse um.

Com horror me coloquei de pé, espalhando papel, lápis e a escrivanhinha no chão.

A Srta. Cecily iria se casar.

Em breve.

Contra a sua vontade.

Capítulo sexto

Eu tinha que encontrá-la. Tinha que encontrar a Srta. Cecily E livrá-la de tal destino terrível e injusto.

Mas como?

Enola, se acalme. Pense. Aquela voz dentro de mim – era como se minha mãe falasse comigo, e por um momento o rosto de minha mãe preencheu minha mente.

Uma lembrança reconfortante, mas com ela vinha um pensamento frustrante. Eu estava me afastando da tarefa de encontrar minha mãe. Por quê?

Será que realmente não queria vê-la?

Que tipo de filha eu era?

Mas, novamente, foi minha mãe quem fugiu primeiro, não eu.

E eu ainda não a havia perdoado?

Que se exploda tudo! Perguntas malditas que não podia responder... não, não desejava responder.

Atirando mentalmente todas as perguntas para o lado, me sentei, peguei papel e lápis novamente e disse a mim mesma que, estando em uma situação tão horrível, a Srta. Cecily vinha em primeiro lugar. E depois minha mãe. E, então, em um distante terceiro lugar, o osso da perna do general, que, afinal de contas, não precisava dele para nenhum propósito útil.

A respeito da Srta. Cecily, o que eu sabia com certeza sobre seus problemas?

Quase nada.

Muito bem; o que eu poderia supor?

Escrevi:

Sua mãe está reclusa.

Eu não conseguia imaginar Lady Theodora apoiando um casamento forçado.

A Srta. Cecily havia sido afastada da sua mãe.

Provavelmente ideia de Sir Eustace.

O que fazia sentido. O que fazer com uma filha angustiantemente canhota, fora do convencional, com opiniões políticas, que havia sido escandalosamente sequestrada e que, portanto, era considerada produto não desejado no mercado de casamentos? Por que não contornar a habitual apresentação da garota à sociedade arrumando algum tipo de artifício particular, provavelmente por incentivo financeiro?

Parecia que os dois dragões com as quais eu havia visto Cecily estavam tomando conta dela nesse meio-tempo. Minha tarefa agora era identificá-las e encontrá-las.

Escrevi:

Suas acompanhantes, orgulhosa e ricamente vestidas, pareciam ser de sangue nobre.

As acompanhantes pareciam exercer autoridade familiar sobre ela.

Elas a vestiram com um tom amarelo-esverdeado; poderiam elas ter bom gosto estético?

Cecily e seu séquito tomaram um táxi, com o número ____

Provavelmente, ela conseguiu o leque em um chá rosa – seria o chá rosa da viscondessa de Inglethorpe?

Tudo isso não ajudaria muito.

Apesar de não conseguir me lembrar do número do táxi, mesmo assim, decidi que poderia me sentir moderadamente orgulhosa por ter lembrado o nome da viscondessa.

De fato. Esta era minha única pista.

Se algum dos jornais da sociedade pudessem, talvez, ter publicado uma pequena “nota” sobre seu chá rosa e... supondo que as acompanhantes tenham estado presentes com a Srta. Cecily... se eu conseguisse encontrar um relato onde estivesse listado os nomes dos convidados...

Mas, quando meus olhos se voltaram para a pilha de lixo que teria de ler, gemi alto. Mesmo se encontrasse o que estava procurando, seria necessário que de algum modo eu selecionasse os convidados para encontrar as ostras que cuidavam da Srta. Cecily. Pior, e se eu vasculhasse os malditos jornais por horas e horas e, no final das contas, o grande chá da viscondessa nem estivesse ali? Uma viscondessa não era, afinal, socialmente igual à esposa de um duque ou de um conde; e se nenhum repórter da sociedade se deu ao trabalho de...

Uma ideia surgiu com tanta força que minha respiração ficou presa na garganta. Deixei-a ficar ali por um momento enquanto considerava. E então, soltando-a, sorri.

Como eu não tinha conhecimento real de como um repórter social deveria ser, só podia imaginar: uma mulher com mais educação que meios, uma senhorita requintada quase como uma governanta, forçada a ganhar a vida até encontrar um homem que tome conta dela. Suas roupas devem ser simples, inclusive um pouco gastas, mas nunca deve lhe faltar bom gosto. Um objeto de ternura e condescendência.

Com grande afobação, comecei a caçar meu muito propício terno de *tweed* marrom, que serve para todos os propósitos. Como havia pulado o almoço, ainda havia tempo.

Mais ou menos uma hora depois, no batido terno mencionado, limpa e usando luvas, escondida embaixo do véu de um chapéu marrom, com um caderninho de notas de estenógrafo e um feixe de

lápiz na mão, me apresentei na porta da residência da cidade do visconde de Inglethorpe.

Ao mordomo, que mais parecia um soldadinho de chumbo de tamanho exagerado, que atendeu minhas batidas, eu disse:

– Sou da *Gazeta das Mulheres*.

Havia verificado muitas edições anteriores dessa tão admirada publicação e não encontrei nenhuma menção a Inglethorpe, assim senti que estava colocando os pés em terreno seguro enquanto continuava.

– Eles me mandaram para ver se eu poderia fazer um relato sobre o chá rosa da viscondessa.

– Um pouco tarde, não é? – retumbou o mordomo. – Isso foi a mais de uma semana.

Quando em dúvida, não diga nada. Respondi apenas com um sorriso dócil, suas sobancelhas se ergueram juntas.

– Você não tem um cartão?

– Sou nova – improvisei. – Eles ainda não imprimiram o meu.

– Ah, então é assim que as coisas são. Eles enviam uma novata uma semana depois... – Não me importei com o ressentimento em sua voz, pois isso mostrava que havia adivinhado o correto: a viscondessa de Inglethorpe queria muito ser incluída nos jornais da sociedade com a mesma frequência e espaço que, por exemplo, uma duquesa. A viscondessa se sentia negligenciada na imprensa feminina, e seus funcionários compartilhavam desse sentimento.

Reprimi um sorriso, tendo agora a certeza de que seria admitida; tal vaidade não iria me dispensar.

De fato, mesmo que o mordomo tenha se dirigido pessoalmente ao segundo andar para consultar Lady Inglethorpe, a governanta da casa, uma mulher inesperadamente agradável chamada Dawson, já estava me levando para a sala matinal onde o chá havia acontecido.

– Nós deixamos como estava – ela dizia. – Com exceção das flores, é claro, até que a sala seja necessária para outra coisa, pois

minha senhora teve muito trabalho para criar esse efeito e gosta de admirá-lo.

“Admirar” talvez não fosse a palavra que eu usaria, pois senti como se tivesse entrado na teta de uma vaca. Nunca antes tive qualquer preconceito com a cor-de-rosa, mas comecei a odiar no momento em que fiquei em pé entre as cortinas rosa com lambrequins rosa, as mesas enfaixadas de rosa, as paredes...

Relembrando meu disfarce, e também para esconder meu rosto, no caso de revelar um toque de náusea, abri um caderno de anotações e comecei a fervorosamente tomar notas: fitas de gorgorão rosa nos rodapés e nos quadros, redes rosa descendo do teto, lanternas japonesas rosa penduradas em cordinhas rosa de crochê.

– Servimos bolos de coco com cobertura rosa e branca, e colocamos pedaços de gelo rosa em formas de cupidos e cisnes nas mesas. Nossa senhoria usou um vestido rosa que veio da França, e nós, serviçais, usamos toucas rosa e aventais rosa feitos especialmente para a ocasião. Ah, com velas rosa e tudo... foi como se aqui fosse uma terra de fadas cor-de-rosa!

Contraindo os dentes contra a repulsa que senti no coração, rabiscando, murmurei:

– Flores?

– Ah! A mais adorável abundância de rosas, e para as lapelas dos senhores, rosas, apenas essas eram brancas – essas flores podem ser de qualquer cor, mas são chamadas “rosas” você sabe.

– Sim, entendo – forcei um sorriso. – Brilhante.

– Ideia de vossa senhoria. E como brindes, havia leque de papel rosa para as damas, e cartolas de papel rosa para os cavalheiros.

De um modo vazio respondi.

– Que divertido.

– Sim, se divertiram muito com eles.

Finalmente, uma oportunidade de obter a informação que queria.

– E quem foram os convidados?

– Jacobs foi perguntar à viscondessa se pode lhe dar uma cópia da lista de convidados. Vamos ver se ele já desceu?

– Por favor – tenho certeza que meu tom soou um pouco fervoroso demais; estar naquela sala me fazia sentir como se eu houvesse me empanturrado de ameixas com açúcar. Respirei profundamente de agradecimento quando voltamos para o corredor da mansão, que tinha uma decoração mais normal.

Mas, enquanto passávamos pela porta da sala de pintura, que estava aberta, parei abruptamente, olhando para dentro.

– Esplêndido, não é? – a governanta observou quando percebeu o que distraía minha atenção.

No fundo da sala formal, no lugar de honra sobre a lareira, estava pendurado um grande retrato a óleo com uma moldura dourada de uma dama elegantemente deitada sobre um divã. Da cabeça aos pés, e quase do tamanho real, era a tradução de sua falta de interesse para com o mundo, em uma pose segurando um gato persa sobre o mais elaborado vestido de seda que eu já imaginara ou vira. Deixe-me fazer uma observação, como aparte, de que a ideia de manter um gato doméstico em uma mansão cheia de caras louças chinesas sempre me soou absurda, mas parece-me que são os ricos que mostram os comportamentos mais idiotas, como colocar em risco um cristal de Waterford, ou manter um gato junto aos seios o que, com certeza, irá deixar pelos brancos em todo o vestido. Entretanto, não foi nenhuma dessas considerações, nem ainda o notável traje de corpo inteiro da mulher no retrato, que parou meus passos.

Na verdade, foram os traços delicados de seu rosto carnudo.

– Esta é minha patroa, claro – a governanta estava dizendo.

A viscondessa: uma das matronas que eu havia visto no banheiro das senhoras.

Quase não tive tempo de me dar conta do perigo no qual havia me colocado, quando a voz do mordomo soou atrás de mim:

– Lady Otelia Thoroughfinch, viscondessa de Inglethorpe, deseja vê-la em sua sala de estar particular.

Capítulo sétimo

Oh.

A viscondessa em pessoa.

Ah, meu Deus. Senti um desejo insuportável de fugir, como se de alguma forma ela soubesse – o que, claro, não seria possível –, mas e se me reconhecesse? E se ela descobrisse que eu não era da *Gazeta das Mulheres*, e que estava metendo meu enorme nariz em seus negócios? E se suspeitasse que eu havia recebido um estranho leque rosa...

Todos esses pensamentos assustadores gritaram em minha mente antes mesmo que eu me virasse para seguir o mordomo até o andar superior. Em momentos como esse, que penso que foi uma coisa boa meu pai ter sido uma pessoa lógica, e eu havia sido educada com seus livros, como segue:

Premissa: A viscondessa de Inglethorpe e eu ocupamos o saguão do banheiro das mulheres ao mesmo tempo.

Premissa: Ela irá me reconhecer.

Conclusão: Inconclusiva.

Premissa Fraca: Ela percebe a minha existência e me reconhece.

Premissa: Ela irá se dar conta de que NÃO sou uma repórter da *Gazeta das Mulheres*.

Conclusão: Não válida, já que uma repórter pode muito bem usar o banheiro das mulheres.

Entretanto, assim que esses pensamentos calmos e racionais começaram surgir – ao mesmo tempo em que cheguei ao topo da

escadaria –, houve um barulho como se a pesada porta da frente se abrisse com violência, e uma voz de homem rosnou: “Há-há!”.

Pulei e guinchei como um coelho capturado, pois aquela era a voz do homem hostil, dono do mastim e da cerca afundada!

Mas não podia ser! Minha mente lógica tentou mais uma vez interceder. Qual a possível razão...

– Há-há! Aqui estamos!

O mordomo, que da maneira inexpressiva dos mordomos parecia tão surpreso quanto eu, disse:

– Com licença por um momento, senhorita.

E desceu as escadas novamente para ver o que estava acontecendo, deixando-me espiando por cima do corrimão.

– Arquivem tudo aí dentro! Há-há! E fiquem olhando com essas caras de bobos, por favor, seus maltrapilhos.

Ah, minhas estrelas do mal, agora eu conseguia ver – era o mesmo homem grande que havia ameaçado me deixar apodrecer no meio da noite em sua vala. Avançando pelo *hall* de entrada, resplandecendo com sua gravata de abas largas, jaqueta de campo, calças cor de carvão e polainas creme, e seu rosto se esforçando para manter um sorriso estranho, que provavelmente tinha a intenção de ser um sorriso aberto, ele estava sendo seguido pela mais improvável companhia: órfãs em fila, de duas em duas, garotinhas vestidas com os terrivelmente tradicionais vestidinhos de algodão marrom e os cabelos cortados tão curtos (para prevenir os piolhos) que mal pareciam garotas se não fossem suas tocas onduladas.

O mordomo se aproximou do homem há-há e o saudou com seriedade, murmurando algo.

– Apenas dando um tratamento às pequenas mendigas, há-há! – o homem rosnou.

De meu refúgio, atrás dos corrimões da escada, observei com fascinação quando sua testa careca ficava vermelha como um

tomate.

– Algo errado com isso? – o jeito aristocrático do mordomo havia aparentemente escondido alguma questão sobre a presença do homem, devido às circunstâncias.

– Olhe, mas não toque – alertou uma áspera mulher de meia-idade no fim da fila de vestidinhos marrons. Uma matrona do orfanato, percebi no instante em que a vi, não apenas por causa de seu vestido marrom liso e seu comportamento ainda mais severo, mas porque usava, como todas as matronas, o mais estranho e inequívoco chapéu de algodão branco engomado, no formato de uma tulipa invertida com ondulações em toda borda. No minuto em que tiver uma chance, tenho que desenhar a figura de uma matrona de orfanato como uma torre reta e marrom, com uma faixa de luz branca no topo.

– Devo notificar a viscondessa? – o mordomo estava perguntando. Ou não perguntando, na verdade. Avisando.

– Não há necessidade! Estou apenas mostrando às queridinhas o que elas vão encontrar pela frente, há-há, se forem servir em *minha* casa, sabe, há há! – E com tal declaração ultrajante, pois ficou bem claro, pelas maneiras do mordomo, que essa não era a casa *dele*, – o sorridente e brilhante homem-mastim berrou: – Por aqui, pivetes! – e entrou a passos largos.

Reunidas ombro a ombro, apertando as mãos umas das outras, com seus rostos exibindo o terror que eu sentia, as órfãs o seguiram mais lentamente. Atrás delas, a matrona as arrebanhava, enquanto todos desapareciam da minha vista embaixo da escadaria de onde eu assistia a tudo. Apesar de saber que o homem há-há não havia me visto, e que não teria me reconhecido em nenhuma circunstância, meu coração acelerou, e como as damas nunca suam, nem mesmo perspiram, certamente senti meu personagem passar para a condição de “toda brilhante”.

O mordomo regressou para o andar superior, e seu rosto branco estava tão eloquentemente vazio que não me atrevi a perguntar quem era o homem há-há. Na verdade, não me atrevi a falar.

Com dificuldade me obriguei a soltar o corrimão da escada, o qual eu segurava. Em um silêncio glacial, o mordomo me acompanhou até uma porta.

– Madame, a jornalista que lhe informei, minha senhora – ele me anunciou enquanto abria a porta. Sua intenção, como parecia, era permitir que sua patroa continuasse ignorante a respeito da invasão no andar inferior, ao menos por enquanto, em minha dúbia presença.

– Sim. Perfeitamente – disse a viscondessa, enquanto gesticulava bruscamente para que eu entrasse, mal olhando para mim, graças à deusa.

Depois de um momento fui capaz de respirar fundo e recobrar um pouco da minha calma comedida. Vossa senhoria, é claro, não me convidou a sentar; uma repórter comum não poderia ficar muito tempo. Nem me deu a chance de fazer alguma pergunta; ela tomou o controle:

– Quero que você veja o que vesti no chá rosa – ao sinal, uma empregada que estava esperando emergiu do *closet*, carregando um vestido rosa. – Este é um vestido Worth – a viscondessa declarou, e começou a ler em voz alta o programa do salão: – “Este requintado vestido de chá foi confeccionado a partir de tafetá pompadouriano chinês rosa com graciosas pregas de outros tecidos, adornados em volta da...”, escreva isso! Quero que você anote exatamente o que estou dizendo.

Obedientemente escrevi e, enquanto isso, notei que o vestido jade-damasco caseiro, que a viscondessa usava, podia ter cada pedaço seu descrito como foi elaborado; de fato, a mim, parecia que ela poderia ser apresentada à rainha com ele. Não podia ficar mais aparente que esta mulher tinha aspirações acima de sua posição.

– “...adornado em volta do decote com tule branco bafejado sobre cetim, com botões perolados, uma faixa dupla de pérolas rosa começando no busto e drapejando até o lado direito da saia, fixando-se ali com um fecho de ouro rosa inspirado nas sibilas da Capela Sistina de Michelangelo...”, você anotou tudo isso?

– Sim, minha senhora – menti. – E posso perguntar os nomes daqueles que compareceram, senhora?

Agora que sabia quem era a viscondessa, queria descobrir quem poderia ser a outra acompanhante dragão que estava com ela e com a Srta. Cecily, na ocasião em que as encontrei. Eu esperava que a identidade da outra ogra pudesse ser revelada pela lista de convidados do chá rosa.

– Ah! Sim, estou com a lista aqui. Estiveram presentes a condessa de Woodcrock, é claro (ela disse isso de uma maneira tão pontual que eu soube que a condessa era seu grande prêmio do evento), Lady Dinah Woodcrock; conde Thaddeus infelizmente não conseguiu comparecer. E então vieram as três filhas do conde de Throstlebine, as honoráveis senhoritas Ermengarde, Ermentrude e Ermenine Crow, acompanhadas por...

E assim continuou, até que comecei a ficar desesperada, achando que jamais iria adivinhar entre todas elas.

– ... e a baronesa Merganser. Lady Aquilla Merganser. Ela é minha irmã, você sabe.

– Ah, verdade? – meu interesse não foi forçado; será que por acaso essa irmã tinha a aparência quase igual à dela? Seria Lady Aquilla Merganser quem...

– De fato. Aquilla se casou com alguém abaixo de sua posição, temo eu. (Absurdo pomposo, pois, praticamente falando, um barão não é uma criatura melhor nem pior do que um visconde.) Seu marido não compareceu, mas ela trouxe consigo seu filho, Bramwell, e sua noiva, a honorável Cecily Alistair.

Sim! Ah, Sim! Enquanto uma das ogradas era a viscondessa, é quase certo que a outra ogradinha tinha de ser sua irmã Aquilla, que tinha um filho chamado Bramwell, que pretendia casar com a infeliz Srta. Cecily. Com dificuldade de esconder minha excitação enquanto anotava os nomes, balbucieei:

– Uma jovem muito atraente, tenho certeza.

– Poderia ser, se ela se desse ao trabalho. Temo que seja muito mimada e imatura – e então, abruptamente, como se meu interesse na Srta. Cecily a fizesse fechar a porta para qualquer futura discussão, Lady Otelia me deu as costas... seu *derrière*, notei, apresentava a aparência de andar muito a cavalo só de um lado da sela, sendo visivelmente assimétrica, a parte direita mais alta do que a esquerda. Com dificuldade, suprimi um sorriso.

A viscondessa fez um gesto me dispensando.

– Isto é tudo.

– Sim, minha senhora – a pessoa deve interpretar seu papel; na verdade, me inclinei em um tipo de reverência. – Obrigada, minha lady.

O mordomo esperava-me para me mostrar a saída. Sua postura agora era tão ereta que chegava perto de ser marcial. Imaginei se o desfile de órfãs que aparentemente não haviam sido convidadas já havia deixado as dependências. Mas não ousei mencioná-las, pois tinha um pedido a fazer. Uma vez confortável no andar de baixo, perguntei se poderia falar com a governanta Dawson, novamente.

– Só por um momento, para agradecê-la por sua ajuda – adulei.

Com soberba indiferença o mordomo assentiu. Alguns minutos depois, a amigável Dawson se sentou no salão dos empregados comigo. Ela ficou satisfeita em repassar a lista de convidados do chá rosa com muito mais detalhes do que sua patroa havia feito.

Pouparei o gentil leitor de qualquer descrição das fofocas necessárias que antecederam o que eu queria saber. Encorajei vários minutos de “confidências”, antes de me sentir segura para

mostrar curiosidade a respeito da viscondessa Otelia e sua irmã, Lady Aquilla.

– Ah, sim – declarou a boa Dawson –, elas são como duas ervilhas da mesma vagem.

Eureca! pensei. Bem como havia suposto, deve ter sido a baronesa Aquilla estava com a viscondessa Otelia e com a Srta. Cecily no banheiro das mulheres.

Minha pobre senhorita canhota! Suprimi um desejo de temer por ela. Como Bramwell Merganser, o futuro noivo, era filho de Aquilla, a menos que eu conseguisse frustrar seus planos, aquela mulher “charmosa” se tornaria sogra da pobre Cecily.

Embora ansiasse por saber mais sobre o casamento sugerido, eu precisava proceder com cuidado com Dawson, para que não levantasse suspeitas; inclusive o mais tagarela dos empregados guarda lealdade à sua patroa. Recostei-me em minha cadeira à sua frente na mesa de chá.

– Elas têm muitos filhos? – perguntei, já que essa seria a questão que mais naturalmente surgiria a respeito das irmãs Otelia e Aquilla.

A propagação de muitos filhos, apesar de ser uma perturbação entre as classes baixas, era considerada uma virtude entre os nobres, exemplificada pela própria rainha Vitória, que havia concebido nove.

– Infelizmente, minha senhora, a viscondessa não tem nenhuma prole viva – disse Dawson com simpatia, ainda que, ao mesmo tempo, com um certo prazer de que a tragédia da mortalidade infantil, devido à febre maculosa e coisas do tipo, não se limita apenas às classes mais baixas. – E dos cinco da baronesa Aquilla, apenas Bramwell sobreviveu até a maioridade. E ela fez dele um bom filhinho da mamãe, temo eu – completou Dawson pensativamente, enquanto voltava a encher nossas xícaras de chá.

Exteriormente, espero, eu me mantinha tranquila, mas interiormente latia e ofegava, um cão de caça sentindo o cheiro da presa bem próxima.

– Sério? Qual é a idade dele?

– Quase trinta, e ainda vivendo em casa, sem fazer nada por conta própria. E parece que provavelmente passará o resto da vida dessa forma, pois logo irá se casar.

– Sim, é o que vejo! – muito natural, minha curiosidade, muito inocente. – E essa Srta. Cecily Alistair, quem é ela?

– Uma prima. Seu pai, Eustace Alistair, é irmão de Lady Aquilla, e de Lady Otelia, claro.

Ah, Deus. Que desagradável, mesmo que não houvesse nada de escandaloso no arranjo, pois primos se casando com primos era uma prática comum entre os sangues azuis, para manter as propriedades na família. Porém, com a consequência sem intenção de que cada geração nascesse cada vez mais feia que a anterior.

E casar sua filha com o filho de sua irmã era exatamente o tipo de coisa que Sir Eustace faria. Eu me lembrava de como ele estava mais preocupado em acalmar o escândalo do que com a segurança de sua filha, quando Cecily havia sido sequestrada. Após seu regresso, tenho certeza de que ele a encarava como uma desgraça e não como uma vítima. Não se preocupava com sua sensibilidade. E, de modo a evitar futuros embaraços a si mesmo, portanto, ele decidiu casá-la de modo mais discreto do que apresentá-la à corte. Eu imaginava o tamanho do dote que havia pago aos Merganser.

Dawson esperava minha resposta:

– Hum, um bom casal – arrisquei.

– Sim, de fato, um casal muito bom.

Durante todo esse tempo, havia deixado de lado uma fascinante, mas indelicada pergunta: queria muito saber quem era o homem há-há... pelas suas roupas, um cavalheiro, talvez com algum título ou

alguma conexão com essa família. Entretanto, mesmo sabendo que não devia, perguntei:

– Por acaso foi Sir Eustace que tão bondosamente acompanhava as órfãs...

Mas eu havia chegado aos limites da boa vontade de Dawson em divulgar as coisas. Ela respondeu com uma gentil aflição:

– Não, de fato, aquele não era Sir Eustace, e quanto a trazer aquelas... aquelas crianças terrivelmente *comuns* para esta casa, sem aviso... mas não devo dizer mais nada. Você irá me perdoar, tenho certeza.

Capítulo oitavo

Voltei para o escritório do “Dr. Ragostin” com um estado de alma em alvoroço. Pobre Cecily, pobre garota de princípios elevados, artista e de espírito livre! Eu sabia como ela se sentia enquanto o mundo todo, aparentemente, tentava destruir seu espírito. Sabia como era ser uma jovem mulher, totalmente à mercê dos parentes e dos guardiões legais, forçada a ser obediente. Apenas a esperteza de minha mãe foi capaz de me salvar.

Como eu iria salvar a Srta. Cecily?

Depois de acender as lâmpadas a gás, fui imediatamente para a estante de livros e peguei o *Boyles*, um dos guias indispensáveis para a aristocracia. Não ter almoçado havia me deixado nervosa e teimosa, tanto que me recusei a ir para casa jantar; em vez disso, me sentei e procurei “Inglethorpe” e “Merganser”, e, então, segui adiante por outras referências, até que sem querer juntei as peças em uma sequência de eventos.

O pai de Eustace, Aquilla e Otelia, como descobri, havia sido um mero baronete – Sir Dorian Alistair, Bt. – e não um lorde, sequer um membro da nobreza. Além do mais, seus meios de modo algum foram iguais às suas aspirações. Entretanto, ele e sua esposa haviam montado um bom espetáculo quando chegou a hora de apresentar suas duas filhas à sociedade, e tanto Otelia quanto Aquilla aparentemente possuíam beleza e charme suficientes (embora ache difícil imaginar isso) para serem “casadas”. Eustace também havia feito muito bem se casando com Lady Theodora.

Boyles não me levou muito além disso, mas, por meu conhecimento pessoal, tendo conhecido Lady Theodora,

aparentemente os céus a abençoaram fazendo com que os filhos de Sir Eustace puxassem a ela, e não ao pai.

Eu sabia que a Srta. Cecily discordava veementemente do ponto de vista de seu pai a respeito de caridade (ele não dava nada), sociedade (níveis a serem escalados) e o lugar da mulher (obedecer).

Imaginei o quanto o primo da Srta. Cecily, com quem ela seria forçada a se casar, se parecia com seu pai.

Como era injusto que uma garota tão inocente, inteligente e sensível – Cecily tinha dado seus sapatos a um mendigo – tenha sido, em primeiro lugar, amaldiçoada por ter Sir Eustace como pai, sequestrada e feita cúmplice de um vilão e, agora, esteja trancada em um quarto passando fome – onde?

Boyles me deu o endereço londrino do barão Merganser, e me pareceu sensato começar a procurar por ali. Imediatamente.

Não se pode ficar trocando de roupas eternamente, em especial quando se deve dar uma olhada na residência Merganser enquanto ainda restava alguma luz do dia; o terninho de *tweed* marrom deve *servir*, disse para mim com firmeza. Estava escuro o suficiente, assim como minhas meias cinzas e minha botas marrons. A única coisa que me faria visível durante a noite era meu colarinho branco, que eu poderia remover quando chegasse a hora. Seguindo essa linha de raciocínio, me demorei o suficiente apenas para pegar alguns itens potencialmente úteis, enfiando-os em uma sacola.

Balançando-a, tomei um táxi, uma carruagem de quatro rodas.

– Para Oakley Street – eu disse ao condutor. – E, ao chegar, apenas continue bem devagar.

Enquanto suspirava pelo valor que o homem cobrou, lembrei que deste veículo eu podia ver sem ser vista.

Uma coisa muito boa, já que tenho certeza de que meu queixo caiu até meu colarinho quando avistei a casa.

Poderia ter errado o endereço? Não; o número estava claramente visível sobre o poste do portão da cerca de ferro, envolvendo uma mansão coberta por heras, entre faias acobreadas, que espalhavam seus galhos com estranhas folhas avermelhadas e faziam sombra no terreno. Sim, havia faias... mas eu poderia ter confundido minhas lembranças? Eu certamente esperava que sim; alguns quarteirões adiante, sinalizando para o condutor parar, pedi para que ele desse a volta e outra vez andasse lentamente.

Desse jeito eu poderia dar outra olhada.

Porém, esta não foi mais feliz do que a primeira, pois confirmei o que desejava não ser o caso: a casa de Londres do barão Merganser era um edifício “gótico” feito de pedras triangulares cinza inclinadas, que provavelmente ficaria completo com gárgulas. Era o mesmo lugar no qual, como catadora de lixo, havia encontrado um homem enorme e desagradável, um mastim feroz e – o mais estranho – uma cerca afundada.

Agora percebia quem aquele homem há-há devia ser, pois o tinha visto no mesmo dia vestido com roupas caras, apesar de incongruentemente associado a um bando de órfãos – uma circunstância que falhou em diminuir meu medo dele –, num local em que dificilmente seria coincidência.

Revirando essas questões em minha mente, me senti terrivelmente fraca e fui possuída por um forte desejo de voltar para casa e descansar.

Em vez disso, fiz o condutor me levar até Covent Garden, onde, em uma esquina movimentada, o dispensei. Comprei alguns biscoitos e uma limonada de um vendedor de rua, forçando-me a comer e beber enquanto pensava no que faria a seguir.

E, então, depois de perambular um pouco, encontrei um açougue onde comprei um grande osso com muita carne para sopa, que ficaria saborosa.

Isso, pensei enquanto o guardava (bem embrulhado em papel pardo) na minha sacola agora cheia, iria utilizar para distrair o mastim para escalar a cerca.

Quanto a atravessar a ha-ha... bem, havia aprendido minha lição algumas semanas antes, quando me encontrei escalando o muro da mais íngreme casa, quase caindo meia dúzia de vezes antes que conseguisse chegar ao telhado, o que tinha provado ser não menos traiçoeiro, fazendo-me mergulhar através do vidro... mas estou divagando. Meu ponto é que, depois de sobreviver a esse fiasco sem nada pior do que alguns pequenos cortes, havia comprado um bom e forte pedaço de corda e prometido a mim mesma que nunca mais me aventuraria em uma situação tão irregular sem ela. De fato, seu rolo apertado estava bem guardado embaixo do osso para sopa, na minha sacola.

Com a corda, seria capaz de improvisar algum modo de alcançar o outro lado da ha-ha.

Depois disso... – eu tentava planejar enquanto seguia para a estação de metrô mais próxima e esperava na plataforma pelo trem que me levaria até meu destino inevitável – depois disso, tudo que eu precisava era entrar na casa, evitar ser descoberta, encontrar a Srta. Cecily, libertá-la do cativado e trazê-la comigo?

Deus me ajude!

Um pouco mais tarde, quando parecia razoável pensar que as pessoas já estavam na cama, depois das janelas das casas serem fechadas e as ruas se acalmarem, com exceção do monótono passo do guarda-noturno, pulei rapidamente uma determinada cerca de ferro desta vez, ao lado da garagem da carruagem. Ali, desembulhei o osso para sopa e o atirei no quintal dos Merganser através das barras, satisfeita ao vê-lo pousar bem onde eu pretendia, ou seja, na frente da casa do cachorro. Esperei que o mastim atacasse e desse uma latida ou duas antes que descobrisse seu banquete.

Entretanto, o cão não latiu; de fato, não vi nenhum sinal dele. Como antes, postes com luzes a gás espalhavam-se pela parte externa da casa, iluminando os arredores – que desperdício impensado! –, e aguardei vários momentos, esperando que o cão surgisse de alguma sombra, mas não aconteceu.

Hmmm.

Poderia estar adormecido em sua toca?

Desconfiei de tamanha boa sorte, mas não vi outra alternativa a não ser continuar. Suavemente, caminhei até a extremidade da cerca atrás da garagem, onde as sombras amigas eram mais grossas, e ali, com a sacola amarrada em minha cinta e a saia acima dos joelhos, escalei.

Nenhum garoto de estábulo gritou quando me deixei cair para o lado de dentro da cerca. Nenhum cão vigia latiu. Nenhum alarme de nenhum tipo soou.

Em vez de acalmar minha apreensão, no entanto, o silêncio me preocupou. Parecia ser sorte demais. Como se eu estivesse entrando em uma armadilha.

Mesmo assim, senti que não havia escolha a não ser continuar.

E, em seguida, tinha de encontrar um modo de atravessar a cerca afundada.

Antes de me mover para fora das sombras, me abaixei até perto de tocar o chão, porque eu sabia, pelas minhas experiências de infância no campo, que isso era o que os animais faziam quando caçavam, para que a probabilidade de serem vistos fosse menor quando se aventuravam a atravessar espaços abertos ou lugares proibidos. Portanto, rastejando, segui na direção da beira da vala, com todos os meus sentidos alertas para qualquer distúrbio na noite. Até minha pele e as raízes de meus cabelos pareciam prestar atenção.

Escutei o estrondo distante de rodas e o bater de cascos nas pedras da rua, um igualmente distante rangido de alguma porta de

banheiro girando em suas dobradiças, e, bem lá no alto, os galhos das faias farfalhando na brisa leve. Nada mais.

Até que uma voz falou em algum lugar bem próximo, e me deixou enrijecida.

Com um sussurro preso, ela dizia:

– Para o inferno com todo esse negócio desgraçado.

Uma voz de homem.

– Eu devia ser alvo de risos – ele continuou, sussurrando com o fervor de alguém que vocaliza apenas para se livrar de algum sentimento incontrolável. – Como pude falhar em antever um artifício tão infantilmente simples?

Ele falava, eu percebi, do fundo da ha-ha.

Eu já tinha ouvido aquela voz antes.

De algum modo, meu corpo reconheceu antes que minha mente, e lhe faltou as funções apropriadas devido ao choque e ao terror. Mas minha pele e meus membros não sentiram medo. Aconteceu o oposto: eles me impulsionaram para a frente, mesmo rastejando, até conseguir olhar por sobre a beirada para dentro da vala.

A três metros de mim, no fundo do abismo escuro, o reclamo da meia-noite havia acendido um fósforo para que pudesse estudar sua desagradável situação. Então eu o vi claramente. Ele usava roupas negras, e havia escurecido o rosto com fuligem, mas o reconheci imediatamente.

Meu irmão Sherlock.

Capítulo nono

Minhas emoções estouraram como uma manada de cavalos selvagens, e me nocautearam de modo insensato. Entretanto, devo admitir, um dos numerosos sentimentos corria clara e triunfantemente na frente: a mais pura alegria.

Sobre como o poderoso havia tombado...

A chama do fósforo já havia percorrido o palito até o fim e queimado seus dedos. Abandonando sua luz, ele disse algo que não posso repetir. No escuro, eu disse a ele:

– Que vergonha.

Mesmo sem a luz do fósforo, eu o vi se surpreender de um modo quase satisfatório.

– Quem está aí? – ele exigiu saber, sua voz voltada para o alto.

– Silêncio – sussurrei, com a alegria fugindo e o terror tomando seu lugar. – Você vai despertar o mastim.

– Quem está aí? – seu tom abrandou, embora mais agudo.

– Bridget?

– Falo como uma irlandesa? – meu juízo havia começado a centrar-se, e as funções mentais a tomar o controle. – O que você fez com o mastim?

– Eu o alimentei com um pedaço de bife à la brometo – ele acendeu outro fósforo e o segurou no alto, tentando me ver, acima dele. Vi que ele havia tirado sua bota direita e seu pé estava esticado à sua frente, bastante inchado dentro da meia, estava torcido ou quebrado.

Instantaneamente, tomada pela preocupação, me esqueci de tudo.

– Você está machucado?

Ao mesmo tempo ele uivou:

– Enola? – aparentemente me reconheceu, se não pelo meu rosto encoberto pelas sombras, pela minha infelizmente distinta voz.

– Faça silêncio. Vou tirar você daí – já desafivelando minha sacola da cintura, mudei de ideia e enfiei a mão no busto antes.

Sherlock exigiu:

– Enola, em nome de Deus, o quê... você aparece em todos os lugares. Que...

– Pode-se muito bem dizer a mesma coisa de você e Mycroft, sempre e eternamente no meu caminho. Aqui – joguei um pedaço generoso de atadura em seu colo. – Enrole seu pé nisso. Espere.

Deixei cair uma pequena garrafa de brande em cima das ataduras.

– Beba um pouco, para a dor. E então enfaixe seu tornozelo o mais apertado que conseguir. Aqui estão as tesouras...

– Não, obrigado, não é necessário, minha caneta-canivete vai servir. Não preciso de mais nada, lhe asseguro – sua luz mais uma vez apagou e não pude ver seu rosto, mas ouvi um tremor de riso e, ousei dizer, um tipo de cordialidade em sua voz.

– A não ser que, quem sabe, você tenha uma escada em seu bolso?

– Na verdade, eu tenho. Ou pelo menos tinha uma corda na minha sacola, para que pudesse resgatar...

Deus do céu, quem eu deveria tentar salvar primeiro, meu irmão ou a infeliz Cecily? Eu desejava ficar com Sherlock, pois sentia que, mesmo dado ao pouco conhecimento, podia confiar nele como nunca pude confiar em Mycroft; queria explicar a Sherlock porque eu havia fugido, porque não podia ser colocada em um corpete apertado, tanto literária quanto figurativamente, de nenhum molde convencional feminino. Queria deixá-lo certo de minha consideração, e especialmente queria perguntar a ele se já havia

encontrado alguma comunicação entre minha mãe e eu, quando voltou para vasculhar nossos quartos em Ferndell. Eu poderia nunca mais ter essa oportunidade de conversar com meu irmão, sem temor de que isso pudesse me fazer mal – ainda que houvesse uma certa vergonha, mas não havia tempo para isso! Não enquanto a Srta. Cecily estivesse em dificuldades tão terríveis.

Deixando todos os outros pensamentos de lado, portanto, eu exigi saber:

– A senhora Theodora contratou você?

Sherlock revelou:

– Como é possível que você saiba deste caso?

Sua resposta descuidada confirmou o que esperava: Lady Theodora se opunha ao casamento forçado de sua filha.

– Eu sabia! – gritei. – Eu sabia que ela nunca... nenhuma mãe tão amorosa jamais...

Mas um pensamento assustador me atingiu.

– Como ela conseguiu abordar você?

– Você parece saber tudo sobre isso – Sherlock resmungou das profundezas da ha-ha, sua respiração saindo por entre seus dentes enquanto ele puxava a atadura, prendendo bem seu pé machucado

– O que você acha?

– Acho que Sir Eustace a mantém confinada em seu quarto. Então, como ela conseguiu...

– Tire suas próprias conclusões.

– Sendo assim, pode-se concluir que Sir Eustace separou a mãe da filha, aprisionando a segunda aqui, a julgar por sua presença...

– E pela sua.

– Algo foi combinado? A Srta. Cecily está esperando sua visita esta noite?

Rabugento, ele respondeu rapidamente:

– E ela está esperando a sua?

Pressionei os lábios, bufando exasperada.

– Apenas me diga! Há algo combinado?

Silêncio por um minuto.

E então:

– Não – ele admitiu. – Não encontrei um modo de me comunicar com ela. Enola...

– Mas você está certo de que ela está presa aqui.

– Não há segredos quanto a isso. Eles a levam diariamente para tomar ar em Landau.

– Estranho – murmurei.

– Sim, também acho estranho que eles arrisquem sua fuga por causa do show. Mas talvez eles a prendam de outro modo, escondido em suas roupas, amarrando-a ao assento.

– Talvez, mas por que diabos ela não grita pedindo ajuda?

Sherlock replicou.

– Por Deus, Enola, a infeliz é filha de um baronete, e não uma assanhada como você.

Assanhada? É isso que ele chama uma mulher de pensamento livre, independente? E quanto a Cecily, se ele acha que ela é meiga e delicada, ele não a conhece tão bem quanto eu.

– Meu caro irmão, vou deixar seu insulto e sua ignorância sem resposta – disse a ele de modo agradável. – Como evidentemente você está aqui para libertar a Srta. Cecily, sugiro unirmos nossas forças, se você prometer e der sua palavra de honra, de não tentar nenhuma violação de minha liberdade.

– Unir... você está com essa mente minúscula fora de si?

Retorquindo de modo ferrenho:

– Sou eu que estou na vala com um pé coxo?

Tem que meu tom o inflamasse.

– Seja qual for meu azar, seu lugar não é aqui. Vá para casa, garota, onde você deveria estar.

Um comentário bastante inadequado da parte dele, penso eu, e não merecia uma resposta. E, sem responder, voltei minha atenção

para abrir minha sacola.

– E por falar nisso, Enola, você tem uma casa? – ele continuou em tons exaltados. – Onde você morou todo esse tempo, e como?

Ignorando-o, extrai a corda da sacola enquanto enumerava mentalmente o conteúdo restante: ferros curvados para enfiar no chão, onde for necessário para prender a corda em alguma coisa, um amaciador de carne em ferro fundido para usar como porrete, um taco de críquete, e algumas outras ferramentas. Pesei a sacola para ter certeza: sim. Era o peso suficiente.

– Alguma pessoa mais velha e respeitável tem tomado conta de você?

Fechando a sacola, amarrei uma das pontas da corda firmemente à sua alça. O resto da corda eu deitei no chão até que tivesse certeza de que havia dado folga suficiente e, então, amarrei e licei o que restou em meu cinto de maneira que ela não se soltasse para que eu pudesse liberá-la a qualquer momento.

– Se não, obviamente não é possível que você esteja bem; qualquer mulher que more sozinha é um ímã para o crime.

Dando as costas para ele, levantei, e com a corda me seguindo como uma cauda – duas caudas, na verdade, uma na sacola e a outra solta – caminhei até a árvore mais próxima, abracei o tronco e comecei a subir.

Tensionei cada nervo e fibra para que conseguisse subir. A faia, de todas as árvores, é a mais difícil de escalar, pois o tronco é reto e excessivamente alto, com a casca prateada, lisa e brilhante como cetim. Apenas na necessidade mais urgente – e, admito, com uma boa pitada de orgulho, iria mostrar ao grande Sherlock Holmes quem precisava tomar conta de quem –, o extremo da situação me levou a tentar a subida.

Cerrando os dentes e sem desperdiçar fôlego nas palavras maldosas que me vinham à mente, rastejei para cima, agarrando-me, de tempos em tempos, escorregando um pouco para baixo

apesar dos meus esforços, desejando fervorosamente que o sangue dos macacos de Darwin corresse um pouco mais forte em minhas veias, enquanto eu lutava e arranhava e esfregava com as mãos nuas e tentava prender as solas das botas – se apenas pudesse me segurar com meus pés, como os chimpanzés! Apesar de tudo isso, perseverei, cada pedaço de mim doía pelo esforço, até que atingi a altura de uns seis metros do chão, suficiente para que pudesse olhar para a vala. Mesmo que não pudesse ver dentro, senti que certamente meu irmão, olhando para cima, conseguiria me ver...

E assim que triunfantemente pensei nisso, minha cabeça atingiu algo.

Metal.

Que diabos era...

Diabólico de fato, descobri quando olhei para cima para analisar o obstáculo. Bem abaixo do ponto onde o tronco da faia acabava e começavam os galhos, alguém havia colocado uma coleira de aço, o tipo de coisa que alguém usaria para afastar esquilos do alimentador de pássaros, só que bem maior, é claro.

Não me admirou que os vilões que residem aqui se sintam seguros, permitindo que os galhos de suas faias cubram a cerca afundada. Eu não conseguiria subir além.

E temo que, em seguida, eu tenha sussurrado algo imperdoável, pois esperava chegar à segurança dos galhos antes de posicionar a corda.

Ah, meus deuses. Meus deuses de calças sujas. Meus deuses cheios de pulgas!

Mas me recusei a admitir a derrota. Sem desperdiçar mais fôlego em comentários inúteis, e me agarrando com força ao tronco com três dos meus membros, com o quarto peguei a corda do meu cinto e comecei a puxar a ponta que estava atada à sacola.

Precisei da ajuda do meu dente para segurar a corda cada vez que movia minha mão. Se me soltasse, podia adivinhar quais seriam

as consequências... Nesse meio-tempo, todos os meus membros começaram a tremer e a perder força, colocando-me em um perigo extremo. Pareceu uma eternidade até que consegui. A sacola já balançava a poucos centímetros de mim. Eu sabia que não poderia escalar mais o tronco da faia sem cair e precisava mirar bem e atirar a bolsa sem falhar, pois não haveria uma segunda chance.

Mirando um galho de bom tamanho, que se projetava na direção apropriada, balancei o braço para que a bolsa descrevesse um arco no ar e, depois, balancei novamente, e então mais uma vez para me certificar antes de soltar...

A sacola, desajeitada como uma ave que nunca voou, pairou no ar por um momento, e então caiu...

Sim!

Ah, sim, graças à deusa! A corda pousou sobre o galho.

Agora eu só tinha que manobrar até que a bolsa ficasse bem firme em alguma forquilha do galho. E, enfim, a corda poderia me sustentar.

Mas, enquanto isso, senti que começava a escorregar do tronco.

Agarrando-me à minha querida vida com um braço, enquanto fervorosamente ocupava o outro, puxei a corda na minha direção, observando a bolsa balançar para o outro lado...

Nunca antes em minha vida eu alcançara o limite de minhas forças, e desejava nunca mais repetir essa experiência: sem a minha permissão, meus membros simplesmente soltaram e, indefesa, eu caí.

Capítulo décimo

Eu queria muito gritar, e nessas circunstâncias certamente teria todo o direito. Entretanto, qualquer ruído poderia atrair a atenção do sujeito mais indesejado da casa.

De alguma forma, tive presença de espírito para soltar apenas um gemido enquanto caía.

Também, de algum modo, talvez por conta do meu extremo terror, injetou-se uma nova dose de força em mim. Sem ganhar créditos por qualquer boa ação consciente, fico agradecida em dizer que, de alguma forma, continuei segurando a corda.

Por um momento – pareceu-me um longo momento, devido às fortes batidas do meu coração –, quase mesmo sem tempo, aquela abençoada linha da vida impediu minha queda. Minha bolsa tinha ficado presa na faixa e, com surpresa, me encontrei balançando no ar, agarrando convulsivamente a corda com as duas mãos.

Entretanto, como todas as minhas forças tinham se esvaído, escorreguei.

Mas enquanto se está balançando dessa maneira, pode-se manipular a corda ao se inclinar para a frente e para trás. E, fazendo isso, em um segundo pousei, com a corda ainda em minhas mãos e parecendo estar com total controle de minha descida, bem no lugar onde queria: no canto da cerca afundada, mas do lado oposto de onde havia começado.

– Enola, por Deus, o que você está fazendo? – sussurrou meu irmão explosivamente (sim, eu lhe asseguro que isso é possível) de dentro da vala.

– Isso... não... é... óbvio? – ofeguei, como ele não podia ver? Eu havia cruzado a ha-ha, e assim que recuperasse meu fôlego, iria me encaminhar para a casa.

– Só é óbvio que nossa mãe deu à luz uma amazona – o choque competia com, eu achava e tinha esperança, a admiração em sua voz. – Por que você não me disse que tinha uma corda? Amarre-a a algo, depressa, e então passe para mim, para que eu possa sair desta maldita vala.

Seu tom, muito acostumado a ser obedecido antes que estalasse os dedos, falhou em fazer eu me mover. Sem novamente ganhar crédito por qualquer boa ação consciente no ato de desafiar, não respondi, simplesmente porque estava totalmente exausta.

– A corda, Enola!

– Acho que não – respondi de modo suave, minha respiração um pouco mais sob controle. – Depois que eu voltar, talvez.

– O quê? Voltar de onde?

– De localizar e, se for possível, libertar a infeliz Srta. Cecily. Por acaso você saberia em qual quarto ela está aprisionada?

– Na ponta mais inacessível da torre norte – ele queria me desencorajar, acho, e percebeu tarde demais, enquanto eu me sentava para tirar o pó e me preparar para a ação, que em vez disso ele havia me oferecido um desafio irresistível.

– Enola, você não pode!

– Não estou certa de que posso – admiti. – Mas pretendo tentar.

– Isso simplesmente não é possível.

– Por quê? Você pretendia fazer, antes de ser enganado pela cerca afundada. Como você planeja realizar essa tarefa?

– Ajude-me a sair desta deplorável vala, e talvez eu mostre a você.

Meu tom era bem gentil em contraste com o dele, disse:

– Não até você me prometer.

– O quê?

– Me dê sua palavra de honra que vai me deixar ser quem eu sou. E não fará nenhuma tentativa de me agarrar ou me coagir.

Silêncio.

Um bom sinal, pensei, pois Sherlock Holmes não me faria nenhuma promessa superficial. E, se ele me desse sua palavra, teria de honrá-la sem falhar. De fato, apenas se... se pudéssemos ser amigos. Lá no fundo de mim se iniciou o mais estranho sentimento de agitação, como se uma borboleta houvesse aberto a crisálida de meu coração. De fato, comecei a sentir meu pulso batendo tão forte que podia escutá-lo.

Ouvir as batidas de meu próprio coração?

Foi quase tarde demais que percebi que não era isso.

O que eu podia ouvir, naquele silêncio, eram sons de passos.

Vindo de trás de mim, alguém andava.

Alguém havia saído da casa.

E já estava bem próximo naquele momento.

Minha reação foi instantânea e, admito, contrária à razão. Joguei a corda para Sherlock, assobiando:

– Shhh! Fique abaixado!

A corda, estendida verticalmente atrás da árvore, não seria notada no escuro da noite. Meu irmão poderia escapar de ser visto. Mas onde, pelo amor de Deus, eu iria me esconder? Instintivamente me agachei, esticando-me no chão – o que mais poderia fazer –, eu não conseguia pensar.

– ... não gosto disso, estou avisando – disse uma voz profunda e sombria, que eu reconheci: era o homem enorme que havia aterrorizado uma certa catadora de lixo, e que, do modo mais incongruente possível, se associava com as órfãs.

– Não escutei Lúcifer fazer nenhum barulho na última hora.

– Só porque o cachorro não está latindo você me fez levantar da cama?

A segunda voz, também masculina, soava como a de uma criança.

– Francamente, pai!

– Não faça cara feia para mim, Bramwell. É para o seu bem que estamos tomando todas essas precauções.

Bramwell.

O filho e herdeiro do barão de Merganser.

Então, o homem grande e bruto era, na verdade, como havia concluído, o barão em pessoa.

Com horror fascinado, observei enquanto pai e filho emergiam por entre as faias. Os dois carregavam pesadas bengalas como se fossem armas. O filho, Bramwell, tinha um físico grande, similar ao mastim e a seu pai, mas, no caso, o jovem mais se parecia com um sapo. Assim como seu rosto, pelo que pude ver pela iluminação noturna. Não é de se estranhar que ele não tenha conseguido conquistar uma noiva pelos modos cavalheirescos.

Pai e filho seguiram na direção do quartel do mastim, e, na mesma hora, o barão rosnou.

– Vê? Alguém o esteve alimentando! – dramaticamente ele apontou para o osso de sopa que eu havia atirado pela cerca. – Alguém o envenenou!

– Não, não envenenaram seu querido Lúcifer. Não consegue ouvir o bicho roncando? Ele está na cama dele, dormindo.

De frente para a casa do mastim, eles estavam parados de costas para mim. Aproveitei a oportunidade para me afastar o mais silenciosamente possível, arrastando-me até o mais longe que consegui, como um crustáceo se enfiando embaixo de uma rocha, para que pudesse continuar observando-os.

– Assim como eu devia estar dormindo na minha – acrescentou Bramwell, mal-humorado.

– Pare de ser um burro! Veneno ou pó para dormir é a mesma coisa: alguém está tentando entrar!

– E?

– Alguém está metendo o nariz em nossos assuntos!

– E se estiverem? E se meterem o nariz direto lá na torre? Tudo que vão encontrar é o garoto do estábulo vestido de mulher.

– Cale essa boca! – a fúria do Barão me fez congelar no meio das sombras. Da maneira como ele se virou para seu filho, eu realmente achei, por um momento, que ele iria golpeá-lo. Mas, em vez disso, ele rosnou:

– Mais nenhuma palavra sobre isso. Você me entendeu? Responda.

Com um tom de subjugado, Bramwell disse:

– Sim, pai.

– Devemos nos armar com pistolas, e fazer uma busca pelo terreno. Venha comigo!

– Sim, pai – obedientemente Bramwell o seguiu, enquanto o barão andava apressadamente em direção à casa.

E enquanto eles seguiam, um movimento na outra direção chamou minha atenção: escalando a corda, segurando mão após mão, rapidamente como um marinheiro, Sherlock se ergueu da vala, rastejando para o lado oposto ao meu, na direção da cerca.

Seria muito sensato, então, entender das palavras de Bramwell – como eu havia entendido – que a Srta. Cecily no fim das contas não seria encontrada na torre, que Sherlock pretendesse fugir dali. Muito bom. Fervorosamente desejando agir da mesma maneira, fiquei onde estava, esticada no chão atrás do tronco da árvore mais próxima, esperando que ele partisse – por saber que ele era um homem bem astuto, e, a seu modo, ele seria muito mais um perigo para mim do que o irado barão e seu filho mal-amado.

Sherlock se colocou de pé... ou mais especificamente, sobre o pé que não estava machucado, pois o outro, enrolado nas ataduras que eu havia lhe dado, parecia visível demais, desafortunadamente branco na escuridão, aquele pálido e inchado L mal tocava o chão;

ele não colocou peso nenhum naquele pé. Mancando daquele jeito, deveria fugir o mais rápido possível.

Então, naturalmente, esperei que ele mancasse na direção da cerca. Imediatamente.

Mas, em vez disso, vacilando sobre uma perna só, ele vasculhou o quintal com o olhar e me chamou com a voz baixa:

– Enola!

Maldito! Escondida entre as sombras, fechei os punhos de frustração, pois ele não me deixaria em paz. Porém, ao mesmo tempo, senti as borboletas inocentes batendo suas asas em meu coração.

– Enola, venha aqui! Não vou embora sem você.

Ele disse aquilo com vontade, deu para perceber, como de fato eu devia ter percebido desde o começo, pois Sherlock Holmes era um verdadeiro cavalheiro, isto é, incapaz de comportamento sensato sob tais circunstâncias.

Murmurando as piores palavras que conhecia, me levantei, desfazendo os nós da minha saia – que momento estranho para sentir timidez! –, mas não iria encarar meu irmão com meus joelhos expostos. Cheia das mais estranhas emoções, corri na direção dele, enquanto meu vestido marrom, todo amarrotado, se ajeitava e cobria minhas pernas até a altura dos tornozelos.

Apenas com a cerca afundada entre nós, olhei fixamente para Sherlock, atenta para cada nuance de seu rosto. Mas ele mal olhou para mim.

– Enola, rápido! – ele me atirou a corda. Pegando-a, fiquei onde estava, examinando-o a procura de alguma indicação, algum sinal... e ele ainda não havia feito nenhuma promessa, como perceberam.

E nem faria. Ele apenas olhava além de mim, seu rosto como se entalhado em mármore, algo em seu olhar implorando, ao mesmo tempo em que me desafiava a confiar nele, pelo menos por uma hora desta única noite.

– Para o inferno, Sherlock Holmes – eu disse, e aceitei o desafio. Erguendo o braço para segurar a corda que descia pendurada do galho de faia, atravessei balançando a ha-ha e pousei graciosamente ao seu lado.

Capítulo décimo primeiro

Na verdade, eu estava perto demais de Sherlock para me sentir confortável, e rapidamente dei um passo para trás. Senti o calor do constrangimento invadindo meu rosto, mas certamente ele não podia me ver corando no escuro. Continuando a me mover rapidamente, como se fosse minha intenção desde o começo, corri para a cerca e comecei a escalar, ainda segurando a frouxa ponta da corda em uma mão. Mancando atrás de mim, Sherlock disse:

– Deixe essa coisa para trás.

Sem responder, segurei a corda com os dentes, pois no meio da cerca de ferro percebi que minha saia estava me atrapalhando, precisava tirá-la do meu caminho. E por que deveria largar a corda? E quanto a Sherlock, de que outra maneira ele conseguiria escalar a cerca com o pé machucado? Assim que cheguei ao topo pontiagudo da cerca, segurei a corda, enrolei-a em uma das grossas pontas e a atirei para meu irmão.

E ele me agradeceu? Por Deus, não. Ele disse:

– Não preciso disso.

– Fique onde está! – rosnou a voz do barão da direção da residência gótica, e quase simultaneamente soou o rugido ainda mais alto de uma arma de fogo.

– Parem, ladrões!

A arma disparou novamente, e escutei a bala retinindo bem perto contra o portão de metal. Longe de me impedir, esse tratamento me incitou por sobre a cerca com uma velocidade fora do comum. Sherlock a escalou com grande vivacidade, fazendo excelente uso da corda que ele havia afirmado não precisar. De fato, no momento

do terceiro tiro – ou talvez foram quatro? –, tudo ocorreu tão assustadoramente rápido e confuso em minha memória, meu irmão estava se jogando do lado externo da cerca. Podia-se ouvir o barão e seu filho de voz estridente berrando e correndo na nossa direção, eles atiraram mais uma ou duas vezes, e Sherlock caiu.

– Não! – espero nunca mais experimentar tal horror e desolação como enquanto corria em sua direção, pensando que ele havia sido atingido, que estava machucado, sangrando, ou pior, que ele estava morto...

Mas não! Estava vivo. Mesmo antes de chegar até ele, pude vê-lo se esforçando para se levantar. Segurando seu braço, o ajudei a ficar em pé.

– Apoie-se em mim – disse a ele; de fato, eu praticamente o carreguei, correndo. Felizmente, ele pesava pouco para um homem tão alto.

– Depressa. Por aqui – disse e o empurrei através de uma propriedade vizinha, até um caminho privado nos fundos que conhecia de explorações anteriores.

– Você está muito ferido?

– Só no meu orgulho. Eu escorreguei.

Mesmo assim, havia tanta dor em sua voz que mal pude acreditar nele.

– Você foi atingido?

– Pelas pistolas, àquela distância? Dificilmente. Eles deveriam ter esperado até chegarem mais perto.

Ele soou tão superior quanto podia ser. O alívio tomou conta de mim.

– Graças a Deus.

– Deus não tem nada a ver com isso. Apenas ouça o que estão falando.

Assustadores impropérios podiam ser ouvidos não muito longe atrás de nós, quando passamos abaixados por um buraco na cerca

de alguém e fizemos a curva atrás de um estábulo desocupado, para seguirmos através das sombras de uma leiteria abandonada. Apoiado em meu ombro, Sherlock mancava muito.

– Pare um momento – ele sussurrou, sem fôlego. – Ouça.

Ele parou.

Eu, entretanto, continuei andando até que ele me soltou. E assim, alguns passos distante de sua respiração difícil, pude ouvir, junto com os latidos do Barão e de seu filho, as exortações rítmicas de um policial irlandês.

– Pelo amor de Deus, existem inocentes passando por aqui – ele estava dizendo –, enquanto os culpados já estão bem longe.

Rosnados, resmungos, rugidos.

– Só para esclarecer, você pode atirar em todo mundo que quiser no seu pedaço de terra, mas não pode disparar na rua.

Mais rosnados e resmungos.

– Ninguém saiu prejudicado; olha que adorável pedaço de corda deixaram aqui. Agora, vocês voltem para casa. E de manhã façam um boletim de ocorrência. Eu vou ficar de olho.

Em silêncio, escutamos seus passos enquanto regressava para sua ronda. Os passos comedidos passaram ali perto, e então o som esmoreceu.

– Já estamos bem longe? – murmurei, quando tudo ficou quieto.

– Gostaria que assim fosse.

– Você precisa fugir, Enola – disse meu irmão suavemente.

– Eu vou ficar bem.

Deixando-me ir, quando estava tão perto de me segurar? Pode-se pensar que me sentiria grata por sua lealdade. Mas era bem ao contrário, fiquei irritada e me virei para ele.

– E quanto àquele barão nojento e seu filho com cara de besouro?

– Acho que podemos presumir com segurança que eles já se retiraram.

Sherlock apoiou seu peso sobre a placa de pedra onde, antigamente, o queijo e a manteiga eram amassados; na escuridão só conseguia vê-lo.

– Eles não iriam desobedecer ao guarda, pois isso atrairia a atenção para eles.

Eu esfoleguei, temo, como um cavalo.

– Não é isso que quero dizer. O que eles fizeram com a garota? Parece-me que a garota que você viu em Landau era o garoto do estábulo fantasiado. Simples cegueira. Onde está Cecily?

Durante a pausa que se seguiu, desejei que pudesse ver mais claramente o rosto dele. Ele respondeu lentamente:

– Parece que fui enganado, e na verdade nunca vi a honorável Cecily Alistair aqui em Londres.

– Eu vi.

– Quê! Quando? Onde?

– Semana passada, no... perto do Museu Britânico. Na verdade, era ela quem eu estava tentando seguir quando fui obrigada a dar um chute em Mycroft.

– Você fez o quê?

– Nosso irmão mais velho tentou me segurar; então dei uma botinada em sua tíbia para poder escapar. Ele não te contou?

Evidentemente, não, pois Sherlock começou a ter convulsões de gargalhadas. Apesar de quase em silêncio, ele ria com tanta vontade que chacoalhava para a frente e para trás, segurando na placa de pedra da leiteria para se equilibrar.

Parecia estar à beira da histeria. Já era hora de tirá-lo do caminho do perigo. Assim que se acalmou o suficiente para ser sensato – eu esperava – disse-lhe:

– Vamos. Você precisa ir para casa –, senão tiver que ir direto para o Dr. Watson.

Sherlock se endireitou, ainda rindo.

– Tenho um táxi me esperando na esquina da Boarshead com a Oakley.

Ah. Muito bom.

– Posso te levar até lá por um caminho escondido.

– Um atalho?

– Sim, por onde será improvável encontrar o guarda.

– Excelente – ele tentou se endireitar, fazendo uma careta, quando seu peso pressionou o pé machucado.

– Você seria bondosa a ponto de permitir que eu me apoie mais uma vez em você, Enola?

Fiquei onde estava, tentando entender seu rosto. Apesar de não ter hesitado em lhe ajudar, quando ele estava em perigo imediato, agora me perguntava se devia ou não confiar nele. Ele era tão esperto, não duvidaria que ele me colocasse algemas antes que eu soubesse o que estava fazendo.

– Ou não, se você preferir – ele disse, interpretando corretamente minha imobilidade –; talvez você consiga encontrar algo que eu possa usar de bengala ou muleta.

Mas, quando ele disse isso, sua voz ficou achatada, como se sua vida tivesse sido tirada, uma borboleta esmagada, algum tipo de sentimento ao qual eu não havia dado crédito anteriormente, mas que ousei detectar apenas em sua ausência.

Não me atreveria a dar um nome a ele.

Ainda que algo se agitasse com força e dor em meu coração, e a despeito de todas as minhas sensíveis preocupações, avancei e parei ao seu lado, deixando que ele colocasse a mão sobre meu ombro.

Capítulo décimo segundo

Sherlock e eu mal nos falamos até que conseguimos passar com toda discrição possível pela viela, depois pelo quintal dos fundos de uma casa, por uma garagem de carruagem onde um cão sonolento latiu para nós, por rangidos de cercas, chiados de portões, até por baixo das janelas escuras, e, finalmente, chegamos em Oakley Street. Dali podíamos ver o táxi, um imponente quatro rodas, esperando na próxima esquina como uma charrete celestial, aguardando embaixo de um fecho de luz a gás.

Andando a meio passo atrás de mim, Sherlock falou, respondendo à pergunta que eu não tinha feito.

– Eu não seria um cavalheiro se não lhe agradecesse do fundo do meu coração e lhe deixasse seguir seu caminho feliz, Enola.

Meu coração saltou.

– Mas apenas esta noite.

Foi o bastante para meu coração saltitante; depois disso ele despencou. A advertência de meu irmão era algo que já esperava, mas, apesar disso, tive esperança... não importa; meu desapontamento me atingiu como uma ferroada. Respondi irritada:

– E por que, em nome de Deus, você tem que continuar a me perseguir? Você não consegue ver...

– Aprecio muito suas notáveis habilidades, minha querida irmã, mas é meu dever pensar em seu futuro. Como você vai se casar, se continuar no caminho em que está? – Ele estava dizendo que nenhum homem adequado iria se interessar por uma garota que sobe em árvores e se balança em cordas.

– E daí? – retorqui. Ninguém nunca se importou comigo; qual será a diferença se ninguém nunca se importar? E, todavia, temo que falei com uma certa amargura: – Estou acostumada a ficar sozinha.

– Mas certamente... Enola... você não pretende passar a vida sendo uma solteirona.

Isso vindo de um solteirão convicto.

– O mundo é um lugar perigoso. Uma mulher precisa de um homem para protegê-la.

E disse isso enquanto mancava, apoiando-se mais e mais pesadamente em meu ombro.

– Besteira! – respondi. – Se você disser mais uma palavra para me irritar, eu chuto seu pé machucado.

– Enola! Você não faria isso!

– Você tem razão – admiti. – Prefiro machucar o outro.

– Enola! – ele soou perplexo. Acho que acreditou em mim.

– Não vamos mais falar do seu “assim chamado” dever – respondi.

– Devo lembrá-la que é do casamento, a “assim chamada” proteção de um homem, que você está tentando resgatar a infeliz Cecily Alistair? E posso perguntar como você pretende fazer isso?

Silêncio.

– Você consegue descobrir onde a estão escondendo?

Em um tom de voz mais baixo, respondeu indiretamente:

– Tenho sido um idiota, convencido de que eles a mantinham na casa. Em vez de cortejar a empregada do segundo andar...

– Ah. Bridget, sem dúvida.

Ele sorriu.

– Consegui pequenas informações preciosas com ela. O que eu devia ter feito era seguir a carruagem, mesmo que isso significasse ter de agarrar à traseira...

– Você não pode fazer isso com seu pé...

– Estou bem ciente da condição do meu pé! – ele respondeu agressivo.

Parando, se apoiou no poste de iluminação da casa de alguém e me olhou.

– Enola, conte-me o que você sabe sobre esse caso. Faça-me essa gentileza.

Muito satisfeita por passar mais alguns minutos em sua companhia, mas cuidadosa em não demonstrar isso, retorqui:

– Se você me contar o que sabe. Lady Theodora tem liberdade de entrar em contato com você?

– Infelizmente, sim. Devido à força de seus sentimentos contra os planos de seu marido para sua filha, Lady Theodora se separou secretamente de Sir Eustace e, junto com seus outros filhos, voltou para a propriedade de sua família no interior.

Uma vez que ouvi dele o nome e a localização desse refúgio, lhe contei de boa vontade sobre meu encontro recente com Cecily Alistair, escondendo apenas o local: o banheiro feminino. Por pura modéstia e, também, para salvaguardar minhas futuras visitas, eu o chamei apenas de “um local público”. Mas, a respeito das enormes acompanhantes da infeliz dama, sua roupa constritiva, sua aparência cansada e ter me reconhecido, lhe contei tudo. Detalhei os sinais que me enviou com seu estranho leque fora de moda, a maneira criativa com a qual ela o passou para mim, e o conteúdo da escrita invisível que encontrei no papel rosa.

– Suas acompanhantes eram a viscondessa Inglethorpe e a baronesa Merganser, concluí.

– Você tem certeza disso?

– Absoluta.

Ele aceitou que não iria contar como descobri isso.

– Então, elas têm a Srta. Cecily em suas garras, e sob a situação mais desesperadora. Maldição! – Como se escapasse de seus

próprios pensamentos, meu irmão começou a andar, mancando e se apoiando mais uma vez em meu ombro.

Tentei lhe dar alguma esperança.

– Mas certamente há um limite para a infâmia que essa família está cometendo. Embora possam forçá-la a ir para o altar, sem dúvida eles não podem, no momento da verdade, dizer “aceito”.

– Você atribui à garota um grau de obstinação igual ao seu próprio, Enola.

Pela oscilação em sua voz, não saberia dizer se ele estava rindo de mim ou direcionando um insulto disfarçado de elogio.

– Um atributo bastante improvável – ele continuou. – Que você, entre todas as pessoas, que já a salvou de um hipnotizador, deve saber. A Srta. Cecily tem se mostrado bastante suscetível à força de vontade de outros. Ela pode ser dominada. De acordo com Lady Theodora, ela não tem sido a mesma desde que foi sequestrada e, de fato, tem se mostrado um navio com uma rota incerta.

– É verdade – murmurei, sem tentar explicar como o rigor de se tentar trazer à tona suas habilidades destrás a transformaram em duas pessoas diferentes: a dócil filha para o público contra a senhorita brilhante, reformista rebelde e canhota, que não devia estar trancada em uma cadeia disfarçada de casamento.

Sherlock continuou:

– De fato, pelos comentários que ouvi a seu respeito, temo que quando a localizar e tentar resgatá-la, ela possa escolher essa ocasião para começar a gritar, tomando-me por um sequestrador.

Besteira. Ignorando a essência da observação, aproveitei sua sugestão:

– Você tem esperanças de encontrá-la, já que ela pode estar em qualquer lugar de Londres?

– A esperança é irrelevante. Eu *devo* encontrá-la, mesmo que, como dizia antes, ela ache que está sendo sequestrada.

– Ela não vai pensar nada disso. Mostre isso a ela – enfiei a mão no meu suposto busto, na verdade o repositório de diversos suprimentos, e tirei dali o leque rosa enfeitado com penas rosas.

A garganta de meu irmão emitiu um som parecido com a chamada noturna de uma codorniz, e seu passo vacilante parou.

– Isso é... isso é o...

– Não. É uma cópia – entreguei a ele o delicado objeto que havia obtido com o fornecedor em Gillyglade Court.

– Mas se ela te vir com isso, vai saber que você é amigo.

Ele o colocou no bolso, dizendo:

– Obrigado – mas com uma grande expressão de dúvida e sem muita esperança em seu tom de voz. – Certamente ficarei muito afeminado carregando isso.

Revirei os olhos.

– Você tem um plano melhor?

– Ainda não.

– Nem eu. Estávamos quase chegando ao lugar onde o condutor esperava; eu me detive.

– Você consegue chegar lá daqui, tenho certeza. Não irei além.

Evitando a iluminação total da lâmpada da rua, esperava impedir que ele visse detalhes completos da minha roupa ou qualquer outro aspecto da minha pessoa. Este era meu único pensamento. Havia esquecido meus medos de que ele pudesse tentar me agarrar e me levar consigo para o táxi.

Estranhamente, só depois que largou meu ombro e se afastou de mim, me lembrei novamente de ficar com medo. Ele era muito mais alto do que eu.

E tão bonito, pelo menos aos meus olhos, com sua figura elegante recortada pela luz a gás. Ele disse:

– Você não vem comigo, Enola, tomar uma xícara de chá e discutir um pouco mais sobre este caso?

Você não quer entrar em minha casa, disse a aranha para a mosca? Um pensamento injusto: Sherlock Holmes havia dado sua palavra, que era inviolável; sem dúvida, eu poderia aproveitar mais algumas horas em sua companhia...

Diante desse pensamento, meu coração se apertou com uma sensação tão parecida com êxtase que comecei a entender. Meu medo era de minha própria afeição por ele. Mais algumas horas em sua companhia e poderia ficar fraca demais para partir. Eu deveria, como aqueles habitantes da noite dos contos de fada, ser capturada pela luz do dia.

Falei quase aterrorizada.

– Uma outra hora, obrigada.

– Não haverá outra hora. O casamento forçado está agendado para daqui a dois dias, contando a partir de amanhã de manhã.

Ai meu Deus!

– O quê? – e gritei, e então um pouco mais lúcida, disse:

– Onde?

– Esse é o problema. Eu não sei.

Ai meu Santo Deus!

– Bridget só pode me dizer que o plano é usar uma capela bem escondida.

Ai meu Santíssimo Deus do Céu!

Sherlock disse:

– Tem certeza de que não vai vir comigo, Enola?

A mente e as emoções estavam tumultuadas, e balancei a cabeça veementemente:

– Preciso pensar – disse.

– Entendo. Bem, nesse caso só posso sinceramente lhe agradecer por sua ajuda esta noite.

Ele estendeu seu braço, oferecendo-me sua mão para apertar.

Ou para me segurar. Ele acha que sou uma idiota?

Mesmo assim eu não iria, porque não podia ferir seus sentimentos recusando o cumprimento. Nossos dedos se tocaram e, então, sua mão enluvada segurou a minha mão toda suja, até de sangue, da escalada. Mas, quando senti que segurava um pouco mais, retirei a mão.

– Minha querida e arisca irmã – ele murmurou, seu tom era seco, quase, se ousar dizer, melancólico. – Você me lembra um pequeno cavalo selvagem. Então, até que nos encontremos novamente, adeus.

E se afastou mancando.

Capítulo décimo terceiro

Pouparei o gentil leitor da descrição completa do restante daquela noite. Basta dizer que, ao ver meu irmão se afastando no táxi, fui tomada pela mais inesperada e veemente erupção sentimental, um tipo de Vesúvio de emoções que me pegou de surpresa. Algumas vezes, durante minha volta para o Distrito Leste, soluzei, chorando. E, quando cheguei à minha cama, caí exausta no sono, quase sem sentir nada. No outro dia, quando despertei, me encontrei chorando novamente, não podendo ser vista no café da manhã. Sem encontrar razões para me vestir, continuei de camisola; de fato, foi apenas um repentino terror irracional – *e se meu irmão me seguiu até aqui?* – que me permitiu sair da cama. Levitando de pânico, espiei, tremendo, por entre as venezianas da janela. Não havia sinal de Sherlock, é claro, para o meu mais extremo e contraditório desapontamento.

Na verdade, todos os meus sentimentos pareciam estranhos uns com os outros. Os pensamentos corriam como codornas assustadas em todas as direções: eu havia falhado, eu não podia fazer nada agora para salvar a indefesa Srta. Cecily, nem mesmo Sherlock poderia com seu pé machucado, tinha esperança de que não estivesse quebrado, e me perguntei se ele tinha ido ver o Dr. Watson por causa disso e por que ele não tinha convidado seu bom amigo Watson para acompanhá-lo até dentro da ha-ha. Perguntei-me onde aqueles horríveis Merganser estavam escondendo sua vítima. Perguntei-me por onde minha mãe poderia estar vagando, e se ela estaria em perigo... *não pense na sua mãe*. Perguntei-me se Sherlock iria falar com Mycroft. Maldito Mycroft, ele contaria a

Sherlock o local exato do “lugar público”. Eu não deveria chegar perto do banheiro feminino novamente, ou usar um vestido negro de acadêmica, pois foi como Mycroft havia me visto. Minhas alternativas de disfarce diminuem cada vez que sou vista por um de meus irmãos. Sherlock havia visto o terninho de *tweed*; eu tenho que me livrar dele. Minha mãe havia deixado para trás um terno de *tweed* quando ela fugiu... por que diabos continuo pensando em minha mãe? Na falta de minha mãe, eu desejava que fosse Sherlock quem tivesse a tutela legal de mim em vez de Mycroft; sentia alguma simpatia por Sherlock... não. Não devo confiar em nenhum deles. O quanto Sherlock havia descoberto sobre mim na noite anterior? Mais do que gostaria; como pude ter sido tão idiota em deixá-lo ficar perto de mim por tanto tempo? Sherlock sabia que eu mantinha várias coisas úteis escondidas junto a mim. Teria ele visto onde eu as guardava? Teria ele notado no escuro minha figura feminina? Saberá ele sobre meu aperfeiçoador de busto, meus reguladores de quadril? Devo começar novamente, como uma... só Deus sabe, talvez uma cigana que lê a sorte para enganá-lo?

Mesmo assim... mesmo assim eu desejava tanto encontrá-lo novamente. Eu me imaginava conversando com ele, enquanto caminhávamos lado a lado ao longo de alguma rua de Londres. Desejava ter perguntado tantas coisas para ele na noite anterior. O que ele ficara sabendo em Ferndell, a antiga casa onde nós dois fomos criados? Como estava Lane, o mordomo, e a Sra. Lane, a cozinheira, e o filho burrinho deles, Dick, e o pouco mais inteligente cão Reginald? Quais eram as novidades da vila de Kineford? E aqui em Londres, como estavam o Dr. e a Sra. Watson, e como estava a Sra. Hudson, senhoria de Sherlock, a quem havia conhecido no dia em que fui buscar meu livro de criptografias? E por falar no livro de criptografias: *Quando você foi para Ferndell, meu caro irmão Sherlock, para investigar, o que você encontrou – o que minha mãe escondeu de mim atrás do espelho?*

Naquele momento meu coração ficou apertado, todo o meu desânimo sumiu, por assim dizer, e o tumulto vulcânico em minha mente se concentrou com violência, com uma energia quase insana sobre esta única pergunta: minha mãe havia deixado algum tipo de mensagem para mim?

Uma pergunta sem nenhuma finalidade prática.

Mesmo que, de alguma forma, no momento do tumulto, ela tenha parecido de importância sumária. Porque eu entendera, finalmente, por que ainda não havia tentado localizar minha mãe.

Porque eu hesitava em vê-la.

Que tipo de filha eu era: o tipo assustado, na verdade.

Eu não me sentia totalmente segura, como vê... sei que minha mãe se importava comigo do jeito dela, mas... se ela queria ou não me ver...

Não seja uma covarde, Enola. Diga. Ou se não puder dizer, pense.

Eu não sabia se era uma idiota por achar que minha mãe me amava.

Mas se ela havia me deixado alguma mensagem no espelho...

Essa questão tomou conta de mim o dia todo como lava derretida, inundando minha mente e enterrando qualquer comércio mental comum mais fundo do que o mercado de Pompeia. A necessidade que há tanto adiava não podia mais esperar. Naquela manhã, sem mais nenhuma palavra de minha mãe, minha vida parecia não valer a pena.

* * *

Minha mãe, como sabe, dez meses atrás, quando partiu tão inesperadamente no dia do meu aniversário de quatorze anos, deixou para trás, para mim, um pequeno livro feito à mão cheio de criptografias que, quando resolvidas, me indicaram uma quantia considerável de dinheiro escondida nas pernas de latão da cama,

atrás de suas aquarelas etc. Dinheiro que me permitiu escapar da escola preparatória, sendo esta a minha vez de fugir. Na mais terrível falta de sorte, acabei perdendo meu livro de criptografias para um degolador, que depois acabou indo parar nas mãos de Sherlock. Eu o recuperei, roubando-o de seu quarto, só para descobrir, pelas marcas de lápis que ele fez nas páginas, que havia resolvido uma das criptografias que eu não consegui, uma criptografia na página decorada com violas:

AC ES OR OE AO ME PE
AL EU AC NO LH EU LH
MCALESO

As violas-tricolores se parecem com pequenos rostos – talvez seja por isso que elas simbolizam pensamentos. Minha mãe havia dado a elas o apelido carinhoso de “Johnny-pula-alto”, mas, para mim, elas parecem damas élficas com o cabelo preso no alto da cabeça – duas pétalas escuras no topo e nas três pétalas mais claras abaixo, seus traços antigos, sábios. Se eu tivesse pensado mais sobre as violas, e menos em encontrar algo quando vi a criptografia, poderia ter adivinhado como minha mãe havia codificado a mensagem:

AC ES OR OE AO ME PE
AL EU AC NO LH EU LH
MCALESO

Uma vez que coloquei as três linhas em ordem, uma abaixo da outra, foi bem fácil ver como minha mãe organizou as letras como uma viola de cinco pétalas. E, então, lendo cada “flor” individualmente, é simples decifrar:

ACALME SEU CORAÇÃO ENOLA
OLHE MEU ESPELHO

Minha mãe havia escondido algo dentro de um espelho de mão, ou talvez atrás do papel pardo de um espelho de parede.

Acalme seu coração, Enola.

Seria um desejo sincero de minha mãe? Ou uma simples brincadeira com as palavras?

“Amor-perfeito” é outro nome para viola.

Ou será que minha mãe havia escolhido violas de propósito? Será que essa criptografia, se eu a tivesse resolvido, teria me levado ao que queria dela e que mais sentia falta: alguma mensagem de explicação, despedida, e até mesmo – ousar dizer – afeição?

Eu não me demoraria mais; tinha que descobrir.

Instantaneamente, no momento que resolvi agir, minhas lágrimas cessaram junto com minha tremedeira e as voltas com os pés descalços em meu quarto. Ainda de camisola, mas cheia de propósito, peguei minha escrivaninha de colo, joguei de lado os papéis que havia deixado em cima dela anteriormente, e me sentei para me comunicar com minha mãe pela coluna de recados pessoais da *Pall Mall Gazette*.

Eu rabisquei:

Mãe, nunca descobri o que você deixou no espelho. Por favor, me conte o que era?

Humm. Uma mensagem muito longa para tentar codificar.

Além do mais, Sherlock e Mycroft, que eram quem eu mais desejava que não soubessem disso, poderiam decifrar qualquer código, tão facilmente quanto minha mãe.

Qualquer código, exceto este:

Meu crânio: a segunda letra da fidelidade, a sétima letra da gratidão, a terceira do pensamento nos amigos ausentes, a sétima da gratidão novamente, a terceira do pensamento nos amigos ausentes novamente, a quarta e a primeira da lembrança.

Na linguagem das flores, como podem ver, “fidelidade” é a hera, segunda letra E. “Gratidão” é representada pela campânula, sétima letra U. “Pensamento nos amigos ausentes” indica zínias, a terceira letra dela é N. E assim por diante até alecrim para “lembrança”. E dessa forma codifico EU NUNCA.

Ah Deus. Isso simplesmente não serve, está muito comprido, inconveniente, e – apesar de ter tentado usar somente flores cujos significados são bem imutáveis – ainda está propenso ao erro.

Depois de amassar essa tentativa e jogá-la de lado, me sentei franzindo a testa até que lembrei como minha mãe havia se comunicado comigo recentemente: em *inglês* claro com significado oculto.

Depois de pensar nisso por um tempo, sorri e tentei novamente:

Narcisos brotam na água, pois ele não tem nenhum.

Crisântemos em vidro, pois ela tem um.

Todos os brotos de Hera falharam em encontrar:

Qual foi a Íris plantada atrás?

Pronto! Um tipo de charada, sem o menor sentido, sobre flores. Narciso era uma flor – porém, antes de ser uma flor, era um jovem grego que se apaixonara por sua própria beleza, quando viu seu reflexo em uma poça de água. Ele não tinha um espelho, mas Crisântemo, ou minha mãe, que cresce em vidro – vidro do espelho. Hera é o mesmo que Ivy, ou eu, é claro, e falhei em encontrar a Íris – outra flor que ganhou o nome por causa da mitologia grega, Íris sendo a deusa que trazia mensagens do Olimpo para a Terra através da ponte do arco-íris. E fora uma mensagem que minha mãe “plantou” para mim, presumivelmente, atrás do espelho.

Muito mais aliviada, fiz cópias da minha charada rimada para a *Pall Mall Gazette* e para mais alguns dos periódicos favoritos de minha mãe. Como ainda não havia me lavado, me alimentado, ou me trocado, poderia enviar essas cópias pelo correio do meio-dia,

que as levaria até a Fleet Street mais rápido do que eu. Tudo que precisava era de alguns selos postais.

Procurando por eles, joguei mais para o lado os papéis que havia jogado para o lado antes...

Até que algo que havia escrito me chamou a atenção.

Uma lista – céus, isso é de ontem? Parece que foi há uma semana.

Suas acompanhantes, orgulhosas e ricamente vestidas, pareciam ser de sangue nobre.

As acompanhantes pareciam exercer autoridade familiar sobre ela.

Elas a vestiram com um tom amarelado-esverdeado; poderiam elas ter bom gosto estético?

Cecily e seu séquito tomaram um táxi, com o número _____

Provavelmente ela conseguiu o leque em um chá rosa — o chá rosa da viscondessa de Inglethorpe.

Ao ler, fiquei por um momento imóvel como uma estátua de sal no meio do quarto. E então:

– Maldição, malditas! – gritei, levantando as mãos em desespero. Sou uma idiota!

Como eu tinha deixado uma manhã inteira passar remexendo em coisas do passado? Tinha que voltar ao trabalho imediatamente.

Eu sabia quem poderia me contar onde a Srta. Cecily estava aprisionada.

Capítulo décimo quarto

Eu precisava ser extremamente cuidadosa, ou seja, tinha de me disfarçar do modo mais perfeito possível, pois precisaria me aventurar por um lugar que eu sabia que não deveria ir.

Onde corria o risco de ser reconhecida.

E se, no fim das contas, não conseguisse encontrar...

Sem “e se”, Enola. Apenas se vista.

Mais fácil dizer do que fazer. O papel que precisava interpretar era o de uma dama, e precisava de roupas de baixo de linho e calções para me proteger do meu próprio corpete, e então o corpete (não muito apertado, é claro, só o necessário para dar suporte aos vários aperfeiçoadores, reguladores e valorizadores que levariam os suprimentos que me forneceriam a indispensável forma de ampulheta), depois algo leve sobre o acordoamento pesado e os ferros do corpete, e por cima diversas anáguas de seda, mais o vestido em si – um vestido de passeio largo, cheio de pregas de lápis-lazúli, com um casaquinho apropriado para fazer compras – e um chapéu combinando, um lencinho adornado, luvas, perneiras e uma sombrinha. Talvez uns seis quilos de roupa, sem contar meu melhor par de botas.

Mas isso não era tudo.

Apesar disso tudo, para ser uma dama naqueles dias, eu precisava ser linda, porque esse era o disfarce no qual era mais improvável ser reconhecida como Enola.

Então, tive de arrumar meu próprio cabelo – o qual, como o resto de mim, atesta da forma mais infeliz o parentesco com meu irmão Sherlock, tendo a mesma tonalidade de tronco de árvore que o dele.

Eu tinha que puxar meu cabelo para o topo da minha cabeça e prendê-lo ali, e então escondê-lo na minha sempre luxuosa peruca castanha, e em sua touca incorporei e preendi meu chapéu. Também deixei uma franja cacheada cobrindo minha testa – *de rigueur*, como a princesa Alexandra usava – e apliquei diversas substâncias de má reputação em meus lábios, bochechas, pálpebras e cílios, do modo mais sutil que consegui. Depois de muito praticar, e talvez por causa do sangue dos Vernet correndo em minhas veias, sou capaz, acho e espero que sim, de pintar meu rosto de tal forma que minha arte é tomada como natural.

E então, só então, estava pronta.

A tarde já estava na metade e ainda não havia comido, mas não havia tempo para isso, pois era minha melhor oportunidade – não era uma oportunidade tão boa assim, afinal, considerando que havia aproximadamente vinte mil táxis em Londres... para os diabos com a minha cabeça dolicocefálica que não me deixava lembrar o número de identificação do único táxi que persegui! Ainda assim, os condutores esperam seus clientes nos mesmos pontos, dia após dia; dessa forma eu começaria minha busca no mesmo lugar e na mesma hora daquele dia.

Uma pessoa que poderia saber onde a Srta. Cecily estava: o condutor que a levou para comprar seu enxoval e depois, presumivelmente, para casa.

Eu procuraria por ele do lado de fora do banheiro feminino de Oxford Street, que foi, pela mais pura falta de sorte, o mesmo lugar onde meu irmão Mycroft provavelmente esteve *me* procurando.

Perambule, lembrava a mim mesma enquanto descia de meu transporte. *Ande delicadamente por aí com passinhos de passarinho. Gire sua sombrinha. Você é uma linda dama toda vestida para ir às compras.*

E assim zarpei, graciosamente, como um navio azul-celeste em meio ao turbilhão fuliginoso de Londres. Soldados, assistentes de cozinha, balconistas e clérigos, um mendigo cego sendo guiado por uma criança descalça, um homem de um braço só com sua Cruz de Vitória fixada de forma destacada, uma mulher dos cortiços com o cabelo desgrenhado vendendo emplastos de milho, cavalheiros tocando a ponta de suas cartolas, garotos vendendo jornais com a pele cheia de erupções, uma garotinha rouca por anunciar as maçãs que vendia, um estudante sujo de tinta e de ombros finos, torto e inclinado por carregar tantos livros... tal era a diversificada e suja multidão por entre a qual eu passeava, como se estivesse em meio a um campo de margaridas negras.

Caminhando lentamente, me aproximei do ponto de táxi, examinando a fila: conforme os veículos iam aparecendo, eu esperava, olhando de canto com minha ociosa superioridade. Não fazia ideia de como ia encontrar o condutor que desejava, pois não havia visto o rosto dele e não tinha uma memória clara do veículo – todos pareciam iguais! No caminho até ali havia pego lápis e papel, tentando fazer um desenho, mas tinha produzido apenas um borrão, com exceção do cavalo, que saiu muito bem – adoro cavalos – assim, me sentei ali como uma criança fazendo um desenho do Beleza Negra²? Francamente, Enola. Desapontada comigo mesma, achava que talvez quando chegasse no ponto pudesse reconhecer o táxi se ele estivesse lá.

Eu estava dizendo “talvez”, “pudesse” e “se” demais para meu gosto.

Não vi nada que me fosse familiar entre as fileiras de táxis.

Em uma calçada ali perto, entretanto, bem na minha frente, estava parado um par de figuras familiar demais para mim: meus irmãos, Mycroft e Sherlock.

Fico com vergonha de dizer que a visão deles fez minhas faculdades mentais, junto com as batidas do meu coração, se ausentarem temporariamente. Eu me detive.

Mas, então, como sempre acontece nesses momentos, a voz de minha mãe soou dentro de minha mente. *Besteira, Enola. Você vai se dar muito bem sozinha.*

As frequentemente ditas e bem lembradas palavras deixaram minha coluna rígida. Recolhendo minha sanidade, comecei a andar novamente.

Por sorte entretidos no que parecia ser a mais animada discussão, Sherlock e Mycroft ainda não haviam me notado. Eles estavam muito próximos ao lugar onde eu havia encontrado – e chutado – Mycroft antes. Ele vestia algo muito parecido com o que usava naquele dia: aquele cavalheiro robusto parecia não ter se machucado com a experiência. Sherlock, entretanto, embora impecável com seu terno negro de lã, usava em seu pé direito um chinelo de lã grossa e se apoiava em uma bengala.

Controlando cuidadosamente meu passo e meu comportamento, segui em frente, com a cabeça erguida, o chapéu conquistadoramente armado e a sombrinha no alto, certa de que era uma faixa de luz azul no meio da multidão – *uma linda dama que desejava que o mundo inteiro lançasse seus olhares para ela* –, para assim não ser vista. Quão irônico tentar se esconder se fazendo visível, mas ali estava: meus irmãos não tinham interesse nas mulheres; ao observar um modelo da beleza moderna feminina, eles não dariam uma segunda olhada.

E assim se provou ser verdade. Quando passei por eles, tocaram a aba de seus chapéus automaticamente sem interromper a conversa.

– ...não podemos permitir que continue assim – Mycroft estava dizendo com seu jeito pomposo habitual. – Você foi muito negligente Sherlock, deixando-a seguir alegremente nesse caminho errante.

– Peço para discordar. Ela parecia bem longe de estar alegre.

Verdade? Minha preocupação fora visível, aparentemente. Mas acabei não descobrindo onde Sherlock queria chegar, pois não os ouvi mais, continuando meu caminho “errante”.

E disciplinando minha mente para me concentrar na tarefa que eu tinha à mão: tentar encontrar o táxi no qual a Srta. Cecily havia desaparecido.

No entanto, ainda não havia reconhecido nada familiar nas fileiras de táxis à minha frente.

Perto do fim do ponto de táxi, e fora da vista dos meus irmãos, parei, recuperei o fôlego e me virei para analisar o local mais uma vez. Sem nenhum resultado animador, exceto por ter encontrado os humildes olhos castanhos de um dos cavalos olhando para mim.

Um grande e plácido cavalo. Por impulso – pois esse foi o cumprimento mais honesto que recebi em muitos dias –, dei um passo até sua cabeça e acariciei seu focinho com minha mão enluvada. Com uma fungada de aprovação cheirando a feno, ele abaixou a cabeça para que eu pudesse acariciá-la.

Sentado em sua cabine, o condutor colocou de lado seu material de leitura – parecia ser a *Illustrated Crime Gazetteer* – e me olhou com dúvida.

– Que cavalo doce – observei, descobrindo o prazer que era poder falar naturalmente, com meu próprio sotaque aristocrático. – Tão bem-humorado. E esforçado, não é?

– Sim, ele é, madame, trabalha duro e não exige muito. – Se entusiasmando, o condutor se inclinou na minha direção. – É o melhor que já tive e foi uma sorte enorme para um homem independente como eu.

Ele era dono de seu cavalo e de seu táxi, e queria dizer que era melhor do que conduzir para uma companhia de táxi. Apesar de guardar tudo o que entrava, também corria riscos, pois um cavalo ruim poderia arruiná-lo; acariciando a crina negra do cavalo, assenti.

– Ele é robusto como um tijolo, não é? Qual é o nome dele?

– Não é ele, é ela, madame, e o nome é Pet.

Meu sorriso se alargou. Pet fungou suavemente e tocou com o focinho em minha saia, como se fosse capaz de localizar o que havia escondido em um dos meus bolsos.

– A senhora é uma conhecedora incomum de cavalos, madame, se não se importa que eu diga – o condutor acrescentou. – A maioria das senhoras prefere as carruagens mais pomposas, com cavalos de raça.

– Sim, vi uma dessas outro dia.

Eureca!

Subitamente, naquele momento relaxante e calmo, me lembrei!

– Uma bem grande de quatro rodas, toda polida – disse com uma entusiasmada desaprovação que não precisei fingir. – E o cavalo não era de sela, mas era algum do tipo cheio de vida e soberbo, espumando um pouco, preto com patas brancas emplumadas como um Clydesdale...

– Ah, eu conheço esse, bem exibido, com os joelhos acima do nariz. Um bocado desgastado e roto se quer saber. É o Paddy Murphy e seu cavalo Gypsy.

– Realmente! – dando ao cavalo uma acariciada final, andei alguns passos e subi no táxi do homem, entregando a ele uma brilhante quantia de dinheiro adiantado para evitar hesitações ou questões.

– Você acha que consegue encontrar esse tal de Murphy e me levar até ele? Preciso falar com ele.

– Ah, com certeza estou me lembrando delas, estou certo que sim – disse o outro condutor sem hesitar, mesmo antes que eu houvesse descrito totalmente a garota frágil com saia-sino de cor amarelada e suas duas enormes acompanhantes.

Meu condutor havia localizado Paddy Murphy sem muita dificuldade em um estábulo em Serpentine Mews, sentado sobre um fardo de feno, com uma caneca de cerveja na mão, enquanto cobrava um centavo dos outros condutores para que pudessem dar uma olhada em alguma maravilha misteriosa que ele guardava em uma caixa de papelão. Isto ele guardou rapidamente quando cheguei, levantou-se e puxou o quepe. E agora, segurando com força o dinheiro que eu entregara para ele, Paddy Murphy falava com a verdadeira eloquência irlandesa.

– Se aqueles dois velhos machados de batalha... me perdoe, madame, as matronas... não reclamassem do meu preço, como fizeram, querendo me levar para lá e para cá por toda a tarde...

– Para lá e para cá onde, exatamente?

– Com certeza, pois entramos em todas as lojas de linho que havia em Londres, subindo uma rua e descendo a outra. Olhando para as vitrines das lojas por onde passavam, andando... uma das mulheres grandonas andava e a outra ficava no táxi com aquela pobre criatura. E várias vezes elas a levavam para dentro de uma loja, ou algo do tipo, e eu ficava esperando, bloqueando o tráfego, com os olhares dos condutores xingando a mim e aos meus ancestrais, peço o perdão da madame, e então tínhamos que parar para guardar as coisas, bloqueando ainda mais o tráfego, ou esperando preencherem um pedido, e os guardas rosnando e ameaçando tirar minha licença, tudo isso porque eu contava com o pagamento...

Enquanto isso, o outro condutor estava parado perto de meu cotovelo, como se ele se considerasse minha escolta e meu guardião, e eu ouvia tudo com interesse, mas minha impaciência crescia – muito bem escondida, espero, pois seria inútil tentar apressar um irlandês quando ele está contando uma história –, pois eu queria saber onde havia sido a última parada de Cecily Alistair.

– ...era melhor ter desistido inteiramente do que ter de ficar indo e vindo – Paddy Murphy dizia. – Mas não podia fazer nada, por causa da pobre garota, pois parecia que ela mal conseguia andar. E, longe de mim querer julgar, mas nenhuma das grandes damas eram gentis com ela, e se estou dizendo é porque qualquer um podia notar.

– Mas estou feliz que você tenha notado – disse a ele, apresentando discretamente a prova financeira de minha aprovação em minha mão enluvada: uma moeda que poderia ser dele, se ele me deixasse satisfeita.

– Por favor, continue. Onde você as levou por último? – eu queria muito saber onde Ladies Aquilla e Otelia estavam escondendo Cecily. – Elas ficaram em um dos hotéis?

– Ah, não, madame. Eu as levei, bem como todos aqueles pacotes, para um lugar chamado Inglethorpe.

A humilde casa da viscondessa Otelia. Meu coração afundou.

– As duas grandonas, quero dizer – acrescentou meu informante de rosto vermelho. – Antes disso, a pequena, a mocinha, elas deixaram em um bote.

– Um o quê?

– Ah, naquela parte esquisita daquele negócio esquisito. Elas me fizeram parar perto de um bote na margem do Tâmis, e dois marinheiros com chapéus achatados vieram e levaram a garota.

Um barco, demorei a perceber e exigi.

– Levaram para onde?

– Ah, para o bote que havia no rio, madame. Eu não vi mais nada.

Eu queria bater o pé, revirar os olhos, irromper em lágrimas. Que tudo vá para o inferno! Esta foi a palha que quebrou a espinha do camelo, como no provérbio.

A última gota, que em um provérbio similar, transborda o copo, impedindo que até a menor esperança abra caminho.

Encontrei-me querendo interpretar desesperadamente o último papel:

– Mostre-me onde – ordenei ao condutor irlandês. – Onde você a deixou, exatamente. Leve-me até lá.

Capítulo décimo quinto

Meia hora depois, eu estava parada em um esquálido píer no Tâmis, meu nariz enrugado por conta do fedor, procurando por... por Cecily Alistair? Aqui? Este lugar era ainda mais miserável do que as ruas frias onde a encontrei. Descendo ao longo da água negra havia um enxame de crianças pedintes, cavalos enlameados procurando pedaços de ossos, madeira ou metal no meio da sujeira. Homens tatuados fanfarronavam, entrando e saindo de grosseiros prédios de tijolos com as placas “Trawlers Ltda.” ou “São, Burma, Linha do Oriente!” ou “Lanchas para Alugar”. Barcos a vapor e veleiros com seus mastros altos e outras inúmeras embarcações enchiam o rio, enquanto um desajeitado mecanismo chamado “draga” pairava sobre tudo, soltando um ruído alto pontuado pelos xingamentos dos marinheiros, os relinchos dos cavalos e os gritos das gaivotas voando em círculos sobre nossas cabeças. Tentando tirar algo de tudo isso, senti meu coração afundar.

Agarrando-me a esta última esperança, perguntei ao condutor meio bêbado ao meu lado:

- Você realmente a viu sendo levada pelos marinheiros?
- Tenho certeza de que vi.

E certamente eles a levaram para uma casa flutuante ou algum alojamento que, ao contrário de um hotel, pode se mover por aí, mudando de localização todos os dias. Diabolicamente esperto. Era quase impossível descobrir.

Todavia, murmurei:

- Para qual direção eles foram?

Ele apontou rio acima. Eu olhei naquela direção, suspirei e comecei a voltar, totalmente derrotada. Mas alguma coisa branca se agitando chamou minha atenção. Endireitando-me, olhei novamente, avistando um pano de algodão branco se agitando ao longe.

Não mais letárgica ou murmurante – bem o oposto, olhando fixamente como um cão caçador apontando a presa –, exclamei:

– Aquilo ali é um *orfanato*?

Ele respondeu afirmativamente, indicando uma verde e desbotada cerca a um quarteirão de distância. Instantaneamente, o mais barulhento tumulto de memória, misturando suspeita e conjectura, começou a revirar em minha mente, todos os meus pensamentos gritavam ao mesmo tempo: garotinhas de cabeça raspada seguindo o homem ha-ha, qual diabos era mesmo seu nome, barão Dagobert Merganser, pela mansão de sua cunhada; e por que não em sua própria casa? Talvez por que ele não queria que soubessem quem ele realmente era? Mas por que ele estava junto com as órfãs, afinal? Ele não parecia ser do tipo caridoso. E por que num momento tão sensível, enquanto mantinha sua sobrinha presa para forçá-la a casar-se com seu filho...

...o plano é usar uma capela bem escondida.

Oh. Ah, meu Deus. *Existem capelas em orfanatos?*

Parecia possível que sim, mas não tinha certeza; eu tinha que investigar o assunto a fundo, é claro, pois poderia ser uma simples coincidência que existisse um orfanato particularmente perto deste píer do Tâmis; além disso, as órfãs que havia visto em Inglethorpe podiam ter vindo de uma instituição diferente. A presença delas ali poderia não significar nada etc.

Mesmo assim, como meu irmão Sherlock havia dito, era bem sugestivo, não era? Uma oportunidade se apresentava, e não havia tempo para pesquisar e hesitar: a infeliz Srta. Cecily seria forçada a se casar *no dia seguinte pela manhã*.

Medidas desesperadas precisavam ser tomadas.

Duas horas depois, andando na direção do Lar Witherspoon para Perdidos e Abandonados, tentei ver algo que indicasse a presença de uma capela – um vitral, por exemplo –, mas notei apenas a parte superior de um edifício extremamente simples, de três andares, construído com pedras e cimento, cercado por uma cerca alta de madeira com placas verticais tão grudadas umas nas outras que não era possível espiar por entre as fendas. Não tinha nada de atraente nessa barreira e me parecia muito intransigente.

Seria fácil o bastante, naquele momento, parecer que eu estava prestes a chorar.

Sendo esse o exato efeito que desejava. Levantei-me como se fosse uma menor abandonada. Uma menor abandonada um pouco alta demais, mas, apesar disso, uma menor abandonada. Para que pudesse me apresentar como uma figura magra, quase cadavérica, tive que tirar todos os aperfeiçoadores, reguladores e valorizadores – não foi uma decisão fácil, já que com eles teria que deixar de lado minhas armas de defesa – o corpete e a adaga – e a maioria dos meus suprimentos habituais. Levei comigo apenas alguns poucos itens, cuidadosamente escolhidos, em meus bolsos.

E nestes não incluí comida, e não havia tempo para comer; meu estômago uivava de fome e me sentia um pouco fraca – bem, isso melhoraria a impressão que precisava passar. Com uma combinação de vinagre e sabão fiz minha pele ficar mais pastosa e cheia de bolhas, e um toque de fuligem faria meus olhos parecerem cansados e minhas bochechas côncavas. Meu cabelo, solto sobre minhas costas, era feio o bastante para qualquer maltrapilho, especialmente depois que esfreguei nele, e em mim mesma, cinzas de carvão. Vesti a roupa extremamente simples e suja da catadora de lixo, larga até demais em meus ombros ossudos e no peito, e fui capaz até de fazer alguns rasgos no tecido. Meus pés, enrolados

em trapos. Em minha cabeça, na verdade quase cobrindo os olhos, coloquei um chapéu-coco que encontrei na rua, que havia sido bem esmagado pelos cascos dos cavalos e pelas rodas das carruagens. Como qualquer indigente usaria tal item para manter sua cabeça aquecida e coberta, o efeito era, penso, muito saudável.

Quanto à minha hesitação, qualquer um que observasse veria uma menor abandonada tentando conseguir coragem para se aventurar naquele desconhecido lugar bem cercado e proibido. Indecisa sobre desistir de sua liberdade, faminta por um pouco de comida, por uma cabeça raspada e pela servidão doméstica. Não havia como saber que aquela menor abandonada vacilante era, na verdade, uma vidente científica aspirante, indecisa se precisava ou não entrar em contato com seu irmão.

Na verdade, depois de andar em volta do orfanato, certificando-me de que havia apenas uma maneira de entrar ou sair, recuei.

Mas, por apenas um breve período, durante o qual escrevi a lápis um bilhete, expressando uma certeza muito maior do que realmente sentia, como segue:

Sherlock,

Falta pouco para a farsa nupcial, C. A. tentará sair do orfanato Witherspoon na Huxtable Lane 472, com seu leque rosa. Encontre-a no portão; deixo com você a assistência a partir dali.

E.H.

Com muito medo, dobrei o bilhete e o enderecei para Baker Street 221b, pois todos os meus instintos me alertavam contra dar ao meu irmão a mais leve ideia de onde eu poderia ser encontrada em um momento em particular. Sem dúvida, ele tentaria traçar a mensagem de volta para mim. Não importa, pois não permaneceria no mesmo lugar, e qualquer descrição que o mensageiro pudesse dar de mim apenas diria que eu estava disfarçada de mendiga. Mas

e se, amanhã de manhã, ele trouxesse ajuda, não apenas para resgatar a Srta. Cecily, mas para me capturar?

No entanto, eu não tinha escolha. Pelo bem da indefesa senhorita tinha que me arriscar de outras maneiras, além da que estava prestes a fazer.

Entreguei a mensagem para um funcionário autorizado; ele ficou muito surpreso e intrigado em aceitar uma comunicação tão culta e o pagamento tão substancial de uma infeliz como eu parecia ser, mas eu sabia que ele entregaria o bilhete sem falha. Este era seu dever.

E, então, como não havia mais tempo para hesitação, andei – ou me arrastei, já que, por baixo de minha saia rasgada e suja mantinha meus joelhos dobrados, de modo a diminuir minha altura, ao mesmo tempo em que simulava um caso de raquitismo debilitador –, andei até o Lar Witherspoon, passando sobre os olhos um trapo onde escondera um pedaço de cebola para produzir algumas lágrimas, e então bati no portão.

– Nome? – perguntou uma extremamente sincera matrona sentada em uma mesa bastante inadequada, preenchendo um formulário.

– Peggy, madame – parada diante dela, tinha de me lembrar de manter os joelhos dobrados. O esforço me fazia oscilar um pouco. Melhor.

– Sobrenome?

– Apenas Peggy, madame.

– Parentes?

– Não que eu saiba, madame – respondi, com o melhor sotaque do bairro pobre que consegui imitar, falando de modo bem nasal. Muito alto para parecer patético. De qualquer forma, eu havia decidido ser lacrimosa e simples.

Com um suspiro, a mulher marcou uma caixa: “*Illegítimo*”.

Mas ela tentou mais uma vez:

– Data e local de nascimento?

– Eu não sei ao certo, madame.

– Batizada?

– O que é isso, madame?

– Você foi batizada?

– Como posso saber, madame? – havia um tom choroso em minha voz, e meu estômago também lamentou de modo audível.

A matrona olhou para mim, levantou um pequeno sino chinês que havia na mesa e o balançou. O formato do sino, sem o cabo, era igual ao seu monumental gorro de algodão branco.

Ao chamado do sino, apareceu uma garotinha que se parecia exatamente igual às outras do lugar: olhar triste, cabelos curtos, um avental marrom sobre um vestido marrom ainda mais feio.

– Sim, senhora?

– Traga pão e chá, criança.

– Sim, senhora – a garota se virou e partiu.

– Sente-se, Peggy – disse a matrona gentilmente para mim.

– Você já esteve encarcerada?

– O que é isso, madame?

– Você já foi para a prisão por algum crime?

– Não, madame.

– Já esteve em uma casa de trabalhos?

E assim continuou. Enquanto fiquei sentada, com os nervos tremendo e faminta, deixando ocasionais lágrimas correrem por meu rosto e engolindo (sinceramente) um bom pedaço de pão puro e chá fraco, ela determinou que eu tinha pouca, ou quase nenhuma educação, não havia frequentado a escola de domingo, não possuía nenhum dinheiro ou nenhum amigo ou parente para pagar meus cuidados, não havia recebido auxílio paroquial e não havia sido vacinada contra escrófula, escarlatina, coqueluche ou varíola.

– Está sujeita a convulsões?

- Não, madame.
- Incontinência urinária?
- Desculpe, madame?

Ela soltou o ar, e então com um esforço visível se obrigou a dizer:

- Você se molha ou molha a cama?
- Não, madame!

– Muito bem, ah... – ela lançou um olhar sobre os papéis que havia acabado de preencher – ... Peggy.

Colocando a caneta sobre a mesa, tocou o sino novamente e, dessa vez, uma garota com minha idade entrou com o braço cheio de roupas, nas quais o pano de algodão marrom predominava.

– Você já comeu o bastante por hora. Siga essa jovem agora, tome um banho e depois dou uma olhada em você para ver se tem, ah, alguma infecção ou infestação. E vou cortar seu cabelo.

O momento pelo qual eu estava esperando.

– Cortar meu cabelo, madame? – com os olhos bem abertos, me coloquei de pé. – Mas, madame, não quero cortar meu cabelo.

– Você deve cortar porque vai ficar aqui, criança.

– Mas, madame...

– Você deseja ser alimentada, vestida e educada? Se sim, você deve ter o cabelo cortado de modo higiênico. E deve ser vacinada contra varíola.

– Você... quer dizer... *agulha*, madame? – esta foi uma oportunidade inesperada para que fingisse um terror ainda maior, qualquer pessoa mais simples de Londres tem horror à vacinação, e tirei total vantagem disso. – Eu não aguento que ninguém coloque veneno em mim com uma agulha, madame!

– Besteira. Não é “veneno”, e é claro que você aguenta a picada de uma agulha; todas as garotas daqui passaram por isso.

A dureza e o desprezo em seu tom de voz eram o que eu precisava para me ajudar a chorar verdadeiramente e bem alto.

- Não sei se posso suportar isso, madame!
- Bem, então você tem que voltar para a rua.
- Não, madame, por favor, estou com fome.
- Então, se você deseja ficar, você deve fazer o que digo.

Decida.

Como em um frenesi de desespero e vacilação, levantei minhas mãos juntas.

– Não posso decidir! Preciso orar sobre isso. Alguns minutos para orar sobre isso, madame. Há alguma capela aqui, madame?

Ela me olhou desconfiada, mas meu inesperado pedido religioso dificilmente poderia ser recusado, principalmente na frente da “jovem” parada ali – triste, silenciosa e, provavelmente, obrigada a rezar várias vezes por dia.

– Muito bem – ela murmurou, olhando para instruir a garota. – Leve-a até a capela...

Eureca!

– ... e então volte para suas tarefas regulares. Daqui a alguns minutos passo para dar uma olhada nela.

Alguns minutos era tudo que eu precisava.

Uma vez que a indiferente órfã em espera me mostrou a capela – um pequeno e escuro santuário construído como um anexo ao edifício principal –, no instante em que suas portas sagradas se fecharam atrás dela, me levantei do banco, revirei a pilha de roupas que a garota havia depositado ao meu lado, e me escondi. Estava embaixo do púlpito quando ouvi a matrona entrando.

– Criança? – ela chamou. – *Criança?*

E, depois de uma pausa, durante a qual ela consultou os papéis procurando meu nome...

– Peggy, venha aqui imediatamente!

Eu não fui, é claro.

Reclamando em voz alta:

– Onde a idiotinha pode estar? – ela saiu novamente, para perguntar, e assim que saiu comecei a procurar um esconderijo melhor no caso de iniciarem a busca por mim. Já notei que as pessoas que brincam de esconde-esconde sempre procuram embaixo e dentro das coisas, abaixo, mas nunca acima. E, também, escalar é meu forte. Por essas duas razões, subi, sem problemas, até chegar ao alto e adornado armário onde ficava o órgão, deslizando primeiro minhas novas roupas – as quais eu tinha amarrado em uma trouxa para carregar com mais facilidade – e então eu mesma, para a cobertura de lona resistente. Ali, deitada naquela cobertura empoeirada, a centímetros do teto da capela, rodeada pelas cornijas do órgão, eu repousava em relativa segurança e completo conforto, quando a matrona voltou, com algumas companheiras, para dar outra olhada.

Eu as ouvi, mas não as vi, vasculhando tudo:

– Imagino que tenha ficado com medo e foi embora.
– Towheedle, que cuida do portão, não disse nada.
– Ele devia estar cochilando novamente, por onde mais ela pode ter saído? E ela não está aqui.

– Ela deve estar andando pela casa. Ela não é muito inteligente.
– Ela irá onde sentir cheiro de comida, escreva o que eu digo.
– Devemos então montar guarda na cozinha.
– Bem, ela sem dúvida não está nesta capela.
Elas estavam paradas bem embaixo de mim.
– Devemos avisar para que todas fiquem de olho...
– Que chateação – uma delas reclamou. – E logo esta noite, quando temos tanto que preparar para amanhã.

Meu interesse aumentou muito, eu lhe asseguro.

– Um casamento, entre todas as coisas, aqui?

Tinha de ser Cecily, tinha que ser, eu havia acertado, sim!

Enquanto comemorava por dentro, a oradora continuava.

– Que coisa estranha...

– Não se deve questionar – alguém a fez ficar quieta. – O barão prometeu coisas boas, não apenas fundos, mas favores de todos os tipos.

Incluindo, suponho, “convites” como aquela visita à “sua” casa.

– O quarto do sótão ainda não está pronto – continuou a reclamar. – E há todas as flores para arrumar.

– Venha comigo, então, estamos perdendo tempo.

Escutei enquanto elas saíam.

– A garota vai aparecer.

– Deus me perdoe, mas espero que não apareça.

Reconheci a voz da matrona que me avaliara dizendo isso, enquanto passava pela porta:

– Ela é uma maltrapilha terrivelmente repulsiva, não é o tipo de coisa que gostaria que o barão encontrasse aqui.

Ah, não, pensei, meus nervos prontos por um momento de diversão. Mal sabia ela.

Capítulo décimo sexto

Em meu ninho, acima do órgão, realmente cochilei, com meu estômago cheio de pão e nada para fazer a não ser ficar onde estava até que as menores abandonadas, as perdidas (eu me perguntava, qual é a diferença entre uma menor abandonada e uma perdida?) e matronas com sinos na cabeça se retirassem durante a noite.

As orações da noite me acordaram – na verdade, quase me ensurdeceram, de tal maneira que precisei tapar os ouvidos com os dedos, pois todo o meu corpo vibrava. A experiência me abalou de várias formas, pois ouvi a organista comentar que havia algo estranho e abafado no tom do instrumento. Eu me mantive deitada e imóvel por uma hora ou mais depois disso, como nada aconteceu, meus ouvidos pararam de zumbir e tudo parecia quieto, afinal. Cuidadosamente, desci dali tateando o caminho na escuridão.

Primeiro, entretanto, me livre de meus trapos, deixando-os em cima do órgão. Por baixo deles, como havia planejado, usava um simples vestido de musselina. Carreguei a trouxa de roupas do orfanato comigo enquanto andava lentamente, tateando na direção do altar para acender algumas velas.

Devo admitir que, apesar de ser uma livre pensadora e uma racionalista, me senti bastante estranha em usar as velas sagradas. E, depois que providenciei a luz, me senti ainda mais constrangida ao me lavar na água da pia batismal. Havia algo de intimidador em uma capela sombria durante a noite, e assim que preendi meu cabelo em um coque simples e removi qualquer vestígio possível de “menor

abandonada” de minha aparência, me senti bastante ansiosa para ir logo para outro lugar.

Especificamente, queria encontrar o quarto do sótão que estava sendo preparado para o barão.

Ponderei que a Srta. Cecily Alistair seria trazida para este orfanato sigilosamente, por barco, talvez antes do amanhecer, pois a infeliz garota se casaria coagida com o cara de sapo do Bramwell Merganser e, portanto, em segredo. Normalmente, uma futura noiva das classes mais altas teria de ser levada até a igreja de coche, com seu vestido de noiva; talvez eles fantasiassem o garoto do estábulo – mas não, qualquer demonstração de um casamento faria surgir comentários e questionamentos. O barão e a baronesa Merganser precisavam terminar essa repulsiva façanha e ter o fato consumado antes de qualquer comentário.

Entretanto, eu não conseguia conceber que esta dupla de orgulhosos conseguisse tocar tudo isso sem a habitual pompa matrimonial. *Você precisará de um enxoval, e um enxoval terá...* pobre Cecily. Com certeza, Aquilla e Otelia a forçariam a vestir a fantasia de noiva envergonhada.

Premissa: Elas irão exigir que Cecily use um vestido de noiva.

Premissa: A cautela irá exigir que elas não a entreguem para o orfanato usando o vestido.

Conclusão: Elas irão vesti-la no local.

Quanto ao quarto do sótão, para qual outro propósito ele seria necessário? Era bem provável que todos os outros quartos do local estivessem ocupados pelas menores abandonadas – ou pelas perdidas, não importa – e uma noite necessita de uma certa privacidade.

Especialmente quando não é ideia da garota ser uma noiva.

Amanhã de manhã, quando Cecily Alistair for entregue para ser vestida de branco, eu gostaria muito de estar lá, escondida e

esperando.

Saindo sorrateiramente pela porta da capela, encontrei os corredores escuros com a luz a gás diminuída até a chama mais baixa. Ali perto escutei o estalar dos passos de uma matrona, e ouvi seu murmúrio enquanto ela interpelava uma criança rebelde:

– O que você está fazendo fora da cama?

Ah, droga. Parece que um orfanato nunca dorme realmente. Muita sorte a minha que, para enganar meu irmão Mycroft no último verão, me tornei adepta do andar silenciosamente apenas com meias nos pés. O mais rápido e silenciosamente que pude me afastei da matrona, localizada na escadaria, subindo para o primeiro andar, depois para o segundo, e então, eureka! Na escuridão, subi o estreito lance final de escadas até onde deveria estar a porta do sótão.

Trancada, é claro.

Mas apenas com uma fechadura simples e antiga, do tipo que eu sabia abrir. E assim o fiz, abrindo a porta, passando para dentro, fechando-a silenciosamente atrás de mim; com um sentimento de triunfo acendi uma vela que havia trazido comigo da capela.

Erguendo-a eu vi: lenhas para fazer vapor, uma gaiola vazia, cadeiras de balanço quebradas e coisas parecidas, tudo envolvido pela poeira.

Por um momento horrível, não consegui entender qual foi o terrível erro que havia cometido. Esta não era a primeira vez que meu raciocínio estava errado, errado, errado. Eu era, no fim das contas, apenas uma garota estúpida, inepta a...

Besteira, Enola. Pense.

Pensei, e me pareceu que em um edifício tão grande poderia haver mais de um sótão. Eu devia tentar novamente, só isso.

E assim o fiz, e obtive sucesso. Pouparei o gentil leitor da descrição das várias horas seguintes e dos quase encontros, com

exceção de dizer que, finalmente, quase amanhecendo e com imenso alívio, me encontrava no lugar certo: um quarto de sótão arejado, limpo, varrido e brilhante. Com uma penteadeira, um grande espelho e algumas cadeiras.

E uma presença fantasmagórica bastante imponente pendurada em um cabide, descendo até o chão.

Branco com branco. Protegido por um lençol para mantê-lo limpo, este espectro iminente era o vestido de casamento, um tipo titânico, com sua cauda frisada com cristais se arrastando por uns bons três metros.

Pendurada ao seu lado, uma peça para cobrir a cabeça, igualmente frisada e elaborada com metros de véu branco nebuloso. E ao alcance da mão estava o mais estranho par de sapatos brancos: chinelos, apesar da parte superior de couro fino delicadamente moldado, mas com solas como as dos tamancos que as damas, às vezes, usavam para se elevar acima da sujeira das ruas. Só que mais alto. Solas que poderiam deixar a pobre pelo menos vinte e cinco centímetros acima do chão. Usar esses sapatos era o mesmo que tentar andar em pernas de paus.

Levei alguns minutos para compreender: que maldosamente esperto!

Um modo de amarrar a noiva, sem deixar à mostra e, ao mesmo tempo, fazê-la parecer mais velha, mais alta e mais esplêndida em seu vestido caro.

Pobre Srta. Cecily que apenas queria ler, desenhar, pensar e fazer algum bem para o mundo, e que terá de passar sua vida à duvidosa mercê da viscondessa Otelia e da baronesa Aquilla!

– Aves de rapina – murmurei. – Víboras. Precisam ser derrotadas.

Minha infeliz dama precisava ser salva.

Mas primeiro eu precisava encontrar um lugar para me esconder até que chegasse a hora.

E essa necessidade, que considerava o menor dos meus problemas, tornou-se a mais difícil de ser resolvida. Apaguei minha vela e, depois que ela esfriou, a escondi em meu bolso; gostaria que minha longa e esbelta pessoa pudesse ser escondida facilmente! Quando as luzes da manhã começaram a entrar pelas janelas do quarto, me senti desprotegida, pois simplesmente não havia lugar para me esconder no sótão vazio. Nenhum sofá onde me agachar atrás, nenhum guarda-roupa ou outro móvel grande, nenhuma cortina onde me enfiar no meio, nem mesmo uma toalha sobre a mesa.

E enquanto fiquei ali parada, à vista, ouvi passos subindo as escadas do sótão.

Ah, Deus! E agora?

Apenas uma possibilidade se apresentou, que aceitei com a maior relutância, pois isso me causava uma explosão de sentimentos ainda pior do que aquela que me afligiu quando me apropriei das velas do altar e da água batismal. Mas não posso dizer isso, pois amo roupas bonitas, e o vestido era lindo – corte de princesa, mangas bufantes, seda brilhante revestida com delicadas rendas –, como observei quando me forcei a levantar o lençol e olhar para ele. Apesar disso, a visão de todo aquele branco me alarmava. Hesitei até que ouvi alguém na porta, antes que respirasse fundo, e como se estivesse entrando na água de uma banheira, entrei por sobre a barra enfeitada e fiquei em pé dentro do vestido pendurado. Balançando minha trouxa de roupas dentro do espaço da saia, coloquei meu pé de modo que a cauda pudesse escondê-lo. E enquanto fiquei ali parada, imóvel, ele se assentou naturalmente em volta de mim.

Ou assim esperava que fosse.

Escutei múltiplos passos; várias pessoas entravam no quarto. Escutei um tipo pesado de batida ou pancada, e então uma voz matriarcal disse friamente:

– Muito bem, Jenkins, acho improvável que ela cause algum infortúnio aqui. Você pode tirar a mordaça da boca dela.

Essas... essas bruxas velhas e más, essas... nenhum nome parece forte o bastante. Essas mulheres-macho a *amordaçaram*?

Querendo dar uma olhada na Srta. Cecily, ver alguma indicação de como ela estava suportando tudo, espiei através de uma abertura perto da cintura do vestido de noiva, mas sem muito sucesso. Porém, de um modo bem fragmentado eu vi.

Um traseiro assimétrico envolto em muito tecido lilás e creme.

Essa devia ser a viscondessa Otelia.

Também com uma elaborada veste de seda acinzentada, sem nem um centímetro do seu corpo sem adorno, outra figura bem parecida com a primeira: a encantadora Aquilla.

Uma simples saia florida e o laço do avental pendurado: a camareira com seu vestido de manhã.

Todas as três se voltaram para uma quarta pessoa que havia se jogado em uma cadeira do outro lado do quarto, o mais longe possível do vestido dentro do qual eu me escondia. Dessa pessoa, podia ver apenas um pedaço do tom amarelo-esverdeado: a mesma saia-sino horrível que haviam colocado em Cecily quando a vi pela primeira vez no banheiro das mulheres.

Senti um golpe de piedade e de triunfo: minha pequena senhorita canhota tinha mais coragem do que Sherlock Holmes teria suspeitado. Obviamente ela não tinha desistido de resistir.

Foi Aquilla (cheia de tranças, babados, plissados, bufantes, franjas, frisados, fitas e ornamentos que vão além de qualquer descrição) que havia falado, e agora continuava:

– Faça o melhor que puder com ela, Jenkins. Precisamos ver as flores do altar. Você – ela disse para o pedaço de rebeldia amarelo-esverdeado na cadeira –, melhore essa cara, ou vai mancar usando esses sapatos, além de não jantar quando tudo terminar, você vai

apenas assistir enquanto todos nós aproveitamos seu banquete de casamento. Venha, Otelia. Voltamos logo.

Ela disse isso por sobre o ombro para Jenkins, enquanto as duas rangiam suas sedas porta afora.

Assim que se moveram, pude finalmente ver Cecily por inteira.

Com a cabeça baixa, ela estava caída na cadeira como uma vírgula, o desespero escrito em cada linha de seu ser. Entretanto, não parecia muito mais magra do que quando a vi pela última vez – eles não podiam, afinal, deixá-la completamente faminta para que não morresse –, mas, mesmo assim, ela parecia menor, de um modo menos tangível. Seu rosto estava mais frágil e delicado, seus olhos mais escuros. Vendo-a desse jeito, mordi o lábio de consternação, pensei, e se ela não tivesse força o suficiente?

– Agora, Srta. Cecily – disse pacientemente a camareira Jenkins –, às vezes uma pessoa tem que dar o máximo de si e esperar que as coisas melhorem no final. Agora, pense em quão bonita você vai ficar, toda arrumada em meio às flores de laranjeira e murtas, com aquelas adoráveis fitas de gorgorão... Você viu que lindas as fitas que Lady Aquilla conseguiu para seu buquê?

Atravessando o quarto, a camareira pegou uma grande caixa de papelão que alguém havia deixado no chão, colocou-a em uma cadeira, levantou as abas da tampa e se inclinou para procurar algo em seu conteúdo.

Sua atenção se distraiu completamente.

Minha chance.

De um dos meus bolsos, retirei um certo leque rosa estranho. E, então, de dentro do vestido de noiva afastei a abertura e coloquei a cabeça para fora, segurando o leque perto do meu queixo, como sinal, para que a Srta. Cecily conseguisse me reconhecer e entender o que eu estava fazendo ali.

Ela só tinha que olhar para cima!

E ela olhou. Meus movimentos fizeram-na levantar a cabeça e olhar diretamente para mim. Senti novamente aquela sensação de choque quando nossos olhares se encontraram e se mantiveram fixos um no outro – um choque especialmente penetrante, tenho certeza, da parte dela, sob tais circunstâncias. Seus grandes olhos escuros se abriram enormemente.

Apontando para a servente distraída, disse silenciosamente as palavras:

– Mande ela sair.

Como Cecily iria fazer isso se a servente estava sob ordens estritas de ficar com ela, não tinha ideia. Mas, em seguida, ela cumpriu a tarefa com uma maravilhosa eficiência, assim que enfiei novamente a cabeça no esconderijo branco como neve do vestido. Ela simplesmente escorregou de sua cadeira com uma pancada e se esparramou no chão, no que parecia ser um desmaio.

– Srta. Cecily? – ouvi a camareira perguntando depois, pontuada pelo som de movimento, uma série de gritos de pânico.

– Srta. Cecily! Srta. Cecily, acorde! Ah, meu Deus! Sais de cheiro! Um médico! Ajuda! – A bondosa Jenkins saiu correndo do quarto.

No instante em que a ouvi saindo, saltei para fora – como um perdiz fugindo do esconderijo –, irrompi de dentro do vestido de noiva e atravessei o quarto para fechar a porta e virar a chave da fechadura, assim que os frenéticos passos da camareira desceram as escadas do sótão.

– Ali! – sussurrei, sentindo um sorriso triunfante em meu rosto quando me virei para Cecily.

Ela continuava imóvel no chão.

Céus, não havia sido um plano inteligente. Ela realmente havia desmaiado.

E se eu não conseguisse acordá-la?

Capítulo décimo sétimo

Assim que me ajoelhei ao lado dela, Cecily deu um pequeno suspiro, abriu seus olhos e, quando seus olhos se fixaram em meu rosto, um alegre espanto surgiu neles. Totalmente maravilhada ela suspirou:

– Enola?

O simples fato de ouvi-la dizer meu nome daquele jeito me afetou de um modo estranho. Tomada pela emoção, não consegui nem me mover nem falar.

– Enola? – as mãos dela vacilaram na minha direção. – Você, novamente, será verdade?

– Shhhh – seu toque me fez querer chorar, mas eu precisava agir.

Esforçando-me a isso, remexi nos bolsos procurando pelas barras energéticas que sempre carregava comigo, desembulhei uma e ofereci a Cecily. Ela a colocou na boca e, automaticamente, acho, mais pela minha presença do que pelo açúcar, sentou e me viu tirando seus sapatos.

– Vamos disfarçar você – disse-lhe suavemente, mas com clara ênfase. – Para que você possa escapar. Concorda?

– Concordar? De todas as maneiras possíveis, minha amiga misteriosa!

Colocando-se de pé em um pulo, Cecily começou a agarrar sua diabólica saia para tirá-la do corpo. A maldita coisa estava amarrada na parte de trás, é claro, assim como sua blusa; um dos requisitos das vestimentas da classe alta é que não se deve ser capaz de se vestir sem a ajuda de uma empregada. Depois que arranquei os

botões, ela se livrou dos trajes externos, deixando-os jogados no chão enquanto eu corria para pegar a trouxa que havia deixado embaixo do vestido de noiva.

A trouxa de vestimentas incluía um grosseiro par de botas de couro, que haviam sido oferecidos para “Peggy” na tarde do dia anterior.

– Vamos transformar você em uma órfã.

– De fato, bem que poderia ser uma!

Mesmo assim, o rosto fino de Cecily se iluminou quando ela viu as coisas, ela se parecia tanto com Alice no País das Maravilhas quando estava contente, enfim, agarrou tudo com vontade.

E como eu também estava com pressa de desfazer a trouxa e vestir as roupas nela, ficou extremamente difícil cumprir tarefas simples; Cecily e eu ficávamos entrando uma no caminho da outra. Além disso, tinha coisas para dizer para ela:

– Você se lembra do Sr. Sherlock Holmes?

Alegremente, ela respondeu:

– Seu irmão!

– Céus! – ela tirou meu fôlego. – Espero que você não tenha contado para ninguém?

– Claro que não. Você contou a alguém sobre meus desenhos a carvão?

A pergunta era retórica; ela sabia que eu não tinha contado. Tentando esconder meu sorriso, me apressei.

– Sua mãe colocou o Sr. Holmes em seu encalço. Ela foi ficar com a família dela no campo. Ele irá levá-la com ele. Malditas meias-calças!

Para mim, parecia que estávamos levando uma eternidade para vesti-la com o avental marrom sobre o vestido marrom, as grossas meias listradas e as sensíveis (horríveis) botas. Mas, na verdade, demoramos apenas alguns minutos, pois ninguém voltou enquanto eu tentava enfiar seu cabelo sob uma toca branca amassada.

Cabelos longos, brilhantes, grossos e escorregadios que não paravam de fugir.

– Isso não vai dar certo – sussurrei, ficando um pouco mal-humorada, ciente dos minutos que passavam. – Como vamos fazê-la passar por uma órfã com esse cabelo adorável e maldito?

– Apenas corte-o!

– Não temos tempo! – mas peguei uma tesoura na caixa de papelão, uma pequena utilizada para cortar fitas, deveria servir, e comecei a picar seus cachos brilhantes até a altura das orelhas.

Tão logo comecei, nós duas ouvimos os passos na nossa direção, subindo as escadas do sótão. Cecily ficou aterrorizada como um cervo.

– Fique parada!

Na verdade, ela ficou rígida, mas começou a dizer:

– Enola, muito obrigada por você...

– Shhh. Não faça barulho – sussurrei, cortando freneticamente longos cachos de cabelo e enfiando-os em meus bolsos na falta de outro lugar onde escondê-los.

Alguém, provavelmente Jenkins, mexeu na maçaneta e então gritou:

– Está trancada!

Apesar disso, como muitas pessoas fazem, ela continuou a agitar a maçaneta como se, de algum modo, isso liberasse a fechadura.

– Saia do meu caminho – ordenou a baronesa ou a viscondessa. As duas tinham a voz parecida.

– Sua estúpida, ela enganou você – uma série de pancadas se seguiu, como se alguém tivesse realmente empurrado Jenkins escada abaixo! Ao mesmo tempo, a voz irritada exortou:

– Cecily!

Esse grito deixou a garota morta de medo; senti seu pulso.

– Shhh – sussurrei, ainda terminando de cortar o cabelo, indo de uma orelha, passando por sua nuca e indo até a outra orelha. –

Puxe o cabelo para cobrir seu rosto.

E assim que ela o fez, a maçaneta se agitou novamente.

– Cecily, abra essa porta e deixe-nos entrar – guinchou uma das irmãs.

– Abra de uma vez! – chiou a outra.

E continuaram assim, uma fazendo contraponto da outra.

– Cecily! Pirralha mal-agradecida.

– Abra esta porta ou vou punir você severamente!

E etc.

Depois de um breve momento, entretanto, o tom de suas melodias mudou.

– Deve haver outra chave – uma delas declarou.

– Jenkins, encontre-a!

Ah, Deus.

Mas eu estava quase pronta.

– Aqui – sussurrei, cortando uma grossa mecha por cima da testa de Cecily. – Acabei – mais uma vez enfiei a toca na cabeça dela, e em que linda órfã ela se transformou, sendo quase trinta centímetros mais baixa do que eu, com sapatos e roupas maiores que ela, como se quisesse crescer dentro deles.

Seu cabelo curto, especialmente a cobertura escondendo sua testa, deixava-a quase irreconhecível como Cecily Alistair.

– Esplêndido!

Ela não conseguiu retribuir meu sorriso; seus enormes olhos continuavam aterrorizados enquanto se fixavam em mim esperando a salvação.

– Mas, Enola, e agora? Como...

Como, de fato, efetuaríamos sua fuga com as vozes dos inimigos clamando bem do lado de fora do sótão?

– Traga homens para derrubar esta porta! – berrou estridentemente uma tia.

– E seja rápida! – guinchou a outra.

– Sim, minha senhora. Sim, minha senhora – a voz de Jenkins sumiu lá embaixo.

Cecily mordeu o lábio para evitar chorar.

– Confie em mim – disse a ela, correndo para onde o vestido estava pendurado. Rasgando o lençol que o cobria quando o arranquei do cabide, o joguei por cima de mim, não achei que seria possível os olhos de Cecily se abrirem ainda mais do que já estavam. Mas se abriram, e sua boca rosa formou um O.

– Para lhe dar tempo – sussurrei. – Aqui.

Procurando embaixo do vestido, no bolso do meu vestido de musselina, encontrei o leque rosa, no qual eu havia escrito a lápis um plano de emergência, caso todo o resto falhasse:

7 V 0 7 V 0 0 0 0 0
0 0 > 0 0 0 7 0 0 0 7

Instruí a Srta. Cecily:

– Esconda-se atrás da porta. Quando todas entrarem, saia de mansinho. Vá até o portão e mostre isso... – eu lhe entreguei o leque – ... e o Sr. Holmes, ou um de seus amigos, estará esperando por você.

Enquanto isso, passos golpeavam novamente os degraus da escadaria que levavam ao sótão.

– Aqui está a chave extra, senhora – gritou uma voz trêmula do lado de fora.

Não havia tempo para abrir a miríade de botões de pérola que havia na parte de trás do vestido de noiva. Eu tinha apenas um segundo para pegar a parte superior e me enfiar dentro dela, cobrindo meu rosto com camadas de véu branco, e me atirar na cadeira na qual Cecily havia estado sentada.

A chave deslizou para dentro da fechadura.

Enquanto estivesse largada na cadeira, quase inteiramente enterrada no amontoado do vestido de noiva, elas não notariam o quanto era alta e a desconfiança não seria despertada – era o que esperava, enquanto escondia meus pés sob metros de saia e minhas mãos sobre o colo, enrolando o véu entre meus dedos.

– Cecily! – duas vozes soaram em uníssono, como uma tempestade chegando, quando a porta, de repente, se abriu. E, então, igualmente em coro, mas em tons bem diferentes:

– Cecily?

Através da grossura leitosa do véu, eu não conseguia ver as expressões das duas matronas e da serviçal assustada, enquanto elas entravam e formavam um semicírculo, olhando fixamente para mim.

– Ela colocou o vestido – uma delas disse, em tom maravilhado.

Eu podia vê-la apenas vagamente. E atrás delas, uma pequena órfã saía do quarto na ponta dos pés e descia as escadas. Para manter a atenção delas firme em mim, enquanto Cecily fugia, comecei a tremer a parte superior do meu corpo para a frente e para trás de uma maneira bem demente e interessante.

– Cecily, pare com isso.

– Por que você colocou o vestido sozinha? Você o deixou todo amassado. Levante-se.

Em vez disso, fingi um tipo de espasmo.

– Pare de se contorcer desse jeito, Cecily! Qual é o seu problema? Deixe-me vê-la – uma delas tentou levantar o véu.

Ela não conseguiu, é claro, pois eu o segurava. Eu tentava estimar o quão longe a Cecily verdadeira já tinha chegado até aquele momento. Teria chegado ao andar de baixo com certeza, seria possível ter chegado até a porta, ou atravessado o jardim?

– Cecily! Solte esse véu! – uma das irmãs tentou arrancá-lo de mim.

– Não, Otelia, você vai rasgá-lo, e esse é o melhor tule de Londres!

– Então, faça ela soltar!

– Cecily! – Aquilla segurou meus dois braços com tanta força que chegou a me machucar. – Faça o que ela está dizendo.

Mas, em vez disso, comecei a me debater de um modo patético.

– Cecily! – as duas me seguraram pelos ombros, balançando-me, para minha satisfação; deixe que elas me maltratem o quanto quiserem. A única dificuldade era me manter nesse silêncio teimoso enquanto elas abusavam de mim, para que eu não deixasse minha voz me entregar. Quanto mais elas me espancassem, melhor, isso daria a Cecily tempo real para fugir.

Mas elas foram interrompidas.

– Qual é o problema com ela? – rosnou uma voz masculina, inconfundivelmente a do barão.

Tanto a baronesa quanto a viscondessa guincharam surpresas com tal invasão masculina, voltando as atenções para ele.

– Dagobert! Bramwell! – chiou, aparentemente, Aquilla. – O que estão fazendo aqui?

Deus me ajude, os dois estão aqui? Sim, através de meu véu eu conseguia ver duas formas bem-vestidas se aproximando.

– Jenkins disse que precisávamos derrubar a porta – respondeu o barão. – Cecily está se comportando mal?

– Acho que ela ficou louca!

Foi bem simples para mim, com meu medo do barão, interpretar o papel de lunática, recomeçando a me balançar para a frente e para trás na cadeira, mas dessa vez me permitindo alguns gemidos patéticos.

A baronesa continuou:

– Primeiro ela desmaiou, ou fingiu, e então ela nos trancou para fora, e agora ficou fora de si e se vestiu com o vestido de noiva. Olhe para ela! Indo para a frente, para trás, e de novo, como uma...

Abruptamente, a baronesa de Merganser parou, e quando ela falou, foi com o tom de quem está pegando o comando de uma crise.

– Jenkins, arraste o vigário aqui para cima.

– Sim, senhora – escutei a pobre empregada correndo para baixo.

– Bramwell, venha e fique ao lado de sua noiva.

– Do que você está falando, mãe? – choramingou o cara de sapo.

– Faça o que estou mandando! Não vê o estado em que ela está? E só vai piorar. Você acha que queremos carregá-la para baixo até a capela? Não, a cerimônia pode esperar; devemos casá-lo você com ela, aqui e agora.

Capítulo décimo oitavo

– Que ótima ideia! Há-há! – rosnou o barão.

E, naquele momento terrível, entendi minha relutância instintiva em me esconder dentro do vestido branco. Eu teria que ser a outra metade desse casamento. Eu caíra em uma armadilha. Horrível e irrevogavelmente caíra em uma armadilha...

Besteira, Enola. Você vai se sair muito bem sozinha. Pense.

Apesar de terrivelmente assustada pela reviravolta inesperada dos eventos, cheguei à conclusão de que não estava pior do que antes. Em algum ponto, teria que fugir rapidamente e pronto. E, enquanto todos esperavam pela chegada do vigário, eu continuava a me contorcer e me balançar, a choramingar e gemer, fazendo o melhor para parecer enlouquecida. De um modo perverso meus pensamentos e sentimentos se acalmaram tanto que, apesar da minha situação estranha, estava satisfeita, contemplando a possibilidade da mais inesquecível cena. Como meu irmão Sherlock, eu adorava um momento dramático de vez em quando. Interpretaria meu papel lunático, decidi, até o último momento em que tentariam me fazer dizer “aceito”. Neste ponto, declararia de maneira bem lúcida, “eu definitivamente *não* aceito”, e então... Enquanto todos estivessem em choque e surpresos por ter rejeitado o encantador Bramwell com tanta força, com grande dignidade e decisão, me levantaria da cadeira, rasgaria meu disfarce e sairia triunfante.

Ou, falando de um modo mais realista, correria como se fugisse do diabo.

Mas sem sapatos?

Ah, bem. É preciso ser corajosa; correr ou morrer; certamente Cecily já havia fugido, fazendo com que essa situação tenha valido a pena. Essas eram minhas reflexões enquanto me balançava, me debatia, grunhia e ocasionalmente ofegava para dar um efeito melhor. O vestido de noiva tinha o colarinho alto com contas, duro como aço e muito na moda naquele momento, e essa “coleira de cachorro” – nome bem apropriado para esses casamentos – raspava os lóbulos de minhas orelhas de modo irritante, fazendo-me assobiar de dor enquanto me debatia, estremecia etc. Tenho que agradecer em parte a esse agonizante colar pela qualidade convincente de meu desempenho.

– Isso é muito esquisito – o vigário estava murmurando enquanto Jenkins o trazia.

– Você vê como ela está? – Aquilla exigiu.

– Bem, sim, mas eu gostaria...

– Goste também do quanto você vai ser recompensado, há-há! E continue com isso! – berrou a inconfundível voz.

Alguém, provavelmente Jenkins, colocou um buquê perfumado no meu colo e enfiou algumas flores na minha cabeça oscilante, enquanto os outros se apertavam ao meu redor, empurrando as cadeiras, tomando seus lugares e perguntando uns para os outros quem estava com as alianças. Como se reunisse o gado, Aquilla chicoteava – com sua língua – e em um surpreendentemente breve tempo o vigário, realmente, continuou com aquilo.

– Senhoras e senhores – ele entoou. – Estamos aqui reunidos hoje para celebrar a união desse homem e dessa mulher no sagrado matrimônio...

Sagrado, meu olho. Enquanto continuava a sacudir, convulsionar e assim por diante, prestei atenção no discurso do vigário, esperando minha deixa.

– Se alguém aqui presente sabe de alguma razão pela qual este homem não deve se unir a esta mulher em matrimônio, que fale

agora...

A mesma rotina. Ninguém falou nada.

– ...ou cale-se para sempre.

– Eu poderia pensar em diversas razões – disse uma voz masculina pomposa que vinha da porta.

Meu guincho não foi notado em meio ao choque generalizado, quando todos se viraram para o intruso. O barão exigiu saber:

– Quem é você?

Mas eu já sabia quem era. O pior de todos os possíveis penetras e quem eu temia acima de todos os outros, a pessoa que, no mundo inteiro, tinha o maior poder de arruinar minha vida...

Do mesmo jeito que ele tinha arruinado minha surpresa.

Sinceramente, é impressionante o que um orgulho ferido pode fazer: instantaneamente, um supremo mau humor tomou conta dos meus sentimentos de terror.

Ultrajada...

– Mycroft! – gritei quando me coloquei de pé e arranquei o véu da cabeça. – Maldito seja você, por que não me deixa...

– Em primeiro lugar, embora não seja o motivo principal, a noiva não é quem deveria ser – Mycroft disse com o mesmo tom pontificante, sem piscar, enquanto gritos e exclamações irrompiam de todos os outros.

– ...não, me deixe *em paz!* – em um frenesi de cólera, corri até ele, com as duas mãos erguidas como se fosse arremessar uma pedra, atirei o véu da noiva em sua cabeça.

Pena que não pude parar e admirar o efeito quando o coroei da cabeça até o colete com renda e tule brancos. Tenho certeza de que sua aparência ficou assustadora. Mas, durante o ato, recobrei os sentidos o suficiente para passar correndo por ele. Quando meus braços caíram, o vestido de noiva também caiu do meu corpo, embolando no chão. Eu esperava que Mycroft tropeçasse nele depois de lutar contra o véu. Eu esperava que ele caísse e

machucasse alguma parte daquele enorme corpo. Eu esperava que o beligerante barão o socasse bem no nariz. Sherlock deve ter contado a meu maldito irmão onde poderia me encontrar. Eu o odiava. Odiava os dois. E não fazia ideia por que estava chorando, enquanto descia correndo os degraus do sótão.

Gritos surgiam acima e atrás de mim.

– Atrás dela!

– Pare essa garota miserável!

– Enola! Espere! – ordenou a voz de Mycroft.

Murmurando algo que não posso repetir em resposta a ele, mergulhei em mais escadas e meu pé, protegido apenas pela meia, escorregou e quase caí. Me agarrei ao corrimão para me salvar – o que me deu a abençoada ideia de escorregar o resto do caminho por aquele robusto e polido corrimão de madeira. E assim o fiz, passando voando pelo segundo andar – guardo uma tênue lembrança de rostinhos assustados e satisfeitos, quando passei zunindo por um grupo de órfãs – e do primeiro andar até o térreo. O som dos passos me perseguindo quase desapareceu atrás de mim, e as moradoras do orfanato permaneciam no segundo andar. Ninguém ficou no meu caminho enquanto eu corria pelo corredor – havia alguns mantos e toucas pendurados em pregos; peguei um de cada – e saí pela porta da frente.

Diminuindo a velocidade até um passo acelerado, enquanto atravessava o pátio da frente, limpei as lágrimas de meu rosto, joguei o manto – uma coisa simples azul-marinho – sobre meus ombros, e escondi meu cabelo emaranhado embaixo de uma touca também simples e fora de moda, provavelmente o chapéu de domingo de alguma das matronas.

Enquanto isso, sentado em sua guarita, perto do portão, um homem extremamente velho e magro cochilava, seu queixo apoiado sobre o peito de sua túnica marrom de popelina. Só quando me aproximei, a passos largos, ele despertou rapidamente e me

estudou com os olhos injetados, seu velho cérebro enevoado se perguntava quem eu era e de onde eu vinha.

Assim que sua boca começou a se abrir para perguntar, lhe falei com meu tom aristocrático mais ligeiro, como se pudesse ser um membro da diretoria do orfanato ou talvez uma das fiduciárias.

– Towheedle, você estava cochilando novamente. Que vergonha. Abra o portão.

Pobre homem, ele pulou da cadeira para cumprir a ordem.

Em seguida, perguntei:

– Um cavalheiro alto com uma bengala passou por aqui?

Ele assentiu, inclinou-se um pouco, mexeu no topete.

– Sim, hum... – ele não sabia se devia me chamar de madame ou senhora.

– E a garota foi com ele?

– A pequena com um o leque rosa? Sim, hum...

– Obrigada, Towheedle, isso é tudo.

E realmente era. Tudo. E tudo estava bem.

E tudo estava bem para Cecily Alistair. Seu cabelo cresceria novamente, e ela também cresceria, chegaria a um acordo sobre quem é e encontraria um lugar no mundo; mas, primeiro, iria se reencontrar com sua mãe amorosa.

Ah, ter uma mãe assim...

Afastando-me do orfanato, já não mais me preocupava se o respeitável porteiro havia notado que eu não usava sapatos. Isso não importava. Depois de alguns minutos, fiz sinal para um táxi, que me levou até o metrô, que me levou até o Distrito Leste, de onde segui mancando até minha casa, pensando em me deitar para um muito merecido descanso. Ou, para ser sincera, para indulgenciar em prostração nervosa.

Entretanto, assim que passei pela porta da frente, encontrei a Sra. Tupper, que deu uma boa olha em mim e deixou escapar um

balido, como uma ovelha.

– Srta. Meshle! O que aconteceu com você?

Sua pergunta era extremamente retórica, assim como sua surdez, graças a Deus, o que evitava que eu precisasse dar qualquer resposta mais detalhada. Apesar disso, a doce mulher não tomaria meu gesto de levantar a mão como resposta, e me empurraria até uma cadeira perto da lareira. Ela providenciou para mim uma bacia de água quente na qual enfiou meus pés doloridos, uma tigela de uma nutritiva, para não dizer nociva, sopa de fígado com cevada e iniciou um enorme monólogo:

– Só a pobrezinha sabe como se colocou nessa situação, mas não é da minha conta, só me deixe pentear seu pobre cabelo agora. Você está precisando de saquinho de bálsamo e um curativo de algodão para seus pés machucados, aposto que você saiu e deu seus sapatos para algum pobre miserável, você tem que tomar conta de si mesma, não há coração maior em toda Londres. E como você conseguiu ficar toda arranhada, machucada e com a roupa toda suja e rasgada desse jeito nunca vou entender, coma sua sopa agora e há um pouco de pudim de pão. Pobrezinha, está faminta, o que vou fazer com você?

Mas ela sabia muito bem o que fazer, na verdade, e no momento em que finalmente a agradei e, do calor da minha cama, a observei fechando a porta do meu quarto atrás de si, ouvi seus passos estalando e sua voz trêmula descendo as escadas, eu já estava bem alimentada, de banho tomado e vestida, com o meu pé machucado melhor e meu coração começando a se sentir melhor também.

Eu me sentira muito traída, como sabem, porque Sherlock havia contado a Mycroft por onde eu andava. Mas minha reação havia sido imatura: me dei conta enquanto tentava me recompor para conseguir descansar. Sherlock estava apenas cumprindo seu dever

como achava que devia fazer, e nunca me prometera nada. Em nosso jogo familiar de esconde-esconde, meu irmão jogava limpo.

Irmãos. Mycroft também não havia feito nada – além de ser irritante – que não pudesse ser razoavelmente esperado que fizesse. Não era sua culpa ser quem era, não mais do que era culpa de minha mãe...

Ah, minha mãe.

Enquanto a Sra. Tupper havia sido maternal comigo durante o dia todo, onde estava minha mãe de verdade?

Lembrei-me de minha pergunta em forma de charada:

Narcisos brotam na água, pois ele não tem nenhum.

Crisântemos em vidro, pois ela tem um.

Todos os brotos de Hera falharam em encontrar:

Qual foi a Íris plantada atrás?

Ainda não havia recebido nenhuma resposta. É claro que era cedo demais para esperar uma. Talvez na *Pall Mall Gazette* de hoje. Fechando os olhos, disse a mim mesma que daria uma olhada nela depois de tirar um cochilo.

Mas, mesmo quando eu recebesse minha resposta, que bem isso faria para mim? Nunca em minha vida poderei me lembrar de minha mãe me dando banho, cuidando de mim, me alimentando ou penteando meu cabelo...

Meus olhos se abriram, olhando fixamente para o teto branco, e lágrimas errantes escorreram por meu rosto.

Muito bem. Eu não ia conseguir dormir. Suspirando, enquanto secava as lágrimas, me levantei, peguei um maço de folhas e a minha escrivanhinha de colo, e comecei a desenhar.

Desenhei uma órfã, pois me sentia uma. E depois desenhei a Srta. Cecily vestida como uma órfã, pois ela, uma garota sem o amor do pai, devia se sentir como eu me sentia. Detalhando seu rosto delicado e seus olhos brilhantes, pensei em quantas maneiras

me sentia alma gêmea dela, e como esperava nunca mais vê-la novamente, embora tenha acabado de acontecer. Entretanto, podia esperar que, talvez em alguns anos, quando nós duas crescermos, pudéssemos nos ver com mais frequência e talvez sair para desenhar juntas?

Enquanto isso, Sherlock se certificaria de que ela chegou segura aos braços da mãe. Sentindo um estranho vazio enquanto pensava em meu irmão, desenhei uma rápida caricatura de seu ser alto, e senti meu coração ser preenchido e se aquecer.

Foi a vez de Mycroft. Fiz um rápido estudo para representá-lo com o véu da noiva cobrindo-o até seu inchado colete. Isso me fez sorrir.

Esperando outra razão para sorrir, em seguida desenhei a figura de uma adorável garota com gloriosos cabelos castanhos no qual se aninhava o mais delicado e encantador dos chapéus: eu mesma, com um vestido de passeio azul e uma peruca bem clara, com meu rosto disfarçado pelos pós e pinturas, toda enfeitada carregando uma sombrinha. Linda, por George, mas... mas dificilmente seria a história completa. Eu me desenhei como catadora de lixo, e depois como Ivy Meshle em seu fru-fru barato e seus cachos falsos, e então como uma menina de rua com o chapéu-coco esmagado, um modelo de perfeição para os maltrapilhos.

Mas poderia continuar fazendo isso por muito tempo. Eu deveria desenhar um retrato de minha mãe.

Pegando uma folha limpa, tentei, mas descobri que não conseguia. Eu não conseguia, naquele momento, trazer seus traços de volta à minha memória.

Olhos firmes, jovens, porém sábios.

Nariz reto.

Queixo forte.

Boca esquisita. O sorriso de Mona Lisa.

Um rosto anguloso não muito parecido com o do meu irmão Sherlock, mas essencialmente parecido com o meu?

Fiquei admirada. Era mesmo eu? Enola?

Nunca antes fui capaz de desenhar a mim mesma verdadeiramente. Por que consegui agora?

Meu olhar de desenhista exigia a verdade de mim.

Porque, admito – pelo menos para mim mesma –, sabia a razão do sorriso de Mona Lisa ser tão estranho. Sem dúvida, ela teve uma mãe parecida com a minha. Eu sabia que não iria procurar minha mãe. Não agora, se é que o faria algum dia. Não até que eu sentisse que ela queria me ver.

Mas, encontrando-a agora ou não, eu ainda era Enola.

Maio, 1889

Ivy Meshle, alguns dias depois de voltar a trabalhar para o “Dr. Ragostin”, sente prazer em escrever a seguinte carta a um certo cliente do “Dr. Ragostin”, o general:

Caro honorável senhor:

A respeito de sua lembrança de guerra desaparecida, a saber, um osso da perna assinado pelo cirurgião que o amputou, o Dr. Ragostin fica satisfeito em informar que o recuperou da posse de um certo Paddy Murphy, condutor de táxi, que admite tê-lo adquirido da camareira que trabalha no terceiro andar de sua residência, por quem ele confessou ter um interesse amoroso. Seu plano era exhibir o osso entre suas vulgares companhias, a fim de obter poucos ganhos financeiros. Se o senhor desejar processar o anteriormente mencionado Paddy Murphy, um policial poderá ser enviado para apreendê-lo em Serpentine Mews. Enquanto isso, sua perna se mantém no cofre do Dr. Ragostin e poderá ser retirada quando for conveniente, gentilmente após o pagamento ser feito conforme previamente concordado. O Dr. Ragostin está satisfeito por ter sido capaz de oferecer ao senhor sua humilde ajuda.

Sinceramente,

Leslie T. Ragostin, Ph.D.

conforme ditado à Srta. Ivy Meshle

– Meu caro Mycroft! – o grande detetive, Sherlock Holmes, está francamente surpreso em encontrar seu irmão à porta do 221b da Baker Street; Mycroft dificilmente se desvia de sua costumeira órbita entre seu escritório, sua residência e o Diogenes Club.

– Entre, aceite um charuto e um copo de xerez... não? Algum vento urgente lhe soprou nesta direção?

– Não, apenas uma brisa irritante passando por baixo da porta da minha calma – resmungou Mycroft, assentando seu corpanzil na

melhor poltrona.

– Posso ajudar?

– Duvido, já que você foi idiota o suficiente para deixá-la ir embora.

– Ah... – Sherlock se virou para enfiar seus longos dedos no recipiente de tabaco de seu um pouco excêntrico cachimbo persa. – Nossa irmã. Nunca vou ouvir o restante do incidente, há-há?

– Talvez, quando eu ouvir o restante do incidente com o véu de noiva. Como está Cecily Alistair, falando nisso?

– Muito melhor, sob os cuidados de sua mãe e de sua família. Deduzo que Lady Theodora esteja planejando uma viagem para Viena, para ela e para sua filha, a fim de consultar os alienistas a respeito dos humores “médico e monstro” da jovem.

– Ah. Acham que ela tem dupla personalidade?

– Possivelmente. – Parado sobre o tapete em frente à lareira, Sherlock enchia seu cachimbo favorito, derrubando apenas um pouco de tabaco no processo.

– Bem, sem dúvida um casamento arranjado não seria a cura, pois isso a fecharia ainda mais.

– Na verdade não – bafejando para sugar a chama para o meio do tabaco, Sherlock acendia o cachimbo com um fósforo, já que não havia fogo na lareira naquela época do ano. – Enola e eu cuidamos bem do caso, e você não tem motivos para estar aqui; eu não disse para você se manter afastado?

– Meu caro Sherlock, quantas vezes devo dizer a você que me sinto no dever de *proteger* Enola? Você não estremece ao pensamento de que nossa irmã, sozinha, responsabilizou-se por enganar o visconde Inglethorpe, o barão Merganser e suas formidáveis esposas? Eu não poderia fazer outra coisa a não ser tentar ajudar.

– Duvido que Enola entenda sua interferência como sendo uma ajuda. – Fumar parecia não acalmar Sherlock; na verdade, ele

começou a andar, suas longas pernas levando-o de um lado a outro da sala em poucos e rápidos passos.

Mycroft retorquiu:

– O que ela entende é irrelevante, pois quem iria resgatá-la se não nós, os irmãos dela? Eu desejava ajudá-la naquele dia no Orfanato Witherspoon, assim como desejo agora.

– Agora? – com uma trepidação engraçada, Sherlock fixou o olho em seu irmão mais velho. – No que ela está metida agora?

– Bem, não sei. Não tenho notícias dela. É apenas por causa disto – Do bolso de seu colete Mycroft retirou um recorte do jornal e o entregou para seu irmão.

– Ah – Sherlock o devolveu, sentindo que não havia necessidade de ler, já que vira o recado na *Pall Mall Gazette*:

Narcisos brotam na água, pois ele não tem nenhum.

Crisântemos em vidro, pois ela tem um.

Todos os brotos de Hera falharam em encontrar:

Qual foi a Íris plantada atrás?

Mycroft o espreitava por baixo de suas grossas sobrancelhas.

– O que *estava* escondido atrás do espelho, Sherlock?

– Nada, exceto uma considerável soma em dinheiro, que deposei em um banco, caso ela realmente precise dele. Por quê?

Mycroft respondeu a pergunta com outra pergunta.

– Você acha que ela colocou esse anúncio porque precisa do dinheiro?

– Duvido. Ela me parece bem capaz de pagar um condutor um valor generoso o bastante para se ver livre de qualquer fuga. A respeito do que havia atrás do espelho, imagino que ela esteja apenas curiosa.

– Mas por que uma curiosidade tão forte?

– Por que não? A curiosidade anda de mãos dadas com a inteligência, e a inteligência corre no nosso sangue.

– Inteligência em uma mulher? Bah. Que besteira, Sherlock. É algum assunto do coração que compele nossa irmã a enviar para nossa mãe tais missivas florais. O que você acha que ela quer com esse anúncio?

Franzindo a testa, o grande detetive se manteve imóvel para olhar para seu irmão, mas não conseguiu responder.

Na verdade, Mycroft mal lhe deu tempo para responder, e continuou falando.

– Sei o que Enola espera, e proponho que devemos dar a ela.

– Não entendi.

– Sherlock, é bem simples. A garota é devotada à sua mãe, que a abandonou. Enola sente saudades do afeto da mãe. É isso que ela esperava que você tivesse encontrado atrás do espelho: uma carta de amor da mamãe. E é isso que vamos dar a ela.

Vários segundos se passaram enquanto Sherlock Holmes aspirava seu cachimbo e encarava seu irmão. E, então, ele disse, não como uma pergunta, mas como uma declaração:

– A isca para uma armadilha, você quer dizer.

– Necessariamente, a fim de trazê-la de volta ao âmbito da sociedade civilizada, fornecer a ela uma educação adequada, garantir seu futuro...

– Desejável como devem ser tais objetivos, meu caro Mycroft, acho que um truque é a pior maneira de auxiliar Enola. Não vou mentir para ela.

– Sherlock! Você está dizendo que não vai me ajudar? – Uma explosão de raiva e surpresa colocou Mycroft de pé, ao mesmo tempo em que Sherlock calmamente se sentou.

– Correto – Sherlock Homes esticou o braço até sua mesa e pegou uma folha de papel, dobrando-a repetidas vezes. – Além do mais, devo avisá-lo. Na edição de amanhã você verá uma comunicação de minha parte. Aqui está a cópia que guardei. – Ele

jogou o agora dobrado papel na direção de seu irmão, que foi bem-sucedido em pegá-lo.

Mycroft o abriu e leu:

E.H.: Íris era monetária, e agora está plantada no Shropshire Royal Bank, em seu nome. Lamento não ter dado nenhuma satisfação. Nossa amiga em comum C. A. agradece copiosamente por sua galante ajuda, assim como eu. Com extrema consideração, S.H.

Mycroft estudou aquilo por algum tempo antes de erguer o olhar, sem expressão.

- Bem – ele disse, friamente. – Então é assim que vai ser.
- É assim que vai ser – gentilmente respondeu Sherlock.

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.



[1](#) Tipo de ave que constrói seu ninho com objetos brilhantes que encontra.

[2](#) *Beleza Negra* também é o nome do romance escrito por Anna Sewell, publicado em 1877, que conta a história de um lindo cavalo negro cujo nome dá título à obra (N.T.).

#1 do Wall Street Journal e best-seller do The New York Times

GARY KELLER
JAY PAPASAN

A ÚNICA COISA

O FOCO
PODE TRAZER
RESULTADOS
EXTRAORDINÁRIOS
PARA SUA VIDA

figurati

A única coisa

Keller, Gary

9788542802443

208 páginas

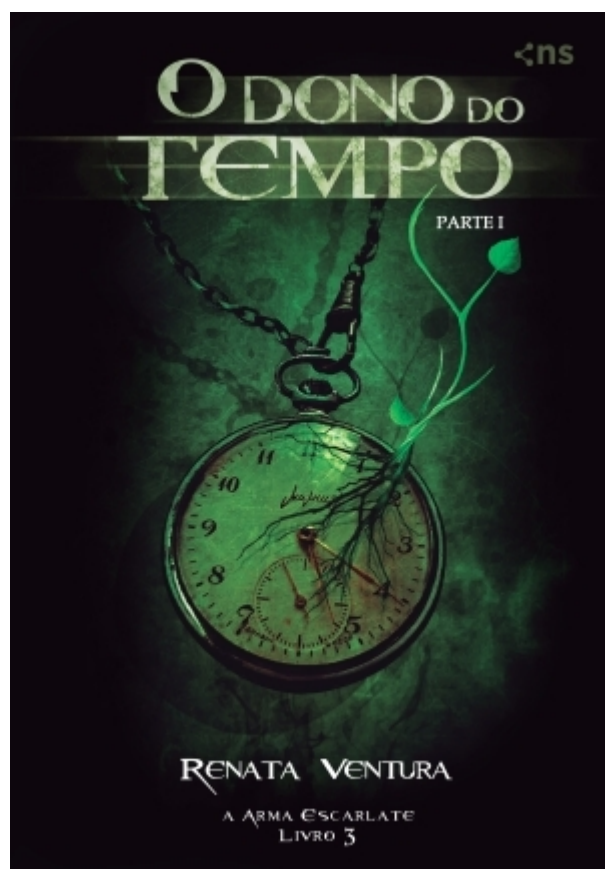
[Compre agora e leia](#)

#1 DO WALL STREET JOURNAL E BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES. MAIS DE 50 MIL EXEMPLARES VENDIDOS NO BRASIL

Ocupado demais para ler um livro? Tudo bem, não há nada de errado em se dedicar a seu trabalho, a sua família, a seu futuro. A questão é: você está focado no que é realmente importante? Você dedica, hoje, a maior parte de seu tempo a alguma coisa, uma ÚNICA coisa, que sintetize seus sonhos, seus desejos, suas aspirações? Os resultados que você obtém são diretamente influenciados pelas escolhas que faz. Alcance resultados extraordinários em todas as áreas de sua vida. Acabe com a desordem de sua rotina, siga e mantenha-se firme em direção a sua meta. Torne-se um mestre no que realmente importa para você. Focando em sua ÚNICA coisa, é possível alcançar mais, fazendo menos. Qual é a sua única coisa?

- O best-seller da editora em uma nova reimpressão.
- Mais de 50 mil exemplares vendidos só no Brasil.
- Este livro ensinará a eliminar a desordem, alcançar melhores resultados em menos tempo, construir ímpeto em direção a objetivos, superar o estresse e outros sentimentos oprimidos, retomar a energia e dominar o que é importante para você.

[Compre agora e leia](#)



O Dono do Tempo

Ventura, Renata

9788542815726

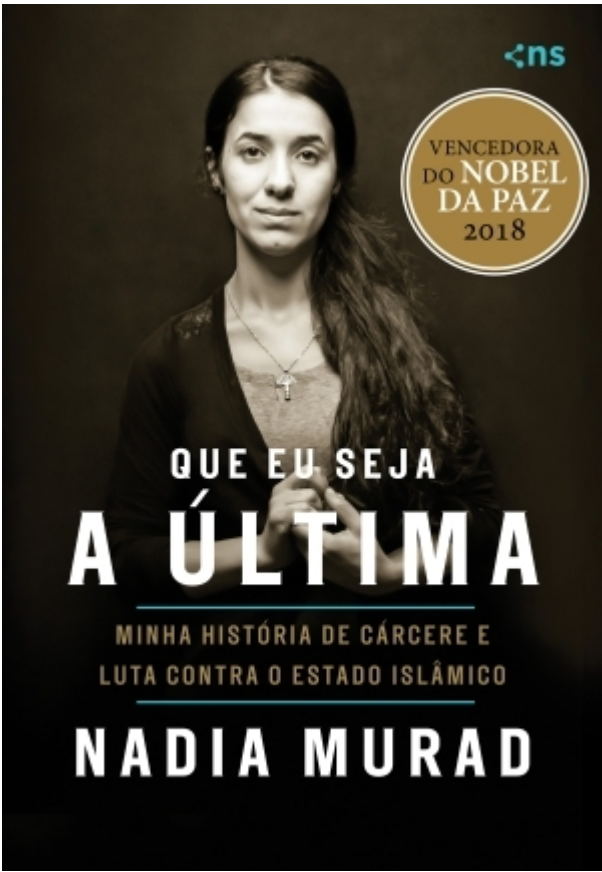
512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Palavras têm poder. Elas podem reerguer uma pessoa ou atingi-la com a força de mil feitiços. Em seu terceiro ano como bruxo, Hugo terá de aprender, de uma vez por todas, que sua varinha vermelha não é sua maior arma, nem a que mais machuca. Após um dos anos mais conturbados na história da comunidade bruxa brasileira, 1999 começa derrubando a porta com todos os cruéis efeitos do ano anterior, e enquanto um dos amigos de Hugo lida com as duras consequências do heroísmo de seus atos, outro precisará muito de sua ajuda. Alguém a quem Hugo feriu mais do que a todos, com suas palavras irrefletidas. Movido pelo remorso e pelo profundo desejo de salvar alguém que tanto admira, Hugo terá de fazer uma perigosa jornada pelo interior da gigantesca floresta amazônica, numa corrida contra o tempo para consertar o inconsertável, porque, como diz a inscrição em tantos relógios antigos pelo mundo... Todas as horas ferem. A última mata. "Hugo tem um potencial tão grande para se tornar uma pessoa boa, que nós comemoramos sempre que ele acerta e nos entristecemos toda vez que ele falha, tornando-o muito real para nós." "The Guardian" "Uma história fascinante! A riqueza, a trama, o desfecho... Eu quase tive um ataque!" Caco Cardassi, canal Caldeirão Furado "Um dos livros mais corajosos e

importantes que já li. Se eu já tinha 'A Arma Escarlate' e 'A Comissão Chapeleira' como meus livros favoritos, eles ganharam um peso ainda maior com 'O Dono do Tempo'. É uma saga que todos deveriam ter como livros de cabeceira." David Ernando, "Paralelismo"

[Compre agora e leia](#)



↵ns

VENCEDORA
DO NOBEL
DA PAZ
2018

QUE EU SEJA
A ÚLTIMA

MINHA HISTÓRIA DE CÁRCERE E
LUTA CONTRA O ESTADO ISLÂMICO

NADIA MURAD

Que eu seja a última

Murad, Nadia

9788542815689

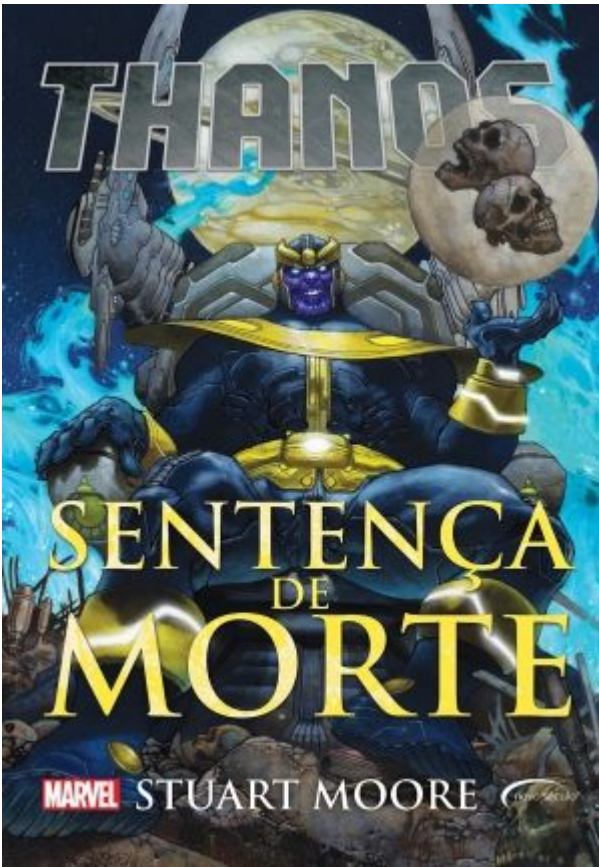
336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Nestas intimistas memórias de sobrevivência, uma ex-prisioneira do Estado Islâmico conta a sua angustiante, mas inspiradora história. Em 15 de agosto de 2014, quando Nadia tinha apenas 21 anos de idade, sua vida terminou. Os terroristas do Estado Islâmico massacraram o povo de sua aldeia, executando os homens que se recusaram a se converter ao Islã, e as senhoras idosas demais para se tornarem escravas sexuais. Seis dos irmãos de Nadia foram mortos, e pouco depois, também a sua mãe. Os corpos foram jogados em valas comuns. Nadia foi transportada à força a Mossul e, junto com milhares de outras moças iazidis, vendida como escrava pelo Estado Islâmico. Nadia fora mantida em cativeiro por vários terroristas, e passou a ser continuamente estuprada e espancada. Contudo, ela conseguiu fugir pelas ruas de Mossul, encontrando guarida no lar de uma família muçulmana sunita, cujo filho mais velho arriscou a vida para contrabandeá-la a um local seguro. Hoje, a história de Nadia — como testemunha das atrocidades do Estado Islâmico, sobrevivente de estupro, refugiada, iazidi — forçou o mundo a prestar atenção ao genocídio em andamento no Iraque. É um chamado à ação, um testamento à vontade humana de sobreviver e uma carta de amor a um país

perdido, uma comunidade frágil e uma família destroçada pela guerra.

[Compre agora e leia](#)



THANOS SENTENÇA DE MORTE

MOORE ,STUART

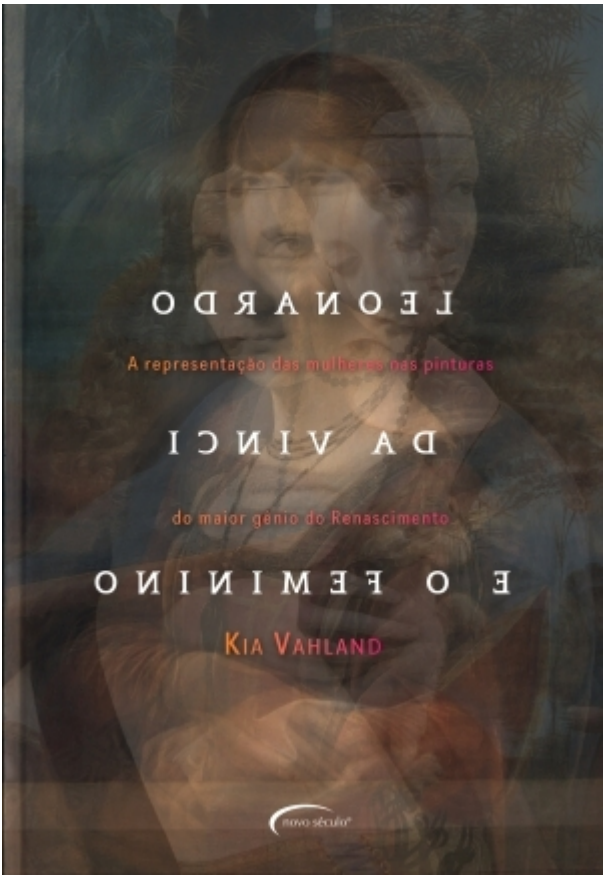
9788542813920

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM ROMANCE INÉDITO ESTRELANDO O MAIOR VILÃO DA MARVEL! É uma luta antiga: Thanos conquista as Joias do Infinito, Thanos perde as Joias do Infinito. O mundo é, então, reconstruído. Desta vez, no entanto, a Morte perdeu a paciência com o poderoso Titã Louco. É hora de mudança. A Morte está cansada de esperar. Essa incessante busca de Thanos pelas Joias do Infinito sempre o definiu. Mas quando os heróis da Marvel o derrotam mais uma vez, a Morte, amada de Thanos, concede-lhe uma última chance. Desprovido de seus poderes e de sua velha pele, Thanos embarca num itinerário cósmico para reafirmar seu poder sobre si mesmo e sobre o Multiverso. "Thanos: Sentença de morte" é uma história original que explora os aspectos mais profundos de um dos personagens mais poderosos do Universo Marvel. Thanos tem em suas mãos a chance de se tornar algo completamente diferente. Ele manterá suas ilusões de grandeza, ou seria este um novo caminho para um deus perdido? Confira neste 19º livro da Série Marvel, trazida a você com exclusividade pela Novo Século.

[Compre agora e leia](#)



Leonardo da Vinci e o feminino

Vahland, Kia

9788542813005

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

UM NOVO OLHAR SOBRE A VIDA E OBRA DO GRANDE GÊNIO 500 ANOS APÓS A SUA MORTE. Com suas inspirações, perspectivas visionárias, máquinas de sonho e estudos de anatomia, Leonardo da Vinci é tido como o precursor dos tempos modernos. Menos conhecido, no entanto, é seu retrato revolucionário da mulher moderna séculos antes de movimentos feministas como Me Too, Time's Up e muitos outros. Antes de Da Vinci, os retratos das mulheres eram sem vida, impessoais e as mostravam principalmente de perfil. Leonardo quebrou esses limites: fez várias de suas cabaías, incluindo Mona Lisa, olharem para o espectador, dando-lhes poder e autoridade, duas coisas que certamente não faziam parte do universo feminino da época. Nesta biografia, a historiadora de arte e jornalista Kia Vahland relata toda a vida de Leonardo e mostra como ele conseguiu se tornar o grande artista da sua época: aliando-se às mulheres. O livro inclui esboços e pinturas que evidenciam a nova abordagem de Leonardo e também mostra como Raphael, Giorgione e o jovem Ticiano foram influenciados pelas mulheres de Da Vinci, enquanto Michelangelo criou imagens masculinizadas que se contrapõem às de Leonardo. Este novo olhar sobre a vida de Leonardo da Vinci explica

como o artista quebrou convicções e, desse modo, desenvolveu uma nova visão da natureza e da arte, das mulheres e dos homens, da ciência, da religião e da política. E, com isso, mudou para sempre a maneira como o feminino é representado.

[Compre agora e leia](#)